



Espaços em Aberto – Dualidades do Corredor Fluvial Ocidental Lisboa / Almada

Ana Micaela Mendes Pereira Marques

Dissertação para obtenção do Grau Mestre em
Arquitetura Paisagista

Orientadora: Doutora Maria Teresa Amaro Alfaiate

Júri:

Presidente: Doutora Maria João Prudêncio Rafael Canadas, professora auxiliar, Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Vogais: Doutora Maria Teresa Amaro Alfaiate, professora auxiliar, Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares Ló de Almeida, professora auxiliar, Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa;

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Teresa Alfaiate, por todo o apoio e acompanhamento, pelos conselhos, pela paciência, exigência e motivação.

À minha família, e em especial aos meus pais por nunca me deixarem desistir, por sempre me apoiarem e confiarem em mim e pela educação que me proporcionaram.

A todos os meus colegas do ISA e amigos que me ajudaram a crescer e me acompanharam durante todos estes anos de aprendizagem. Em especial à Maria Inês Timóteo, ao Daniel Romão, à Patrícia Martins, à Rita Costa, à Guida Carvalho, à Helena Charrua, ao André Bértolo e à Mariana Tomé por sempre me incentivarem, por tudo o que partilhámos e pelo que me ensinaram.

À Inês Pato, à Rita Marques e ao Ricardo Coelho por todo o apoio e amizade.

Ao Gabinete de Estudos Olisiponenses, à Junta de Freguesia de Alcântara e à APAP pela ajuda e informações prestadas.

RESUMO

O comprometimento administrativo e a especulação de terrenos nas margens urbanas, aparentemente com aptidão para a construção e com valores de mercado mais baixo, geram um crescimento e alastramento desmedido da malha urbana, que se estende de forma desorganizada e pouco atenta aos atributos e substratum dos sítios. Enquanto isso, nos tecidos ancestrais vão proliferando os espaços monofuncionais, espaços desativados, ou em discrepância temporal com o espaço envolvente, por vezes desprovidos de uso, os quais designamos de Espaços em Aberto. Estes, entendidos como espaços residuais, nucleares ou intersticiais, apresentam qualidades distintas e grande potencial. Recorrentemente subvalorizados, constituem uma oportunidade na reorganização das cidades e dos seus fluxos e, uma mais-valia na solução de problemas de cariz ecológico, cultural, social e económico podendo e devendo ser lidos integradamente.

Encontrando-se nestes uma oportunidade de reverter e “reciclar cidade”, há necessidade de refletir e sistematizar as suas qualidades e diferenciações, de forma a sustentar propostas mais consistentes de atuação e desenho urbano, qualificado quer no plano espacial quer no plano da sua sustentabilidade.

Pretende-se assim analisar, sinteticamente, o panorama atual dos Espaços em Aberto e considerações que têm vindo a ser tecidas sobre estes, nomeadamente, nas suas várias vertentes/interpretações e, de forma mais aprofundada, o caso particular dos Espaços em Aberto marginais, que se encontram inscritos nas margens do rio Tejo. Elaborar propostas conjuntas para estes Espaços, que reflitam sobre o tipo de relações que estes estabeleceram e estabelecem com o rio, e a forma como estes podem reencontrar o seu papel estruturante e agregador de intervenções de margem fluvial, preservando a sua identidade e particular intensidade, como ativadores da cidade.

Recuperando espaço e trazendo novos usos que permitam uma reorganização da malha urbana, dos hábitos e usos urbanos e de relevação dos registos culturais ligados ao lugar de Lisboa e ao Rio.

Palavras-Chave: Espaços em Aberto, espaços desativados, frente ribeirinha Lisboa/Almada, reconversão, novos usos

ABSTRACT

The administrative commitment and terrain speculation, in the city's outskirts, seemingly having aptitude for construction and low market values, tend to lead to a major growth, widening and spreading of the urban net, thus extending to the periphery in an disorderly fashion way, with very few consistency and lack of identity. In the meantime, on the ancestral core of the urban fabric, the monofunctional spaces, the disabled spaces, the spaces sometimes devoid of use, and the spaces in temporal discrepancy with its surroundings proliferate. For the purpose of this study these spaces will be henceforth designated by Expectant Spaces, "Espaços em Aberto". Understood as residual, nuclear or interstitial spaces, they have nonetheless distinct qualities and great potential. Despite being frequently overlooked, they represent an opportunity in the reorganization of the cities and their fluxes, as well as an asset for the resolution of ecological, environmental, social and economic issues.

Lying in these an opportunity to convert and "recycle the city", there is need to reflect and systematize their qualities and differences in order to sustain more consistent proposals for action and urban design, qualified both in spatial and sustainable plans.

A brief analysis on the actual state of the Expectant Spaces, concepts and interpretations, is expected, as well as a broader analysis, for the specific case of Tejo's waterfronts. A multiple proposal will then be presented for the waterfront's spaces, based the type of connections that have been established and are still being established with the river, how they can find their structural and aggregator role in the city, and work together, in the reactivation of forgotten city areas, in the preservation of the cultural identity, in the reestablishment of new and old uses, that will permit a sustainable reorganization of the urban net and people's habits.

Palavras-Chave: Expectant Spaces, disabled spaces, Lisbon's and Almada's waterfronts conversion, new uses

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT.....	iv
ÍNDICE	v
ÍNDICE DE FIGURAS	vii
ÍNDICE DE PEÇAS DESENHADAS	viii
ÍNDICE DE TABELAS	viii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	viii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Enquadramento.....	1
1.2. Pertinência do tema	2
1.3. Objetivos	2
1.4. Metodologia	3
2. DISCUSSÃO DE CONCEITOS SOBRE O ESPAÇO EM ABERTO	4
2.1. Drosscapes	4
2.2. Brownfields	6
2.3. Terceira Paisagem	7
2.4. Terrain Vague	10
2.5. Vazios Urbanos	13
2.6. Wasteland	15
3. RELAÇÃO ENTRE OS CIDADÃOS E O ESPAÇO EM ABERTO	20
3.1. Como são encarados pela população / psicogeografia	20
3.2. Hortas Urbanas	20
3.3. Exploradores Urbanos	22
3.4. Fotografia	23
3.5. Land Art	24
3.6. Guerrilla Gardners	25
3.7. Comparações com o caso de estudo	25
4. UMA QUESTÃO SEM ESCALA e PLURIESCALAR	26
4.1. Pocket Parks	26

4.2. Parklets	26
4.3. Urban Acupuncture	26
5. TIPOLOGIAS DOS ESPAÇOS EM ABERTO.....	27
5.1. Critérios	29
5.2. Géneros de Espaços em Aberto	32
6. ALGUNS CONCEITOS CONTEMPORÂNEOS DE PAISAGEM	37
6.1. Hybrid Morphologies / Paisagem Dinâmica	37
6.2. Landscape Urbanism	39
6.3. Multifuncionalidade da Paisagem	41
6.3.1. Defensive Architecture	42
6.4. Paisagem cidade-campo	44
6.5. Paisagem Global	45
6.6. Sub-urbanismo	49
7. PROPOSTA	50
7.1. Enquadramento Histórico	50
7.2. Objetivos	59
7.2.1. Oportunidades	59
7.3. Intervenção	61
7.3.1. Margem Norte	61
7.3.1.1. Premissas de atuação	61
7.3.1.2. Proposta para Lisboa	64
7.3.2. Margem Sul	70
7.3.2.1. Premissas de atuação	70
7.3.2.2. Proposta para Almada	73
8. CONCLUSÕES	80
REFERÊNCIAS	81
ANEXOS	85

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 – Espaços em Espera na área metropolitana de Lisboa e na frente ribeirinha de Almada	28
Fig.2 – Desenho esquemático representativo dos Espaços Nucleares.....	32
Fig.3 – Localização deste género de Espaços na área metropolitana de Lisboa e Frente Ribeirinha de Almada (a azul) e espaços em aberto nucleares atualmente em processo de reconversão (azul claro)	32
Fig.4 – Desenho esquemático representativo dos Espaços Residuais	33
Fig.5 – Localização deste género de Espaços na área metropolitana de Lisboa e Frente Ribeirinha de Almada (a verde)	33
Fig.6 – Desenho esquemático representativo dos Espaços Intersticiais	34
Fig.7 – Localização deste género de Espaços na área metropolitana de Lisboa e Frente Ribeirinha de Almada (a amarelo)	34
Fig. 8 – Localização dos 3 géneros de Espaços em Espera na área metropolitana de Lisboa e na frente ribeirinha de Almada	36
Fig. 9 – “Concrete spikes under a road bridge in Guangzhou city, Guangdong, China.” Autor: Imaginechina/REX in <i>The Guardian</i> 18 de Fevereiro 2015	43
Fig.10 – “Renzo Piano and G124 to Transform Italian Suburbs with Shipping Containers” Autor: G124 in <i>Archdaily</i>	43
Fig.11 – Evolução da linha de costa assim como da mancha edificada de Lisboa	53
Fig.12 – Identificação do edificado da frente ribeirinha de Lisboa	54
Fig.13 – Identificação do edificado da frente ribeirinha de Almada	57
Fig.14 – Cortes esquemáticos e levantamento das linhas de festo e de talvegue da área em estudo	58
Fig.15 – Premissas de atuação na margem Norte	62
Fig.16 – Premissas de atuação na margem Sul.....	71

ÍNDICE DE PEÇAS DESENHADAS

Peça desenhada 1 – Pormenor da proposta para a margem Norte	66
Peça desenhada 2 – Pormenor da proposta para a margem Norte	67
Peça desenhada 3 – Pormenor da proposta para a margem Norte	68
Peça desenhada 4 – Pormenor da proposta para a margem Norte	69
Peça desenhada 5 – Pormenor da proposta para a margem Sul	75
Peça desenhada 6 – Pormenor da proposta para a margem Sul	76
Peça desenhada 7 – Pormenor da proposta para a margem Sul	77
Peça desenhada 8 – Pormenor da proposta para a margem Sul	78
Peça desenhada 9 – Pormenor da proposta para a margem Sul	79

ÍNDICE DE TABELAS

Tab.1 – Tabela de classificação e comparação, do levantamento efectuado, dos Espaços em Aberto existentes na área em estudo	35
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAP – Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas

CML – Câmara Municipal de Lisboa

CPP – Companhia Portuguesa de Pescas

EPIC – Ecological Planning, Investigation and Cartography

Fig – Figura

GNR – Guarda Nacional Republicana

IADE – Instituto de Arte e Decoração

RAN – Reserva Agrícola Nacional

REN – Reserva Ecológica Nacional

SIDUL – Sociedade Industrial do Ultramar

Tab – Tabela

1. INTRODUÇÃO

1.1. Enquadramento

As cidades com que nos deparamos atualmente, são o resultado de inúmeras ações/reações, naturais e antropológicas, assim como, de intervenções que foram sucedendo ao longo dos tempos e que as foram moldando. Nelas, encontram-se impressas as marcas deixadas pela ocorrência de vários períodos históricos, movimentos artísticos e ideologias associadas a diferentes épocas. São como um espelho da nossa sociedade, dos nossos hábitos, da nossa cultura, das nossas crenças, das nossas ideias. No entanto, na periferia e, principalmente, no interior da sua densa malha urbana, encontramos “espaços em aberto” (Brito M. M., 2011), espaços que perderam a sua função e que se encontram muitas vezes desfasados, temporalmente e espacialmente, do contexto urbano em que se encontram inscritos. Fruto do rápido crescimento e desenvolvimento das cidades, de uma despreocupação pelo ordenamento do território, da Revolução Industrial no século XIX, e do seu término, e de correntes como o Modernismo. A consequente implementação de medidas de sectorização, associadas a este último, a monofuncionalidade e zonamento da paisagem, bem como, a importância atribuída ao edificado e total desrespeito pela envolvente, estiveram igualmente na base da sua génese.

Deixados à mercê do tempo, numa espera indefinida por novas oportunidades, comportam, no entanto, inúmeras potencialidades que, quando verdadeiramente aproveitadas, se convertem numa mais-valia para as cidades, para os seus habitantes e para um estilo de vida mais saudável, ecológico e sustentável. Trechos de paisagens esquecidos por não servirem, ou já não servirem, os interesses do homem, ainda assim, parte do seu mundo, do “Jardim Planetário”, como lhe chamou Gilles Clément, parte da sua história e de um passado que se arrisca a ser apagado, levando com ele parte da nossa própria identidade.

Assim sendo, é preciso que os traços do passado não sejam esquecidos, que as memórias sejam mantidas vivas, preservando a identidade de cada espaço, os seus ritmos, os seus fluxos e tentando respeitar a sua evolução e continuidade. Adaptá-los às novas exigências conferindo-lhes algum poder de mutabilidade e adaptabilidade, a diferentes escalas, de forma a que possam voltar a desempenhar um papel fundamental no funcionamento da cidade.

1.2. Pertinência do tema

O alastramento desmesurado do tecido urbano e a aparente falta de espaço, mais concretamente, de espaços identitários, multifuncionais, permeáveis, principalmente na densa malha urbana que constitui a maioria das grandes cidades, leva-nos a procurar soluções que consigam contornar esta questão vital para o bem-estar físico e psicológico dos seus habitantes e para um correto desenvolvimento e ordenamento do território. As cidades são cada vez mais “fechadas”, sem espaços livres para o usufruto da população, que proporcionem a prática de usos relacionados com o lazer, produção e sustentabilidade, atividades ao ar livre, de âmbito cultural e social e práticas desportivas. O contacto direto entre as pessoas vai-se tornando mais esparso, pois há falta de lugares públicos que permitam o convívio e o encontro de gerações, assim como o contacto com a terra, com a natureza, que parece uma situação cada vez mais longínqua num mundo cada dia mais digital.

A necessidade de refletir sobre esta temática tornou-se mais evidente após a Trienal de Arquitetura de Lisboa, realizada em 2007, cujo tema foi precisamente “Vazios Urbanos”. No entanto, é um problema que está longe de estar resolvido, continuam a existir inúmeros espaços em aberto e, certamente, existirão mais no futuro devido às dinâmicas existentes. Áreas edificadas serão desativadas, construções de novas infraestruturas influenciarão o aparecimento de espaços intersticiais, que perderão o seu uso interior ou ligação com a restante malha urbana, e a facilidade de deslocação contribuirá para a expansão das cidades e proliferação das áreas suburbanas e um abandono dos centros.

Com base na situação atual é, assim, pertinente pensar sobre novas formas de agir sobre o território que solucionem os problemas existentes e evitem os que poderão advir, tentando sempre englobar as várias escalas espaciais e temporais, bem como, fundamentar uma multifuncionalidade dos espaços, incentivando assim uma maior durabilidade. O recurso a estes espaços, agora sem uso, pode contribuir para atenuar os efeitos nefastos da densificação do território urbanizado, atribuir coesão ao tecido urbano, perpetuar a nossa história e a nossa cultura, incentivar a produção local, a sustentabilidade ecológica e económica e o bem-estar das pessoas.

1.3. Objetivos

- Perceber os diferentes conceitos e terminologias a estes Espaços associados, no que coincidem e no que diferem;
- Identificar os Espaços em Aberto existentes na Frente Ribeirinha de Lisboa e Almada;

- Perceber como se relacionam, o que têm ou não em comum e em que género de Espaço em Aberto se enquadram, segundo as várias tipologias e critérios estipulados;
- Entender o rio como um Espaço em Aberto, um espaço canal dinâmico que estabelece relações com as margens e eventualmente com os Espaços em Aberto identificados;
- Constatar a importância do rio, do sistema hídrico e da topografia na implementação, desenvolvimento e crescimento da estrutura urbana das cidades de Lisboa e Almada.
- Compreender as diferentes interpretações e conceptualizações feitas sobre a Paisagem ao longo dos tempos;
- Discutir criticamente os diferentes conceitos contemporâneos de paisagem e analisar de que forma estes podem contribuir para compreender e intervir nas paisagens com que nos deparamos atualmente;
- Compreender a evolução e as dinâmicas existentes nas duas margens tendo em conta as vertentes cultural, ecológica e espacial;
- Elaborar um programa de intervenção para a área em estudo visando a sua recuperação e integração na malha urbana e na vida da população;

1.4. Metodologia

Este estudo resulta de um aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no trabalho de grupo efetuado na disciplina de Tópicos da Arquitetura Paisagista, sobre os “Vazios Urbanos na Linha de Cintura Interna de Lisboa”. Pretende averiguar como são e como funcionam os Espaços em Aberto marginais, associados a um espaço canal, o rio. Enquanto no trabalho anterior se analisaram as ligações estabelecidas a partir da ferrovia, que ligava os vários espaços, neste caso o elemento de ligação é o rio Tejo (ele próprio considerado um espaço em aberto) bem como as antigas linhas de costa de Lisboa e Almada.

A opção pelo uso do termo “Espaços em Aberto” deriva da revisão bibliográfica efetuada sobre os vários conceitos existentes e na falta de consenso no que diz respeito à sua terminologia, no facto de as várias designações se completarem e na necessidade de usar um único termo concreto para o desenvolvimento do estudo facilitando a sua leitura e compreensão. Este termo surge previamente em 2011 na dissertação de mestrado de Miguel Brito, orientada pela doutora Maria Teresa Amaro Alfaiate.

Foi também efetuada uma revisão bibliográfica sobre os conceitos contemporâneos de paisagem, numa tentativa de compreender melhor o panorama atual das paisagens urbanas e qual o caminho a seguir na inclusão dos Espaços em Aberto nas novas dinâmicas da cidade.

Paralelamente, procedeu-se a uma análise das características estruturais, morfológicas, naturais e culturais das áreas em estudo e a um levantamento das potencialidades, o que permitiu a elaboração de um programa de intervenção. Dentro deste foram definidas várias propostas, uma para cada um dos espaços selecionados em cada uma das margens, mas que funcionam de uma forma conjunta e interligada. O seu principal objetivo é fundamentar a ativação destes espaços, devolvendo-os à cidade e aos seus habitantes, contribuindo para uma vida mais saudável e sustentável quer a nível ecológico quer a nível económico.

2. DISCUSSÃO DE CONCEITOS SOBRE O ESPAÇO EM ABERTO

Vazios Urbanos, Terrain Vague, Terceira Paisagem, Drosscapes, Wasteland, Brownfields, Espaços de Não - Cidade, Espaços Sem Nome, Espaços em Aberto, são apenas algumas das muitas terminologias que foram surgindo ao longo dos anos para caracterizar um conjunto de espaços particulares com um uso indeterminado. Apesar das subespecificações e discrepâncias que possam existir entre os diferentes termos, e diferentes autores, todos estão associados a uma ideia de um espaço negligenciado, deixado ao abandono, ao qual não foi associada nenhuma função/uso.

2.1 Drosscapes

O termo “dross” remete-nos para algo de fraca qualidade, a parte com menos valor de algo, um desperdício, principalmente aquele que resulta do derretimento de metal. (Oxford Advanced Learner’s Dictionary, 2005)

Alan Berger, professor de Arquitetura Paisagista e Design Urbano no Massachusetts Institute of Technology, apresenta-nos as “Drosscapes”, conceito que criou para definir espaços dentro das cidades que ficaram abandonados, obsoletos e deixados ao acaso, após a desindustrialização, bem como, espaços mais “recentes” na história do desenvolvimento das cidades que se localizam, ao contrário dos anteriores, nas suas periferias e que resultaram de uma rápida e não planeada expansão urbana. Na base do abandono de zonas mais centrais e da expansão e conseqüente degradação de áreas periféricas, segundo Alan Berger, está o desenvolvimento dos meios de comunicação, de

novos modelos de produção e na redução dos custos de transporte quer de pessoas quer de mercadorias. (Berger, 2006)

"Drosscapes are large tracts of abused land on the peripheries of cities and beyond, where urban sprawl meets urban dereliction: landscapes of wasted land where the planners gave up. They are a world of contaminated former industrial sites, mineral workings, garbage dumps, container stores, polluted river banks, and sewage works" (Berger, 2006)

Berger alerta para a necessidade de se pensar sobre estes terrenos, de os saber ligar e integrar corretamente nas estratégias de desenvolvimento urbano e de ordenamento do território e de saber gerir os seus usos. É importante que antes de se atribuir um novo uso a estes espaços, eles sejam devidamente pensados e estudados, averiguando-se se devem ser utilizados, se estão aptos para tal, ou que medidas devem ser tomadas para corrigir problemas, nomeadamente, a nível da poluição e toxicidade que possam apresentar e que, a manterem-se, mesmo não sendo visíveis, poderão pôr em risco a saúde pública das comunidades que os ocupem e serão um fator prejudicial à regeneração da natureza.

"Drosscapes may be visually pleasing. Wasteful landscapes are purposefully built within all types of new development located on the leading, peripheral edges of urbanization. The designer must discern which types of "waste" may be productively reintegrated for higher social, cultural, and environmental benefits. " (Berger, 2006)

Tratando-se as cidades de sistemas dinâmicos, abertos, onde ocorrem fluxos de energia e transformações, funcionando de forma semelhante a um organismo vivo no qual os seus componentes, como os edifícios, estruturas e paisagem se encontram igualmente em constante transição, não são permanentes mas sim efémeros, deverá então ser aceite que, segundo os desígnios da termodinâmica, o "desperdício" não planeado fará sempre parte deste sistema. "Like a biological organism, the urbanized landscape is an open system, whose planned complexity always entails unplanned dross in accord with the dictates of thermodynamics." O que se pretende aqui não é portanto erradicar o "desperdício" mas sim integrá-lo e adaptá-lo a novas estratégias e planos para um melhor funcionamento futuro das cidades. "The challenge for designers is thus not to achieve drossless urbanization but to integrate inevitable dross into more flexible aesthetic and design strategies." (Berger, 2006)

A flexibilidade é também um fator importante a ter em conta, a adaptação a vários usos, não fechando em si próprio uma ideia pré-definida, permitirá que estes espaços vão evoluindo e vão acompanhando as necessidades e o desenvolvimento das cidades ao longo dos tempos aumentando, assim, a sua durabilidade. No entanto, os programas também não devem ser

deixados demasiado em aberto evitando dar aso a uma má gestão dos mesmos, no futuro. “Drosscapes require design to be implemented as an activity that is capable of adapting to changing circumstances while at the same time avoiding being too open-ended as to succumb to future schemes that are better organized.” (Berger, 2006)

2.2 Brownfields

O termo “brownfield” tem um carácter mais restrito do que várias das outras terminologias aqui analisadas. Remete, como se pode ler na legislação americana, para uma ideia de uma propriedade em que a viabilidade do seu uso atual é dificultada por situações de elevada toxicidade, presença de materiais perigosos, detritos e poluentes, que constituem um perigo para a saúde pública e para o ambiente. “With certain legal exclusions and additions, the term “brownfield site” means real property, the expansion, redevelopment, or reuse of which may be complicated by the presence or potential presence of a hazardous substance, pollutant, or contaminant.” (Public Law 107-118 (H.R. 2869) - “Small Business Liability Relief and Brownfields Revitalization Act” signed into law January 11, 2002)

Segundo a Ireland Brownfield Network, “brownfields” é o nome que se atribui aos terrenos que:

- foram afetados pelo seu uso anterior ou pelo uso feito de terrenos circundantes;
- estão degradados e subaproveitados;
- podem apresentar problemas de contaminação;
- requerem intervenção de forma a que o seu uso benéfico lhes seja reatribuído.

No entanto, cada vez mais se tem assistido a uma necessidade crescente de agir sobre estes locais e da importância do papel dos arquitetos paisagistas nessa tarefa de reabilitação, de remendar o que o homem um dia degradou e devolver esses espaços quer à comunidade, quer à natureza. “More and more, the task for European landscape and urban designers is in postindustrial (and post-agricultural) brownfield sites and interstitial terrain vague sites.” (Kelly Shannon, 2006)

Estes locais estão repletos de memórias, potencialidades e intimamente relacionados com a paisagem e, por conseguinte, com a arquitetura paisagista, como nos diz Julia Czerniak “To think about landscape is to think about site.” (Czerniak, 2006).

Os brownfields constituem, também, elementos de estudo importantes para a ecologia, como é defendido no livro “A Terceira Paisagem” de Gilles Clément, porque, de certa forma, acabam por se tornar em locais ricos em biodiversidade, sendo assim possível estudar a ecologia urbana destes espaços, ao mesmo tempo que se procede à sua “reapropriação”.

(Berger, 2006) Esta diversidade ecológica deve-se em grande parte à destruição da comunidade Clímax, o que permite que espécies primárias e secundárias, agora libertas da competição, se voltem a apropriar do local e vão evoluindo, adaptando-se às novas condições.

Most designers quite successfully embrace a site's conventional characteristics, such as its highly valued ecologies, views, and terrain, but only a few creatively address a site's contemporary challenges, such as remediating its brownfields.” (Julia Czerniak, 2006)

2.3 Terceira Paisagem

Para Gilles Clément a “terceira paisagem” representa “um refúgio para a diversidade e dela fazem parte o conjunto formado pelos resíduos, pelas reservas e pelos conjuntos primários. Os **resíduos** representam os terrenos que já foram anteriormente explorados, independentemente da atividade, quer seja industrial, agrícola, urbana ou turística. Os que se encontram dentro das cidades apresentam dimensões reduzidas e são escassos, enquanto que, os das periferias são geralmente grandes e numerosos. Tendem a evoluir para uma paisagem secundária que procura um equilíbrio (por exemplo um bosque secundário). Estas paisagens secundárias são ainda caóticas e heterogêneas e resultam de sucessões de espécies que vão sendo cada vez mais estáveis. O seu número vai aumentando em consequência do crescimento das cidades e dos meios de comunicação, mas isto não significa, obrigatoriamente, a expansão da terceira paisagem, apenas o aumento da sua fragmentação. Esta fragmentação dos resíduos leva a uma diminuição do número de espécies, como resultado da redução das dimensões do território que representa um grande peso nestas questões. No que diz respeito às **reservas** são, em oposição aos resíduos, terrenos não explorados, surgem como o negativo dos territórios antropizados e encontram-se nesta situação, como espaços que “restaram” por a sua exploração ser inviável, ou não rentável. São ainda conjuntos protegidos de qualquer tipo de exploração humana. Os **conjuntos primários** são também espaços que nunca foram explorados, que podem evoluir de forma lenta, ou não evoluir, e as espécies que neles habitam encontram-se bem estabelecidas (clímax). São os que possuem a maior diversidade. Tanto os **conjuntos primários** como as **reservas** constituem espaços naturais.

“The Third Landscape – an undecided fragment of the Planetary Garden – indicates the sum of the spaces in which man gave up to nature in the evolution of the landscape. It regards urban and rural forgotten places, spaces for transit, industrial wastelands, swamps, moors, bogs, but also the sides of roads, rivers and train tracks. The whole of these forgotten places are reserves. De facto reserves are: unaccessible places, mountain tops, uncultivated

places, deserts; Institutional reserves are: national parks, regional parks, «natural reserves»”. (Clément, 2007)

Em suma, e segundo Clément, a terceira paisagem não tem escala e é representada pelos fragmentos de paisagem, espaços desprovidos de função, de decisão ou definição, são diversos, com dimensões consideráveis, mas variáveis, sem nenhuma semelhança entre eles (no que diz respeito à forma), são unitários e vastos. O único aspeto que parece ligá-los é o facto de, como já foi mencionado, constituírem um refúgio para a diversidade. Resultam da “manta de retalhos” que muitas vezes são os territórios, ou seja, da divisão destes em parcelas, da forma como os habitats acabam por ficar dispersos, (dando origem ao conceito de “stepping stones” e à necessidade de estabelecer ligações que permitam os fluxos das espécies) e do relevo, que influencia na escolha dos territórios a serem utilizados e colonizados em detrimento de outros. A geografia e a sociedade mostram-se assim como dois focos importantes nesta questão.

Para a sociedade a Terceira paisagem é considerada como:

- um espaço de natureza (ao pertencer a uma dada instituição o que o insere no conjunto das reservas);
- um espaço de ócio;
- um espaço improdutivo (abandono da Terceira paisagem por parte da instituição, constituindo assim os resíduos);
- um espaço sagrado (insere-se também na categoria de reservas).

Quando a Terceira paisagem se encontra ao cargo de uma determinada instituição isso leva a que critérios positivos sejam estabelecidos, a que limites precisos sejam fixados, a que os usos sejam definidos e a que seja estabelecida uma legislação, direitos e seguros. Os motivos de abandono de um local por parte de uma instituição residem muitas vezes numa exploração impossível ou irracional, numa exploração não rentável, num espaço que se encontra destruído, impraticável, incómodo, num espaço que sobrou, que fica na periferia ou nas franjas da cidade, um espaço sem segurança e em espaços que não podem ser reivindicados, ou que se encontram sem expectativas para o futuro.

“ El abandono del Tercer paisaje por parte de la institución coincide con:

- un punto de vista desvalorizador: erial, resíduo, escombros, vertedero, terrain vague;
- un punto de vista moralizante: lugares sagrados, lugares prohibidos.” (Clément, 2007)

O autor afirma ainda que o abandono da Terceira paisagem está relacionada com um aumento e desenvolvimento da diversidade “ El abandono del Tercer paisaje por parte dela institución garantiza el mantenimiento y el despliegue de la diversidad. (...)Debido a su dispositivo heterogéneo, a su inconstancia y a su desmesura temporal, el Tercer paisaje se presenta como el território de la invención biológica.” Pode-se, daqui, concluir que a alteração (abandono) da ocupação/uso de um espaço vai permitir que as comunidades pioneiras se voltem a instalar e, mais tarde, deem lugar a comunidades secundárias que vão evoluindo para comunidades cada vez mais estáveis até atingirem o Clímax. Estas comunidades pioneiras só surgem quando as comunidades estáveis desaparecem (como acontece, por exemplo, depois de um incêndio), pois são as que estão mais adaptadas às condições desfavoráveis do meio. A sua colonização vai fazer com que esse meio se desenvolva, fique mais rico e possam assim surgir outras espécies. Desta forma percebe-se o que transmite quando diz que “La modificación de las formas, la sucesión de las especies, los mecanismos de la evolución próprios del Tercer paisaje son incompatibles com la noción de patrimonio.” ou seja, ao classificarmos como patrimônio, ao tomarmos uma atitude de conservação e não de preservação, ajudará a que as dinâmicas sejam quebradas. Não existe evolução, nem desenvolvimento, nem sucessões ecológicas, mas sim como que um parar no tempo, a paisagem fica por assim dizer estagnada. Para preservarmos uma paisagem isto implicaria não lhe mexer, deixá-la como está que a própria natureza se encarregará de a regenerar.

No entanto, não se deve, recorrentemente, tomar esta atitude de passividade, principalmente em relação aos resíduos pois, apesar do forte poder regenerador da natureza, o Homem contaminou de tal forma certos locais que o tempo de recuperação natural, quando possível, seria demasiado longo, já para não falar de materiais e substâncias criadas por nós, que não existem naturalmente na Natureza e, como tal, esta não sabe como as decompor, como se desfazer delas. E porquê continuar a expandir ou ocupar outros territórios quando, possivelmente, o melhor seria recuperar o que em tempos se ocupou e deixou degradar? A reutilização de territórios, o aproveitar o que já existe poderá não só trazer benefícios do ponto de vista ecológico, dar uma maior coesão à “manta de retalhos”, assim como, aumentar a segurança. Alguns exemplos a ter em conta são, em Lisboa, a recuperação da zona ribeirinha, hoje conhecida como “Parque das Nações” que, atualmente, pode ser usufruída pela população, tendo aproximado novamente a sua ligação com o rio.

Vale a pena referir que as paisagens abandonadas existirão sempre, pois como o autor refere, estas resultam do ordenamento, haverá sempre espaços à espera de algo, por oposição aos espaços urbanizados. “Un espácio vital desprovisto de Tercer paisaje seria

como un espírito desprovido de inconsciente. Esta situación perfecta, sin demonio, no existe en ninguna cultura conocida.” (Clément, 2007)

2.4 Terrain Vague

Ignasi de Solà - Morales, arquiteto, filósofo e historicista catalão, usou o termo “terrain vague” para se dirigir a estes mesmos espaços que ele categorizou como sendo “obsoletos, improdutivos, sem limites, não definidos, abandonados”. A palavra terrain surge do vocabulário francês e remete para um contexto urbano, de terreno expectante de um uso, de ser “construído”, que pode ser explorado e que eventualmente já o terá sido. Por seu lado “vague”, segundo a terminologia alemã, transporta-nos para o “movimento do mar” e, assim sendo, para um estado de “oscilação, instabilidade e flutuação” o que faz lembrar a incerteza em que se encontram estes espaços, enquanto esperam por um destino, por decisões que parecem ir e vir como a maré, que variam consoante os interesses e a economia e mantêm estes locais presos num impasse. Regressando novamente à terminologia francesa, “vague” remete para a noção de “vago”, “sem ocupação” e “vácuo” enquanto que, na inglesa, surge expressa, igualmente, a ideia de “vazio”, “desocupado” mas, também de “livre”, “disponível”, “expectante”, que demonstra a existência de um futuro, de novas possibilidades e, assim sendo, uma conotação mais positiva. “The relationship between the absence of use, of activity, and the sense of freedom, of expectancy is fundamental to understanding the evocative potential of the city’s terrain vagues. Void, absence, yet also promise, the space of the possible, of expectation.” “Vague” pode também ainda ser entendido como “indeterminado, impreciso, incerto, turvo” e esta aparente falta de limites, de definição, que poderia inicialmente ser vista como algo negativo é na realidade uma abertura a novas possibilidades, transmite “liberdade e movimento”. São no entanto considerados do ponto de vista económico como espaços de “não-cidade” e encontram-se desta forma fora dos seus circuitos, da sua zona produtiva onde as atividades do dia-a-dia acontecem. “These strange places exist outsider the city’s effective circuits and productive structures. From the economic point of view, industrial areas, railway stations, ports, unsafe residential neighborhoods, and contaminated places are where the city is no longer.” Continuando, ainda assim, agregados à cidade sob um ponto de vista físico “In short, they are foreign to the urban system, mentally exterior in the physical interior of the city, its negative image, as much a critique as a possible alternative.” (Solà-Morales, 1995)

Estes locais inóspitos não deixaram, no entanto, de exercer um certo fascínio no decorrer de 1970 entre fotógrafos urbanos, que veem a sua natureza e condição humana neles espelhados, espaços repletos de memórias, de romantismo, mas também de incertezas e de inseguranças alimentadas pela sua vastidão. Parecemos não pertencer neles, embora

fisicamente façam parte da “nossa cidade”, sentimo-nos como estranhos, o que ao mesmo tempo, e por estranho que possa parecer, aguça uma vontade de percorrer estes espaços de os tentar ler e decifrar e de, em última análise, nos encontrarmos a nós próprios, ao nosso passado e ao nosso futuro. “The romantic imagination, which still survives in our contemporary sensibility, feeds on memories and expectations. Strangers in our own land, strangers in our city, we inhabitants of the metropolis feel the spaces not dominated by architecture as reflections of our own insecurity, of our vague wanderings through limitless spaces that, in our position external to the urban system, to power, to activity, constitute both a physical expression of our fear and insecurity and our expectation of the other, the alternative, the utopian, the future.” (Solà-Morales, 1995)

O capturar destas imagens como que liberta para o despertar de uma realidade, e dos problemas éticos e estéticos nela envolvidos, e da influência na vida social contemporânea. “Empty, abandoned space in which a series of occurrences have taken place seems to subjugate the eye of the urban photographer. Such urban space, which I will denote by the French expression *terrain vague*, assumes the status of fascination, the most solvent sign with which to indicate what cities are and what our experience of them is.” (Solà-Morales, 1995)

Perguntas relativas a que destino dar a estas áreas começam a surgir. “What is to be done with these enormous voids, with their imprecise limits and vague definition?” Várias sugestões começam a ser apontadas. Para a arte, estes espaços “estranhos e alternativos” devem ser preservados. E se na ecologia se assiste a uma luta pela preservação dos espaços não poluídos, já a arte contemporânea debruça-se sobre a preservação dos territórios dentro das cidades. Também os espaços abandonados que se encontram nas margens ou nas periferias da cidade parecem despertar o interesse, não só de fotógrafos, como já foi mencionado, mas também de artistas das mais diversas áreas, que procuram o mesmo refúgio, a mesma liberdade, que estes espaços parecem oferecer, em oposição à natureza claustrofóbica e de excessos das cidades. “Filmmakers, sculptors of instantaneous performances, and photographers seek refuge in the margins of the city precisely when the city offers them an abusive identity, a crushing homogeneity, a freedom under control. The enthusiasm for these vacant spaces – expectant, imprecise, fluctuating – transposed to the urban key, reflects our strangeness in front of the world, in front of our city, before ourselves.” (Solà-Morales, 1995)

É também em 1970 que surge o movimento da Land Art, associada com a necessidade que os artistas sentem de expor fora museus, de atingir novas escalas, de fazer com que as suas obras estabeleçam relações de reciprocidade com a natureza. Sente-se, novamente,

um desejo de libertação, de explorar novos territórios, de ir mais além, de interagir com a paisagem e, não apenas, contemplá-la. Parte das obras que se inserem neste estilo têm por trás a forte temática do alertar para os problemas de poluição, que cada vez mais se faziam e fazem sentir, resultantes de todo um progresso e industrialização das cidades. Exemplos disto são o projecto de Michael Heizer “Effigy Tumuli”, nas minas de carvão abandonadas de Buffalo Rocks em Illinois, ou o de Jean Paul Ganem que o idealiza como sendo “jardins para locais onde a paisagem foi esquecida, propondo um novo olhar sobre as coisas.” A obra aqui referida tem por nome “Le Jardin des Capteurs” e situa-se num antigo aterro sanitário em Montreal.

“Another fact in landscape recovery is the emergence of land art since the 1970s. This continues to draw attention to landscape, this time as visceral and elemental art form. Here, landscape is both the venue (site) and material (medium) of artistic expression. Bound into the passage of time and natural process, the uniqueness of site and material circumstances makes landscape a more engaging and ephemeral phenomenon than that of distant scenery or pictures. In the hands of artists such as Robert Smithson, Michael Heizer, Walter de Maria, Christo, Robert Morris, Herbert Bayer, and James Turrel, landscape is less a scene for contemplation and more a shifting, material field of natural process engaged through motion and time” (Corner, 1999)

Regressando à problemática, que destino se deve dar aos *terrain vague*, e refletindo novamente sobre os pensamentos de Solà-Morales, este manifesta temer que a arquitetura e o desenho urbano se imponham à natureza destes espaços, aos seus fluxos, ao seu tempo, inserindo formas, usos e identidades que nada respeitam o espírito do lugar e que se traduzem nos excessos a que, em 1970, os fotógrafos e artistas quiseram escapar.

“When architecture and urban design project their desire onto a vacant space, a *terrain vague*, they seem incapable of doing anything other than introducing violent transformations, changing estrangement into citizenship, and striving at all costs to dissolve the uncontaminated magic of the obsolete into the realism of efficacy. To employ a terminology current in the aesthetics underlying Gilles Deleuze’s thinking, architecture is forever on the side of forms, of the distant, of the optical and the figurative, while the devided individual of the contemporary city looks for forces instead of forms, for the incorporated instead of the distant, for the haptic instead of the optic, the rhyzomatic instead of the figurative.” (Solà-Morales, 1995)

Também o modernismo é posto em causa e evidencia-se a necessidade de pensar de uma forma diferente da trazida por esta corrente que grande influencia teve no aparecimento destes espaços. Durante esta época não havia individualidade, tudo era igual, módulos

copiados e repetidos vezes sem conta, como o filme “Play Time” de Jacques Tati (1967) tão bem ilustra. Não eram tidas em conta preocupações com o espaço envolvente, assistia-se a uma sectorização, um zonamento da paisagem e a um aparecimento de espaços intersticiais, sem função que, mais tarde, o pós-modernismo vai tentar resolver. Há também durante o modernismo uma perda da escala dos espaços identitários, uma perda dos espaços abertos, como sendo jardins, praças, ruas, com os quais estabelecemos relações. O único espaço identitário que podemos identificar na cidade acabam por ser, de certa forma, os edifícios.

“Today, intervention on the existing city, in its residual spaces, in its folded interstices can no longer be either comfortable or efficacious in the manner postulated by the modern movement’s efficient model of enlightened tradition.” (Solà-Morales, 1995)

Assim sendo, coloca-se novamente a questão “o que fazer com estes espaços?” Ou como diz Solà – Morales “How can architecture act in the *terrain vague* without becoming an aggressive instrument of power and abstract reason?” A resposta que apresenta assenta, então, em princípios básicos que não devem ser esquecidos quando se encaram os *terrain vague*. É imprescindível ter em conta os fluxos, as energias, os ritmos da natureza e do próprio local, a noção de continuidade a eles associada, a manifestação do tempo sobre a paisagem e a perda dos limites.

“Undoubtedly, through attention to continuity: not the continuity of the planned, efficient, and legitimated city, but of the flows, the energies, the rhythms established by the passing of time and the loss of limits.” (Solà-Morales, 1995)

Apresenta-nos ainda a visão de Marquand que se apoia também nesta noção de continuidade, no tempo e no espaço.

“Marquand proposes the notion of continuity in contrast to the clarity and distinctness with which the strange world presents itself to us. In the same way, we should treat the residual city with a contradictory complicity that will not shatter the elements that maintain its continuity in time and space.” (Solà-Morales, 1995)

2.5 Vazios Urbanos

Na Trienal de Arquitetura de Lisboa (2007) estes mesmos espaços foram apelidados de “Vazios Urbanos” e foram descritos como “ espaços expectantes, mais ou menos abandonados, mais ou menos delimitados no coração da cidade tradicional, ou mais ou menos indefinidos nas periferias difusas. São manchas de “não-cidade”, espaços ausentes,

ignorados ou caídos em desuso, alheios ou sobreviventes a quaisquer sistemas estruturantes do território.”

O comissário geral da Trienal, José Mateus, assinalou a importância destes espaços para as cidades, como podem ser o reflexo das mesmas, como devem ser tidos em consideração, não só pela sua importância ao nível físico, mas também, pelo impacto que têm na memória coletiva dos cidadãos e pela identidade outrora neles existente.

“Na cidade contemporânea um dos maiores recursos para a sua reavaliação reside nos lugares degradados, “obsoletos”, ou marginais, que encontramos disseminados desde o tecido urbano consolidado às periferias. Formam uma verdadeira rede de hipótese que, quando avaliadas em conjunto, podem produzir um profundo impulso reformador da cidade. Vazios Urbanos, Brownfields, Terrain Vague ou Espaços Banais são designações comuns para estes lugares que deveriam estar presentes, de forma consciente e concertada, nos planos estratégicos das cidades.” (Mateus, 2007)

A presença destes espaços, destas ruturas, no tecido urbano, evidencia falhas a nível do ordenamento, uma cidade que sabe usufruir e tirar um maior partido destes espaços é uma cidade organizada e, à partida, mais sustentável. Aproveitar estas existências como pontos estratégicos para resolver problemas, por vezes, com uma escala muito superior (“*landscape/urban acupuncture*”), é algo a ser tido em conta, bem como, a singularidade que cada um comporta.

“ O seu valor não decorre apenas da sua disponibilidade como território para transformação física ou infra-estrutural, ou da sua localização estratégica na cidade, mas, seguramente, dos sucessivos factos ali ocorridos. A memória destes lugares torna-os irrepetíveis. Daí o fascínio que exercem e, por consequência, o seu poder.” (Mateus, 2007)

Já a arquiteta Sofia Morgado, especifica este conceito de vazio como “o espaço ligado às infra-estruturas urbanas preferentemente não edificado mas com funções sociais e urbanas relevantes para o equilíbrio da cidade contemporânea”. Morgado lembra que o arquiteto Rem Koolhaas identifica mesmo os vazios urbanos como «o grande potencial metropolitano da Europa», sobre os quais pode recair a intervenção do planeamento atual uma vez que «são mais fáceis de controlar do que o edificado» já existente. (Morgado in OASRS, 2007)

Ainda numa outra perspetiva, o arquiteto Pedro Jorge evidencia o vazio como uma exceção da regra, ou seja, do edificado. “Mais além das tipologias funcionais, podemos identificar a “cidade” como uma sucessão de massa construída (a “regra”) a qual é interrompida pela ausência da mesma (a “exceção”). O “vazio” assume o papel de “desvio à regra”, sem que,

por este facto, possa ser considerado como algo destituído de valor no conjunto urbano.” (Jorge, 2007)

São interrupções rítmicas, falhas, malhas soltas do tecido urbano que promovem a sua descontinuidade linear.

Espaços que não podem, muitas vezes, ser definidos nem como pertencentes ao domínio público, nem como pertencentes ao domínio privado.

“The voids of the city are spaces which disrupt the urban tissue, leaving it incomplete and throw into question the use of those spaces. Sometimes called urban ruins, they are at the limit between private and public space, without belonging either to the one or to the other. Urban voids are containers of memory, fragments of the built city and the ‘natural’ environment; memories of the city which constitute a random, unplanned garden” (Noll e Scupelli, 2009 in Wasteland-Twinning)

2.6 Wasteland

Wasteland noun
An unused area of land that has become barren or overgrown.
A bleak, unattractive, and unused or neglected urban or industrial area’
(Oxford Dictionary, 2007)

Em Edimburgo, encontra-se sediada uma organização “**The Wasteland Collective**”, fundada por duas arquitetas paisagistas, que visa chamar a atenção para este “desperdício de espaço” nas cidades cada vez mais densas dos dias que correm. Através de exposições, eventos e intervenções levam as pessoas a refletir sobre o que são exatamente estes espaços e a sugerirem ideias de como estes podem ser úteis para a população e não serem “desperdiçados”. Para as duas fundadoras deste projeto, que conta já com inúmeros colaboradores, o termo escolhido reside no seu carácter provocador, visando captar a atenção da população para o que consideram ser um desaproveitamento do tecido urbano. Espaços que estão desprovidos de uso ou de função, mas com potencialidade para muito mais, ou espaços meramente de passagem, ou que apenas contemplam uma função, quando poderiam ser tão mais enriquecedores para o bem-estar da cidade, da população e do desenvolvimento social se comportassem um maior número de usos, que pudessem abranger um maior número de pessoas. “‘Wasteland’ is anywhere which is under performing, perhaps engineered for singular function or a built with a limited user group in mind.” Dentro das iniciativas tomadas contam-se duas exposições, um “pop-up market garden”, e vários

workshops para a discussão de conceitos ligados ao tema e obtenção de feedback da população.

Para Liz, há muito mais que, os arquitetos paisagistas, podem “retirar” destes espaços, uma vez que estão aptos a compreender os processos, dinâmicas e sistemas que integram e relacionam as pessoas com o espaço e com a natureza.

“This is emerging practice, but we’ve found a fantastic energy and interest in the idea that urban land could work harder; and that landscape architects might be at the core of offering new approaches for realising this.

We work with people, with space, with nature, it all comes together. We understand these processes and systems, and can begin to prioritise and orchestrate things.....

We can begin to inspire elegant solutions... ‘human’ places arise from wasted ground” (Liz Thomas, 2013)

Segundo a perspectiva de alguns colaboradores desse projeto as “wastelands” são encaradas como:

- Espaços que resultam de alterações/mudanças, com grandes potencialidades para o desenvolvimento de usos alternativos e diversos, e que não devem ser vistos como símbolo de declínio, nem associados a conotações negativas. Não têm que, obrigatoriamente, ter tido um propósito prévio, podem simplesmente representar uma oportunidade perdida ou um espaço com potencialidade para muito mais, com qualidades únicas que só precisam de ser reveladas. Podem, por vezes, desempenhar uma função importante na cidade que não é imediatamente perceptível, como espaços abertos, que permitem respirar no meio do amontoado de edifícios que são a maioria das cidades. (Dominic Cifelli, 2013)

- Ruína, espaço esquecido, antigamente povoado mas agora não, uma perda de potencial, um desperdício de recursos, invadido pela tristeza, por planos que falharam, sonhos e progresso esquecidos. Desperdício de espaço numa malha urbana cada vez mais densa e apertada. (Cate Inglis, 2013)

- Áreas que tiveram um uso específico mas que lhes foi retirado e entretanto aguardam que um novo lhes seja atribuído. Porção do território que perdeu a sua definição, que neste momento não é nada embora tenha sido e possa voltar a ser. Que foi edificado mas que as suas estruturas acabaram por perder a sua função. Em que o derradeiro desafio não é a sua alteração física mas a sua redefinição, uma antiga área industrial/residencial/comercial será sempre considerada um “desperdício” se a população a continuar a “ver” como tal. (Tommy Clark, 2013)

E segundo a perspectiva dos mesmos colaboradores as “wastelands” podem ser:

- Facilmente reabilitadas se lhes forem dadas algumas estruturas, aplicado algum mobiliário urbano ou usados para intervenções/instalações, mas que tenham todos a característica de serem facilmente instalados e removidos se necessário. Com a função de promover a exploração, reflexão e interpretação do espaço e das suas envolventes. (Dominic Cifelli, 2013)

- Espaços de proliferação da biodiversidade, com um potencial ecológico de grande magnitude que apenas precisa de ser revelado. As condições únicas que foram geradas nestes espaços permitem que certas espécies únicas prosperem por não estarem sujeitas a competição. (Tommy Clark, 2013)

- Espaços positivos para a vida urbana, convidativos para a permanência das pessoas, que estejam relacionados e ligados uns com os outros, dando assim origem a paisagens urbanas vibrantes e cheias de potencial. (Lisa Jeffrey e Liz Thomas)

Uma característica que foi adicionada a este conceito pelo “**Wasteland Collective**” foi o de “*Acoustic Wastelands*”. O som ou, neste caso, a ausência deste, pode também servir para identificar este tipo de espaços.

“The essence of wasteland is absence – physical absence and the absence of program. These absences mean that the instrumental qualities of wastelands are different to that of occupied land. As occupation leaves, a site goes from producing sound to absorbing sound. From making a noise to hear silence. This is an acoustic wasteland.” (Wasteland Collective, 2013)

À semelhança do referido projeto, existe outro coletivo, gerido pela arquiteta paisagista Jenny Humberstone, o “**Urban Fabric Collective**” que se dedica aos mesmos fins e à organização de eventos, sessões de cinema ao ar livre “Secret Cinema” e instalações que, mesmo que sendo temporárias, permitem o usufruto e o dar a conhecer destes espaços, bem como revelar o trabalho e o talento criativo local.

Outro caso de ações realizadas a respeito desta temática é a criação da plataforma “**Wasteland Twinning**” que tem como intuito formar uma base com o levantamento de “Wastelands”, por todo o mundo, e proceder, à posteriori, à comparação entre estes, ao seu estudo e definição de estratégias ou formas de atuar no terreno. É gerida por artistas independentes, exploradores e investigadores tendo, assim, uma base transdisciplinar. O levantamento de novos espaços e compilação de informação pode ser feita pelo público em geral, tendo este apenas que submeter uma candidatura, para passar a fazer parte do grupo de “exploradores” da plataforma. Neste caso, as “Wastelands” são interpretadas como tendo

um enorme potencial, mesmo sem terem sido alvo de desenvolvimento e reabilitação, pois providenciam espaços capazes de sustentar uma grande biodiversidade (como aliás também é defendido por Gilles Clément no seu livro sobre a “Terceira Paisagem”), de captação e armazenamento de carbono, de equilíbrio do sistema hidrológico (aumentando a permeabilidade das cidades), como espaços abertos e de “fuga” do ambiente excessivamente construído e claustrofóbico. Potenciam assim uma vida mais sustentável e ecológica. “As metaphors wastelands typify the cause and effect of our constant (re)development.” (Wasteland –Twining, s/data)

Assim como os outros conceitos até agora abordados “Wastelands” não é excepção no que diz respeito a consensualidade. Não se pode afirmar que exista uma palavra que descreva estas situações em toda a sua plenitude, apenas conceitos que tentam evidenciar várias das suas características.

“It is understood that any definition of ‘Wasteland’ is problematic. For example, terms such as ‘unused’ presents a degree of absence and suggests inactivity. What constitutes inactivity in the eyes of officialdom is different to that of informal users. Attempting to define unused urban terrain is complex and polemical, often influenced by our own associations and projections. Terms such as wasteland, derelict, vacant, unoccupied, like the spaces themselves, defy clear location and categorisation.” (Wasteland-Twinning, s/data)

Alguns dos pontos mais marcantes a evidenciar em cada conceito e respetiva terminologia:

Drosscapes – é dado um ênfase aos espaços periféricos, resultantes da desindustrialização destacando a necessidade de escolha dos espaços aptos a serem integrados na cidade. Não pressupõe um uso prévio.

Brownfield – terrenos altamente contaminados o que acabou por restringir os seus usos. Pressupõe um uso prévio. Precisam de serem tratados antes de poderem ser utilizados.

Terceira paisagem – resíduos (tiveram uma apropriação prévia), reservas e conjuntos primários (não tiveram ocupação, encontram-se em estado natural). Não apresenta escala, pode é ser sucessivamente fragmentada. Espaços que não foram planeados. Engloba não só as “wastelands” como também bermas de estradas, rios, pântanos...

Terrain Vague – espaços que oscilam na incerteza, que estão afastados (não necessariamente de forma física) das rotinas da população e dos percursos turísticos. Conotação positiva da terminologia, existência de um futuro embora que ainda incerto.

Vazios Urbanos – Espaços indefinidos

Wastelands – Espaços negligenciados. Desperdício de espaço que poderia estar integrado na malha urbana, funcionar como espaços para usufruto da população, rendimento local e resposta a problemas existentes na cidade quer de ordem ecológica, como social, medicinal e económica.

Espaços em Aberto – sublinha a importância da relação espaço tempo, no processo de desativação mas indicia, igualmente, uma conotação positiva (espaço com algum potencial “aberto” a uma reinterpretação, ativação, reinvenção). Através de uma análise tipológica, entende a existência de vários géneros, em que estes “Espaços” se inserem, de modo que o seu estudo e plano de ação seja mais preciso e adaptado às condições apresentadas.

A partir das várias análises que foram sendo feitas aos diferentes termos usados foi possível, não só perceber os pontos de vista dos diferentes autores, como também todas as cambiantes deste tema, assim como, a necessidade de se refletir sobre o mesmo. Todas as visões apresentam aspetos importantes a ter em conta quando se pensa nestes espaços, quer seja a de permitir que alguns destes deles evoluam naturalmente (Gilles Clément), que os fluxos, a dimensão temporal, os ritmos e a identidade sejam tidos em consideração (Sòla – Morales), que a memória seja preservada, pois estes espaços constituem as páginas da nossa própria história (José Mateus) e que se leve a sério a resolução dos problemas de poluição não tentando, simplesmente, disfarçá-los (Alan Berger). Para além destes, é ainda de acentuar a ideia da importância de manter viva a memória, identidade, espírito de um lugar, pela sensação de estabilidade, de permanência, de pertença que estes nos transmitem como nos diz David Lowenthal (professor e autor de livros sobre o património, a memória e a paisagem) “The presence of the past offers a sense of completion, of stability, of permanence in resistance to the rapid pace of contemporary life”. (Lowenthal, s/data in Corner, 1999)

Sébastien Marot, filósofo e professor convidado no Institute of Landscape Architecture (Swiss Federal Institute of Technology Zurich) acentua ainda a importância do papel da arquitetura paisagista sobre estes territórios periféricos e intersticiais deixados ao acaso. “Sébastien Marot more subtly situates landscape as a “sub – urban” art, where the peripheral and in-between sites are those that ought to be of primary concern to contemporary landscape architects. “(Corner, 1999)

Em última análise, Gilles Clément, sintetiza a postura que se deve tomar em relação a estas paisagens e como nos devemos saber inserir e integrar nelas, respeitando-as.

“Watching wasteland, I am not only fascinated by the energy of nature’s reclamation, I also want to know how to insert myself in the midst of this powerful flow.” (Clément, 2007)

Esta citação leva-nos à parte seguinte deste estudo, que é precisamente a análise da ligação e inserção que existe/ou não entre as pessoas e estes espaços.

3. RELAÇÃO ENTRE OS CIDADÃOS E O ESPAÇO EM ABERTO

3.1. Como são encarados pela população / psicogeografia

“O que mata um jardim não é o abandono. O que mata um jardim é esse olhar de quem por ele passa indiferente.” (Mário Quintana)

Estes espaços encontram-se negligenciados, são evitados pela maioria da população, que por eles passa num passo desenfreado, sem deles fazer caso, prosseguindo a sua vida no ritmo frenético característico das cidades. Outros estão simplesmente ausentes de vida por se encontrarem em lugares de mais difícil acesso, quer por barreiras naturais, quer por inexistência de boas redes de transportes, quer porque estas poderão ter sido eventualmente desativadas. Outros há, que são tidos como espaços a evitar por serem inseguros, mal frequentados ou por apresentarem risco de ruir. Há, no entanto, uma fração de pessoas que consegue ver potencial nestes espaços e que deles tenta tirar proveito, como as pessoas que os usam como Hortas Urbanas, os Exploradores Urbanos, Land Artists, os Fotógrafos e os Guerrilla Gardners.

3.2. Hortas Urbanas

Ao caminhar por este tipo de paisagens é comum nos depararmos com sistemas de hortas urbanas, de génese ilegal, na maioria das vezes, mas que representam o sustento de várias pessoas. Onde muitos viram “nada”, outros foram que viram uma oportunidade de subsistência, de tirar proveito da terra, de fazer algo. Estas situações verificam-se habitualmente junto a infraestruturas estando, por isso, muitas vezes ligadas com os Espaços Intersticiais, como foi notado no caso da “Linha de Cintura Ferroviária Interna de Lisboa”. Felizmente as cidades parecem estar a “acordar” para este assunto e vários

espaços começaram a ser legalmente cedidos à população, desde que esta se comprometa a cultivá-los. Exemplos disto têm surgido um pouco por todo o país, nomeadamente em Lisboa. É importante que medidas como esta sejam tomadas, não só porque se está a dar uso a algo que estava subaproveitado, também porque é uma atividade sustentável, ecológica, rentável e saudável, e ainda, porque é essencial um controlo destes espaços. Com pretende-se dizer que as áreas que forem destinadas a este tipo de uso, que visa o consumo do que é produzido pela população, deverão estar sujeitos a análises da qualidade dos solos e poluição. Como é sabido, em vários casos de reabilitação, por exemplo dos “brownfields”, são usadas plantas com capacidades fitoextratoras para que absorvam os produtos tóxicos que se encontram nos solos para que estes fiquem “limpos”, tanto quanto possível. Se o solo onde se instalarem as hortas estiver poluído, quer por detritos de obras, produtos tóxicos das indústrias que se infiltraram nos solos, lençóis de água contaminados, poluição atmosférica proveniente das infraestruturas que passam nas imediações, há uma forte probabilidade que estes sejam absorvidos pelas plantas e que ultrapassem os valores permitidos para que o seu consumo não constitua um risco para a saúde pública. A capacidade de absorção de metais pesados como o cádmio, o chumbo e o zinco e a sua concentração na parte comestível da planta varia de espécie vegetal para espécie vegetal. A alface tão comumente utilizada é uma das plantas que possui grandes capacidades fitoextratoras. Os metais pesados para além de serem tóxicos, não são biodegradáveis e são bioacumuláveis, ou seja, uma vez captados permanecem para sempre nos organismos.

Em Braga, no âmbito de uma tese de mestrado, foi feito um estudo sobre a “Avaliação Ambiental de Hortas Urbanas como Modelo para a Promoção da Educação Ambiental e da Saúde Pública” onde foram comparados os valores da concentração dos metais Cádmio, Zinco e Chumbo, em hortas urbanas e não urbanas, existentes no solo e em alfaces. Os resultados permitiram confirmar a importância da avaliação das hortas urbanas como indicador dos problemas de poluição e contaminação existentes nas cidades bem como os cuidados a ter na ingestão do que nelas é cultivado.

“Detetou-se, portanto que a viabilidade ambiental das hortas urbanas dentro do perímetro urbano de cidade está comprometida, sobretudo como espaços de alimentação, atendendo aos riscos para a saúde pública da concentração excessiva de metais pesados em culturas forte e frequentemente consumidas na dieta alimentar. Assim, verificou-se que a avaliação ambiental das hortas urbanas constitui um modelo adequado para identificar problemas de contaminação e poluição, pois denuncia a existência de contaminação e poluição urbana em Braga, cujas causas e efeitos importa perceber para mitigar.” (PINTO, Rute; RAMOS, Rui, 2008)

Para contrariar os problemas que advêm dos solos contaminados, e lembrando que as hortas urbanas podem ser projetos temporários, enquanto outros usos não são definidos para os espaços, Deena DelZotto e Rachel Kimel fundaram o “The Bowery Project”. Este projeto consiste na utilização de caixas, geralmente usadas pelos comerciantes para carregar produtos, como pequenas hortas portáteis, que evitam o contacto direto das plantas com o solo contaminado. Estes recipientes serão preenchidos com terra nova que ajudará no desenvolvimento das plantas. As caixas podem assim ser dispostas sobre os terrenos abandonados e, quando surgirem novos projetos, podem ser facilmente, e num curto espaço de tempo, removidas e transportadas para uma outra localização.

“Their clever twist is to build their gardens in milk crates, sort of a prefab urban farm. They claim that a “farm of up to 5000 crates can be disassembled and relocated within 24 hours. This mobility allows for an easy change of location when the land must be claimed for its subsequent use – such as development, remediation or sale.” A lot of urban land is contaminated, and this is a good way to keep the farm away from the lead and oil and other toxic stuff found near the surface. It is a good way to create opportunities for urban agriculture.” (Lloyd Alter, 28 de Abril de 2014 in <http://www.treehugger.com/green-food/bowery-project-instant-farm.html>)

Outra alternativa seria por exemplo apostar-se na realização de hortas urbanas do topo de edifícios, à semelhança do que acontece com os roofgardens, com todas as vantagens que estes têm, como o isolamento, a infiltração da água, o aumento da área permeável, assim como uma fonte de produção de alimento de uma forma sustentável e ecológica. O topo dos edifícios acabam de certa forma também por constituir Espaços em Aberto que podiam muito bem ser aproveitados, tendo a vantagem também de que quanto mais altos forem os edifícios, mais afastadas estarão as hortas de fontes de poluição, como os veículos motorizados, sendo que os gases tóxicos, pelo seu peso, geralmente se concentram a menores altitudes, mais junto do chão, constituindo, por vezes, em certas cidades, um efeito a que se atribuí o nome de smog.

3.3. Exploradores Urbanos

O fascínio que determinados espaços abandonados exercem sobre um fração da população, não é novidade, como é referido nos textos de Sòla Morales sobre os “Terrain Vague”, já aqui anteriormente abordados. Visto para alguns como objeto de culto eram fotografados, indiscriminadamente, desde o decorrer dos anos 1970 até aos dias de hoje. São visitados não só por curiosos e seguidores desta vertente fotográfica, mas também por

pessoas relacionadas com a indústria audiovisual e cinematográfica que os usam, muitas vezes, como cenários para filmes ou sessões fotográficas.

3.4. Fotografia

A fotografia é outro dos meios utilizados na percepção, apreensão e estabelecimento de vínculos com estes espaços. Teve, como já demonstrado na abordagem do conceito Terrain Vague de Solà Morales, especial importância na década de 70 para os fotógrafos urbanos, que neles, nostalgicamente, procuravam reminiscências da sua própria existência.

Usada não só pelas características plásticas e cénicas destes espaços constitui também uma importante fonte documental que permite estabelecer ligações com o passado e aferir soluções para o futuro. É reveladora a forma como o homem se inseriu neles.

“I still believe that photography, and particularly landscape photography, has an important role in establishing concrete knowledge about a particular place. I am interested in what people value within a landscape, the ways they connect with the landscape around them, and how photography can explore the relationship between landscape, history and meaning.” (Orton, 2008)

Segundo Ken Worpole, escritor do “The New English Landscape”, e seguindo um pouco da lógica dos fotógrafos urbanos de 1970, a fotografia permite capturar um momento que não se repetirá jamais, revelando o dinamismo da paisagem, os seus ciclos e nestes a sua e a nossa finitude.

“These comments echo something Roland Barthes wrote in *Camera Lucida* about landscape photography, which was that such photographs ‘must be *habitable*, not *visitable*.’ Representing how a place has been inhabited – and is inhabited again through words and images – is what we try to do. Barthes also famously described photography as capturing a moment which has now passed and can never be recovered again – as such a photograph is like a *memento mori*. It could be that the dynamic achieved – through the juxtaposition of words and photographs – arises from the fact that while writing appears to bring people and places back to life again, photography is about recording landscapes and settlements before they disappear. Through this chemistry of word and image, absence and presence are conjured into being.” (Worpole, 2014)

3.5. Land Art

Para além de fotografar há ainda quem aproveite estes espaços abertos, principalmente os de grande escala, localizados nas periferias, para criar “arte na natureza” muitas vezes também com carácter cívico, alertando para os problemas das paisagens degradadas, abandonadas, contaminadas e pós-industriais. São obras geralmente feitas com elementos existentes na natureza (pedras, troncos, movimentações de terra, água, ar), de grandes dimensões e magnitude que pretendem criar impacto no espectador. Estes materiais variam consoante as características de cada local (ocupação do solo, materiais geológicos, clima), visto que a Land Art é uma forma de arte que visa a sua inscrição na paisagem, estabelecendo com esta um diálogo. É também a libertação da arte das salas dos museus. É a ruptura da sua artificialidade e comercialização. (Lecoq, 2010). Robert Smithson, que já aqui foi abordado, no texto sobre “Hybrid Morphologies”, é um dos seguidores desta arte, desta forma de expressão que surgiu por volta do séc. XIX depois da Revolução Industrial. “Por lo demás, debido a sus espáacios vacantes y a sus vacíos, las próprias periferias parecen llamar a esta aventura.” “Qué bonito lugar para una galería!”, exclama el artista en pleno corazón del agujero de Passaic.” (Marot, 2006)

A Land Art pode ser entendida como todo um processo de consciencialização do território e da apreensão das suas características que depois de devidamente maturado se pode repercutir e elucidar sobre possíveis intervenções no local.

“(…)puede mostrar en el *land art* la infância o la adolescência, necesariamente autodidactas e insolentes, de un posible renacimiento de la arquitectura de la paisaje, entendida esta como el arte de la representación *in situ* de los territórios y de sus transformaciones.” (Marot, 2006)

A Land Art pode e deve ser considerada, pelas características acima mencionadas, como uma ferramenta de qualificação da paisagem, tanto em paisagens naturais ou naturalizadas, como nas humanizadas. (Lecoq, 2009)

3.6. Guerrilla Gardners

This is guerrilla gardening:
THE ILLICIT CULTIVATION
OF SOMEONE ELSE’S LAND.
(Richard Reynolds)

Um pouco no seguimento do que acontece com as hortas urbanas clandestinas, surgem os Guerrilla Gardners, sendo que, neste caso, as plantações efetuadas têm função ornamental

e não tanto para consumo próprio. Os Guerrilla Gardners são pessoas que semeiam e plantam, de uma forma clandestina, espaços que foram descurados pelos seus proprietários, que estão abandonados, obsoletos, degradados, tentando dar-lhes uma nova vida requalificando-os com o uso de plantas interessantes do ponto de vista visual e que não sejam muito exigentes, que se adaptem bem em solos pouco ricos e degradados. É o reclamar dos espaços negligenciados com que nos deparamos todos os dias, quer seja a envolvente de uma casa, um passeio, um terreno industrial abandonado, são espaços que assumem as mais variadas escalas. Estas ações começam a ter cada vez mais peso e a ganhar mais adeptos no estrangeiro, sendo que, em Portugal, é algo que só mais recentemente começou a ser divulgado. São muitas vezes realizadas durante a noite porque são feitas sem autorização. Em alguns países são, por vezes, realizadas campanhas que visam levar a população a aderir e a participar, sendo distribuídos pacotinhos com sementes para as pessoas as espalharem. Existem também à venda packs como “bombas de sementes” pré-fabricadas para que qualquer pessoa as possa usar e lançar/dispersar onde entender.

“I do not wait for permission to become a gardener but dig wherever I see horticultural potential. I do not just tend existing gardens but create them from neglected space. I, and thousands of people like me, step out from home to garden land we do not own. We see opportunities all around us. Vacant lots flourish as urban oasis, roadside verges dazzle with flowers and crops are harvested from land that was assumed to be fruitless. In all their forms these have become known as guerrilla gardens.” (Reynolds, 2008)

Se por um lado é interessante ver que existe quem se preocupe com a qualidade da paisagem que nos circunda todos os dias e que tenta torna-la mais atrativa e produtiva, é também uma forma de mostrar que algo, ali, está a falhar. Estas ações não deveriam ser uma eventualidade, mas sim programadas e legalizadas para que exista, também, um maior controlo sobre as espécies utilizadas. É importante mencionar que existem espécies com carácter invasor e infestante que podem vir a competir com a flora local, desta forma este tipo de ações não deve ser banalizado, fazendo uso indiscriminado de espécies.

3.7. Comparações com o caso de estudo

Os espaços em aberto, abrangidos pelo caso de estudo, encontram-se na sua maioria vedados, não são facilmente perceptíveis pela população, exceto a partir da observação em determinados pontos-chave, são também na sua maioria de cariz industrial, no entanto alguns deles já foram usados em projetos fotográficos (como exemplo, projecto Ruin’Arte).

4. UMA QUESTÃO SEM ESCALA E PLURIESCALAR

Os Espaços em Espera podem adquirir as mais variadas formas e escalas, desde uma ilha abandonada, a uma cidade fantasma, a um aeroporto desativado, a um espaço entre dois edifícios. Assim sendo, as escalas de intervenção e soluções projetuais são variáveis mas devem sempre visar a inclusão e integração nos vários níveis. Algumas intervenções que surgiram a nível dos Espaços em Aberto de menores dimensões são os Pocket Parks e os Parklets.

4.1. Pocket Parks

São pequenos jardins plantados em áreas que sobraram, que não tinham um uso imediato previsto e que apresentam pequenas dimensões. Localizam-se geralmente em espaços que sobraram entre edifícios ou margens e pontas soltas que ficaram depois de novas infraestruturas terem sido construídas. A sua construção é muitas vezes impulsionada por pequenos grupos comunitários, fundações ou entidades privadas que reabilitam estes “Espaços em Aberto” devolvendo-os aos bairros onde se inserem como locais de lazer e recreio.

Podem desempenhar um papel importante no aumento da permeabilidade na densa malha urbana e da biodiversidade e na criação de microclimas. Como exemplo deste tipo de parques de pequena escala temos o Paley Park em Nova Iorque. (Alison Blake, s/data)

4.2. Parklets

De carácter provisório, nasceram na cidade de São Francisco quando as ruas deixaram de ser encaradas apenas como vias de fluxo, de escape do trânsito e de pessoas, para serem entendidas como espaços que devem fomentar a permanência, a estadia e a interação social. Pequenos espaços de estadia são implementados como prolongamento do passeio ocupando para isso uma pequena porção do espaço destinado ao estacionamento de automóveis. Estes espaços são geralmente constituídos por uma plataforma com algum mobiliário urbano (bancos, mesas, suporte para estacionamento de bicicletas) bem como material vegetal (herbáceas, arbustos e árvores de pequenos porte). Tudo é construído e montado para que possa ser fácil e rapidamente removido no caso de haver essa necessidade.

4.3. Urban Acupuncture

Os Pocket Parks e os Parklets, apesar das suas pequenas dimensões, não deixam de constituir uma solução interessante e eficaz se pensada numa escala global. Pequenas

acuações pontuais podem ser o suficiente para que uma rede de fluxos se estabeleça permitindo a regeneração do espaço urbano. A este tipo de atuação pontual e localizada dentro da malha urbana, capaz de revitalizar uma área de escala consideravelmente superior, atribui-se o nome de “Urban Acupuncture”. (Lerner, 2014)

5. TIPOLOGIAS DOS ESPAÇOS EM ABERTO

Para o desenvolvimento deste estudo considera-se fundamental, dada a análise conceptual efetuada e as diferentes características que estes espaços podem apresentar, recorrer à sua tipificação e ao estabelecimento de critérios globalizantes e de premissas através das quais seja posteriormente possível atuar sobre o território, que apresente o mesmo tipo de fisionomias, e ao nível de diversas escalas.

“O ato de tipificar é um processo inerente à experiência humana, é uma construção cultural e social que implica uma acumulação, sedimentação e depuração de informação ao longo de gerações, referente a espaços (reais ou imaginários) e tempos concretos. É um conceito que se apoia na historicidade do espaço construído referenciado num lugar e num momento temporal determinados. (...) Tipificar é uma construção humana que implica a localização da relação do homem com o mundo num sítio concreto. O tipo constitui um registo desta interação, esculpida ao longo do tempo, na historicidade do espaço construído, que só assim adquire sentido. O tipo refere-se sempre a um sítio e um tempo concreto.” (Alfaiate, 2011)

Uma vez que as tipologias só podem ser formuladas a partir de um sítio e tempo determinados, foi escolhida a área que engloba a frente ribeirinha ocidental de Lisboa para análise, dadas as características distintas que as áreas marginais apresentam bem como potencial de reconversão. Por serem espaços limítrofes representam também um desafio interessante no desenvolvimento do estudo dos tipos e na definição da estrutura urbana.

“O limite pode ainda ser o elemento estruturante do tecido. Um bom exemplo destas situações é o das margens fluviais. Aqui, o limite apresenta uma qualidade que lhe é intrínseca, qualidade esta que pode regar o traçado do tecido que se lhe associa, apesar de ter características diferenciadas, sendo por isso, também ele, um fator que contribui para a identificação tipológica.” (Alfaiate, 2011)

Espera-se que com este trabalho que os sítios identificados para intervenção possam vir a constituir lugares, ou seja sítios únicos com os quais as pessoas se identifiquem, usufruam,

estabelecem relações e a partir dos quais criem memórias. “la ciudad es el locus de la memoria colectiva” (Rossi,1966)

No que diz respeito já à análise tipológica e à área de intervenção definida consiste, ainda, num aprofundamento do conhecimento adquirido no trabalho conjunto, desenvolvido na disciplina de Tópicos Avançados de Arquitetura Paisagista, bem como da expansão da área de incidência do estudo que permitiu identificar/confirmar a existência de 3 géneros principais, nos quais os Espaços em Aberto se podem agrupar. A área abrangida nesta primeira fase do estudo, para a qual se fez o levantamento dos espaços em espera (Fig.1), diz respeito à Linha de Cintura Interna de Lisboa, a área contida por esta, bem como a zona marginal, e a área marginal de Almada. A sua escolha reside na importância de perceber de que forma as infraestruturas (como a linha ferroviária), os fenómenos e acontecimentos naturais (efeito da maré, inundações, erosão, alterações na morfologia) e a proximidade a certas circunstâncias influenciam a distribuição, a permanência, a frequência e a escala destes Espaços, que ocupam ainda 6% da área total da Lisboa metropolitana.



Fig. 1 Espaços em Espera na área metropolitana de Lisboa e na frente ribeirinha de Almada

Critérios

5.1. Critérios

Para elaborar uma análise comparativa da variedade de espaços em aberto existentes nas duas margens (Lisboa e Almada) foram selecionados e explorados, com o auxílio das plataformas *Lisboa Interactiva* e *EPIC*, os seguintes critérios, que permitiram fazer a distribuição por géneros (Nuclear, Residual e Intersticial):

Inseridos na Estrutura Ecológica

- **Risco de erosão:** Espaços em aberto que se encontram em áreas suscetíveis a serem erodidas, nomeadamente, por se localizarem em zonas de declives acentuados, de fraca permeabilidade, mais expostas agentes erosivos (mar, vento, chuva) e com tipos de solos mais facilmente desagregáveis. A instabilidade que estas zonas representam pode estar na base do porquê de alguns destes espaços terem ficado e/ou ainda estarem em aberto.
- **Risco de inundação:** Espaços em aberto que se localizam em leitos de cheia, junto as margens, em vales e zonas de sistema húmido e zonas com fraca permeabilidade e por isso estão mais suscetíveis a sofrer os efeitos nefastos das inundações. São áreas que à partida não se deviam encontrar edificadas pelos perigos que acarretam para a segurança e saúde pública e em que a permeabilidade dos terrenos deveria ser incentivada. Este critério encontra-se associado a ocorrências de exceção com periodicidade elevada.
- **Risco do efeito das marés:** Espaços em aberto com localização junto às margens onde sofrem o efeito das marés. Apresenta diferente periodicidade do Risco de Inundação, geralmente superior associada à ocorrência dos ciclos lunares e do poder magnético exercido por estes. As zonas onde coincidem o risco de inundação com o risco do efeito das marés (maré alta) representam um perigo ainda maior.
- **Sistema húmido:** Espaços em aberto com localização em sistemas húmidos, são espaços com características muito específicas onde recorrer a certos usos como a edificação é inviável dado os perigos a nível de estabilidade e saúde que representam por apresentarem microclimas adversos.

- **Sistema seco/ declives acentuados:** Se foram afetados, até no que diz respeito à sua futura utilização, por topografias mais ou menos acidentadas como o caso de vertentes e encostas que possam vir a por em causa a acessibilidade e continuação da malha urbana. Uma morfologia mais acidentada, que inviabiliza a edificação ou dificulta o acesso a determinadas áreas pode estar na origem do porquê de alguns espaços permanecerem indefinidamente à espera.

Estes 5 critérios acima descritos, e que estão presentes na estrutura ecológica, podem constituir a razão pela qual certos espaços permanecem em aberto em determinadas circunstâncias da paisagem, em particular das mais artificializadas, a paisagem urbana e as suas periferias, dada a situação sensível em que se encontram e que inviabiliza muitas vezes o seu uso.

Inseridos na Estrutura Física

Hierarquia da estrutura (estruturante ou estrutural): Analisa se o Espaço em Aberto em questão funciona como componente estruturante e organizador do espaço ou está simplesmente inserido na estrutura. Este último é muitas vezes fruto das diferentes escalas temporais de atuação no território (enquanto certas partes foram crescendo com a cidade, outras foram as que estagnaram, sendo parcialmente “invadidas” e fracionadas pelas novas áreas construídas, constituindo manchas difusas sem fronteiras definidas).

Por outras palavras, este critério analisa se o “espaço” desempenha um papel protagonista na estrutura, principal organizador da circunstância ou se se encontra inscrito na estrutura, sem ter papel principal na sua organização.

Forma/Geometria Global: Análise da caracterização da variação formal e geométrica dos espaços em espera sob o ponto de vista global/geral, qual o aspeto visual que assumem as suas fronteiras e o seu cerne.

Forma/Geometria Interna: Análise da caracterização da variação formal e geométrica dos espaços em espera sob o ponto de vista interno, a sua estrutura.

Uso

- **Com uso prévio – Desativados por motivo intrínseco (Agrícola, Áreas Consolidadas, Industrial, Habitação Precária):** Espaços que já tiveram uma função, um uso, mas que entretanto o perderam ficando abandonados e muitos deles obsoletos.
- **Com uso prévio – Desativados por motivo extrínseco (Viário, Ferroviário):** Espaços que já tiveram uma função, um uso, que entretanto se perdeu dada a implantação de determinadas infraestruturas que vieram romper com a sua funcionalidade, surgindo uma discrepância temporal entre os novos sistemas instalados e as remanescências dos antigos.
- **Sem uso prévio:** Espaços que sobraram ou não foram contemplados no planeamento urbano, que nunca lhes foi dada uma utilidade/função.

Afectação do Espaço pela Natureza do Contexto Envolvente

- **Fragmentação por Imposição de Infraestruturas:** Se foram afetados pela implantação de novas infraestruturas viárias, que possam ter dado origem à sua desativação, fragmentação ou perda da identidade. Introdução de incoerência no interior do espaço.
- **Estrutura da paisagem envolvente delapidada:** Se foram afetados pelo desaparecimento da estrutura urbana envolvente, o que vem alterar a forma como o espaço é lido, sem limites este deixa de poder ser entendido como uma unidade nuclear, as suas fronteiras tornam-se difusas.

5.2. Géneros de Espaços em Aberto

- Nuclear

Este género de espaços em aberto encontra-se geralmente definido pela estrutura envolvente, não constituem espaços de articulação nem de condução, possuem uma estrutura própria facilmente reconhecível, uma lógica interna, autónoma e regular.

Independentemente da escala, constituem um núcleo, um espaço interior, que por vezes apresenta estrutura própria, em última instância regrada pela estrutura do espaço envolvente. Possuem uma orgânica, qualidade e função própria, ainda reconhecível, mesmo que desativada. Os elementos estruturantes podem ser tanto naturais como antrópicos. Constituem na sua maioria espaços que foram desativados, que perderam o seu uso, a sua função.

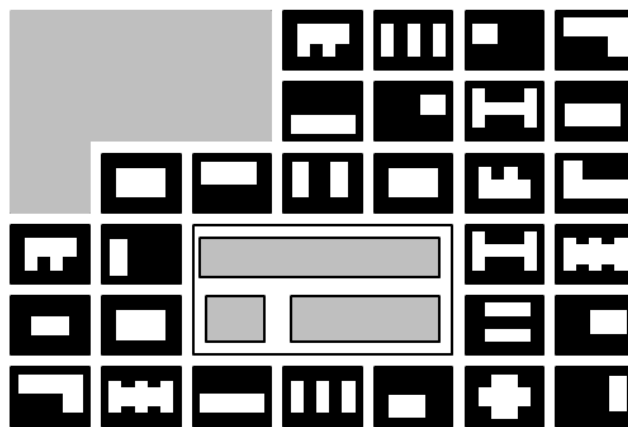
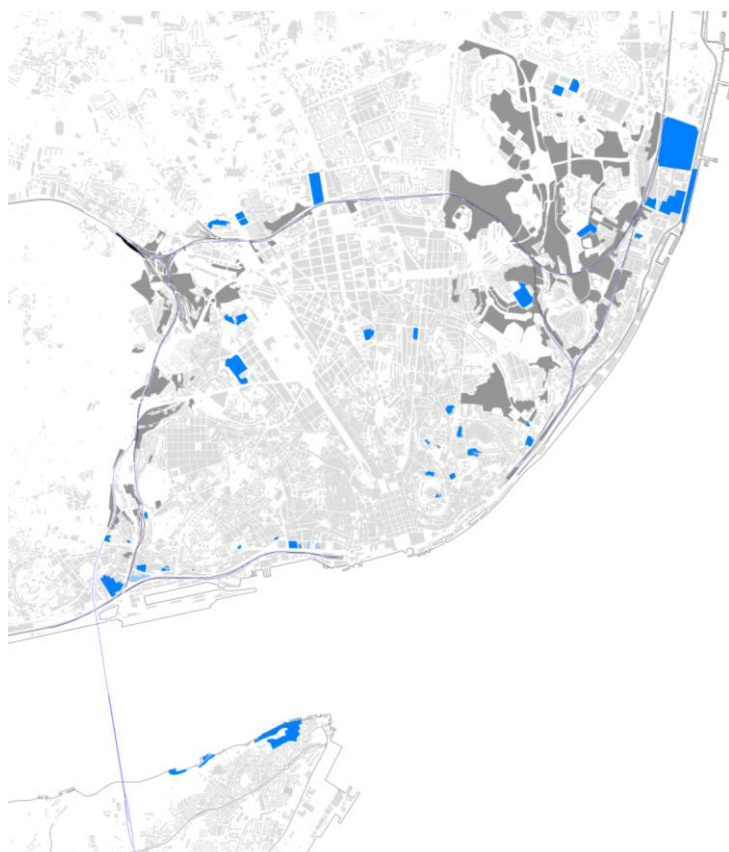


Fig.2 Em cima, desenho esquemático representativo dos Espaços Nucleares

Fig.3 Em baixo, localização dos Espaços em Aberto Nucleares na área metropolitana de Lisboa e Frente Ribeirinha de Almada (a azul) e espaços em aberto nucleares atualmente em processo de reconversão (azul claro). Representam 30% dos Espaços em Aberto mapeados.



- Residual

Ao contrário do género anterior a área abrangida por estes não se insere no espaço ou estrutura envolvente apresentando-se geralmente com formas irregulares e não contidas semelhantes a uma mancha de óleo. Estes espaços resultam geralmente de uma mudança, desfasamento dos usos das áreas envolventes, desativação de usos agrícolas, delapidação da estrutura interna. A estrutura perdeu a sua coerência, apresenta-se partida. Esta incoerência pode ser própria ou em relação ao contexto. São espaços que perderam a lógica interna. Espaços compostos por várias estruturas que foram fracionadas (entidades com características físicas e/ou funcionais diferenciadas).

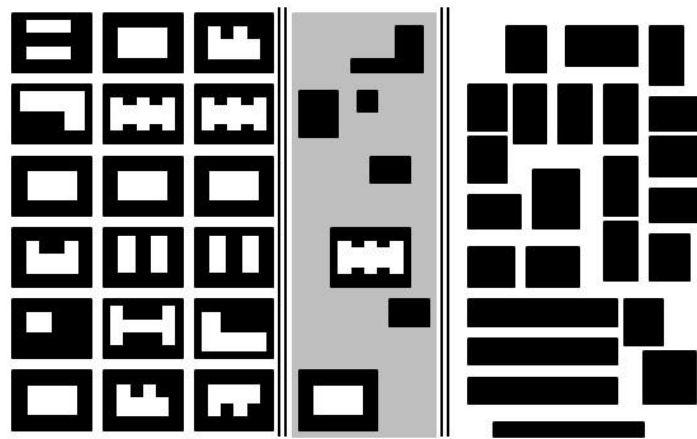
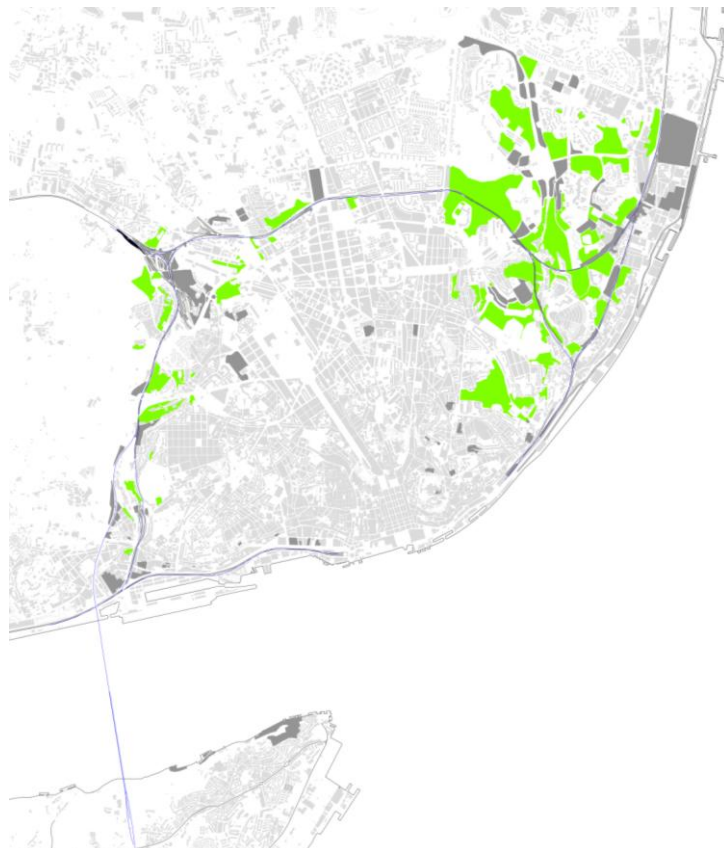


Fig. 4 Em cima, desenho esquemático representativo dos Espaços Residuais

Fig. 5 Em baixo, localização dos Espaços em Aberto Residuais na área metropolitana de Lisboa e Frente Ribeirinha de Almada (a verde). Representam 55% dos Espaços em Aberto mapeados.



- Intersticial

Estes últimos são geralmente associados a estruturas de articulação, de fluxo, são espaços de comunicação, de transição entre os núcleos e o espaço de circulação que não estabelecem concordância. Fazendo uma analogia com o corpo humano podemos comparar estes espaços com os espaços intercelulares, intersticiais, existentes entre as células, entre entidades com qualidades diferentes. Encontram-se geralmente ao longo de infraestruturas viárias, apresentando assim formas alongadas. Espaços onde ocorrem, frequentemente, trocas (ar, água, pessoas...) associados aos espaços canal. Gerados a partir da implantação de um espaço canal.

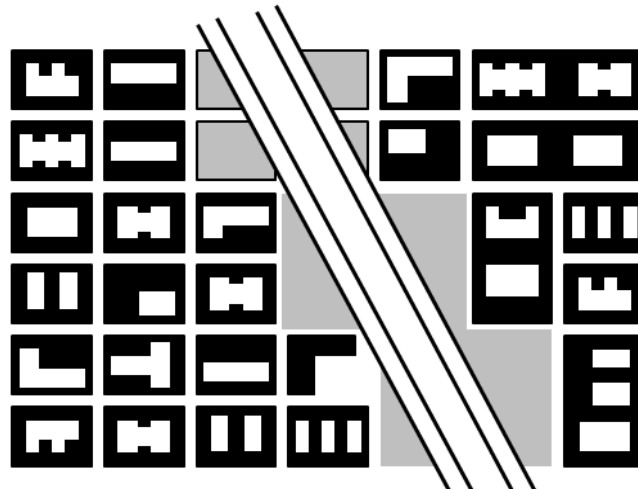


Fig. 6 Em cima, desenho esquemático representativo dos Espaços Intersticiais

Fig.7 Em baixo, localização dos Espaços em Aberto Intersticiais na área metropolitana de Lisboa e Frente Ribeirinha de Almada (a amarelo). Representam 15% dos Espaços em Aberto mapeados.



Com base nos critérios foi elaborada uma tabela comparativa agrupando os Espaços em Aberto levantados na área de estudo pelos três gêneros identificados. (Tab. 1- Tabela de classificação e comparação)

Gêneros / Critérios	Estrutura Ecológica				Estrutura Física								
	Risco de Erosão	Risco de Inundação	Efeito das Marés	Posição morfológica relativa	Hierarquia da estrutura	Forma/ Geometria Global	Forma/ Geometria Interna	Com Uso Prévio		Sem uso prévio	Relação de proximidade com o contexto		
								Desactivados por motivo intrínseco	Desactivados por motivo extrínseco		Infraestruturas	Topografia acidentada	Estrutura urbana delapidada
Nuclear	●	●	●	●	Estruturante	Pontual Regular	Regular e/ou Irregular Unitária	●	○	○	○	●	○
Intersticial	●	○	○	●	Estrutural	Alongada Rectilínea	Irregular Fracionada	○	○	●	●	○	○
Residual	●	●	○	●	Estrutural	Pontual Irregular Curvilínea	Irregular Fracionada	○	●	○	○	●	●

○ Não verifica a condição

● Verifica a condição

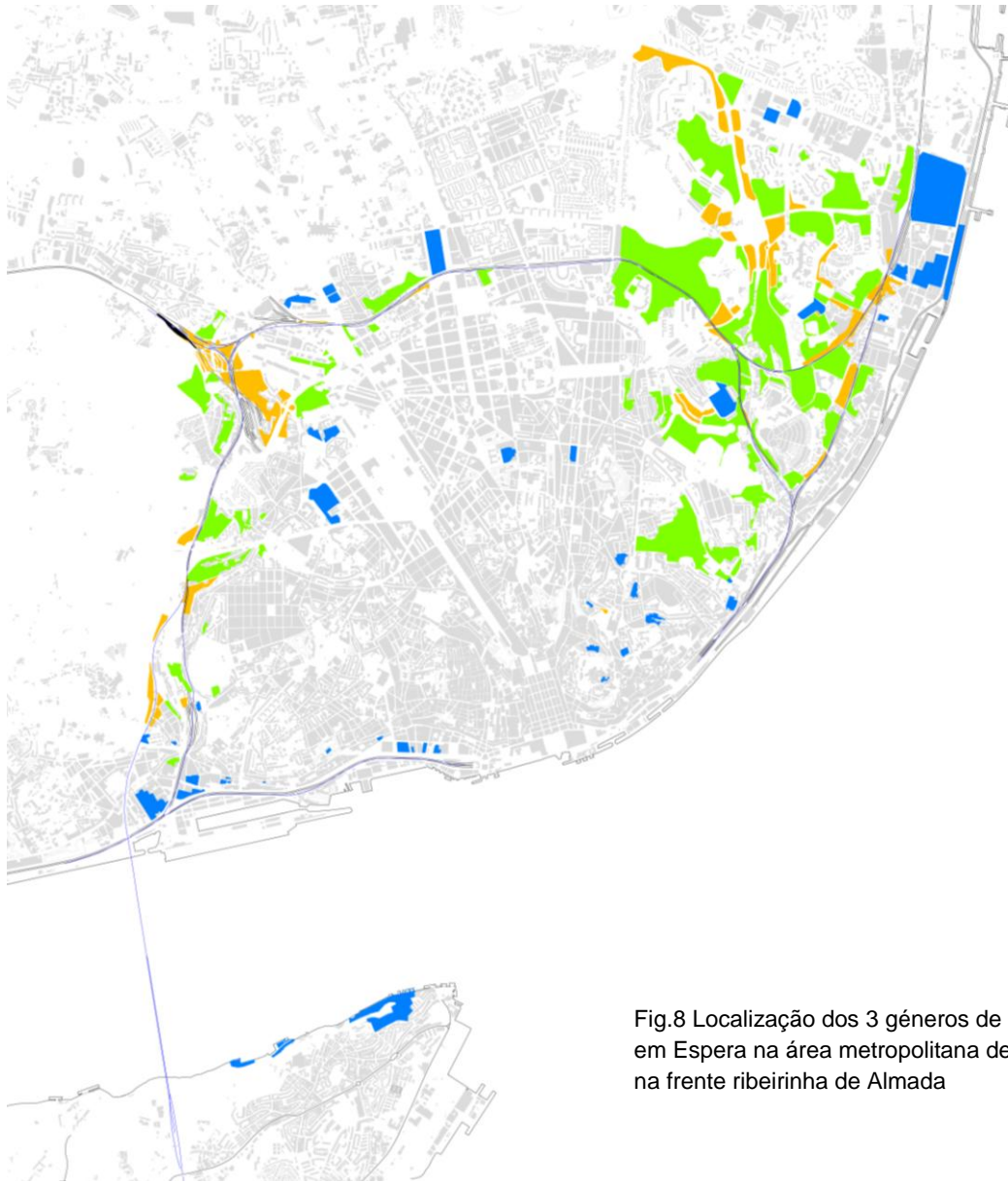


Fig.8 Localização dos 3 géneros de Espaços em Espera na área metropolitana de Lisboa e na frente ribeirinha de Almada

Após o levantamento dos Espaços em Aberto é possível verificar-se a existência de vários padrões. Dentro da área escolhida para análise a sua distribuição parece concentrar-se junto das linhas ferroviárias e na área mais marginal, enquanto que, o interior da Linha de Cintura Interna de Lisboa se apresenta bastante consolidada. Predominam os Espaços Residuais (verde) sendo também os que apresentam maiores dimensões, seguindo-se os Espaços Nucleares (azul) já com dimensões mais contidas. Os espaços intersticiais (amarelo) encontram-se associados às infraestruturas ferroviárias e viárias apresentando assim formas mais alongadas e de menores dimensões. Existe uma frequência maior de Espaços Nucleares junto a ambas a margens, provavelmente dado o seu carácter, neste caso, industrial e a necessidade de efetuar trocas por via marítima e o recurso à água em vários processos de funcionamento das indústrias (Fig.8).

6. ALGUNS CONCEITOS CONTEMPORÂNEOS DE PAISAGEM

6.1. Hybrid Morphologies / Paisagem Dinâmica

O conceito contemporâneo de “Morfologias Híbridas” veio romper com as barreiras que tradicionalmente separavam as infraestruturas, das paisagens e da arquitetura. A cidade deixou de ser vista como uma entidade estática para passar a ser entendida como um sistema aberto e dinâmico, sujeita a fluxos e processos, à semelhança do que acontece com a paisagem. As infraestruturas, paisagem e arquitetura formam agora um complexo, mais do que uma justaposição, uma composição de espaços e sistemas com diferentes características que se inter-relacionam e se “perdem” uns nos outros, acabando por constituir, segundo Adriaan Geuze “ a fluid spatial continuum”. O termo “Híbrido” assim o sugere “ao contrário do que acontece com a “colagem” as partes originais não são reconhecidas no novo “ser”, os componentes originais deixam de existir como elementos autónomos dando, em conjunto, origem a uma nova entidade, uma nova totalidade com a sua identidade própria e características distintas, é por isso igualmente diferente do termo “adição” O híbrido possui assim uma totalidade elementar, uma maior riqueza uma união das partes menores” (Freitas, 2011).

Robert Smithson, seguidor do movimento artístico Land Art, denota na urbanização, no território construído artificialmente, semelhanças com as paisagens naturais e orgânicas, refere-se aos edifícios como se de formas geológicas cristalizadas se tratassem, o tabliê do carro como um prolongamento da paisagem esculpida pela natureza que através do vidro observa. As infraestruturas, o edificado e a paisagem, independentemente da sua tipologia, são considerados por Smithson como pertencendo “ a uma mesma e única geologia” nela “a cidade consiste numa estratificação de camadas formando uma entidade consolidada”. Estas diferentes camadas constituintes do tecido urbano, segundo Scharoun, são representativas da mentalidade, dos conhecimentos e das ideias da civilização, que cada uma delas ocupou, espelham as mudanças sociais a nível material e cultural, daí a sua importância na preservação da memória do lugar. Mas o que é então este “lugar” e por oposição o “não-lugar”? Para Smithson o “lugar” é uma “realidade material de uma situação que já existe, que lhe é familiar” como a paisagem de New Jersey, já o “Não-Lugar” é uma “representação abstrata ou uma reinterpretação do lugar, algo como um texto, um mapa, uma escultura” pode por isso ser representado por algo não tangível. Estas duas designações encontram-se muito próximas uma das outras ocupando, no entanto, diferentes estágios do mesmo fenómeno e podendo mesmo transformarem-se simultaneamente uma na outra. (Angéilil e Klingmann,1999)

No livro “Não-Lugares Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade” Marc Augé fala destes como sendo um produto da sobremodernidade, como a antítese dos Lugares que por seu lado são identitários, relacionais e históricos. O “Lugar” engloba os lugares antropológicos, os lugares de memória, os lugares antigos. Os Não-Lugares encontram-se assim associados à ideia de passagem, efemeridade, individualidade solitária e provisório. (Augé, 2005). Com os Lugares existe uma apreensão e compreensão intrínseca dos espaços que não é possível nos Não-Lugares.

As analogias feitas por Smithson, descritas em “The Crystal Land”, “pertencem às duas categorias enquanto estas coalescem numa nova paisagem física/mental.” (Angélil e Klingmann, 1999) “Site and Non-Site demarcate a space that, according to Smithson, can be traversed – a space, fundamentally determining the so-called reality of space.”

Os três constituintes primordiais deste novo tipo de tecido urbano, ou possivelmente até deste “novo urbanismo”, como nos diz Rem Koolhaas, podem nem sempre apresentar o mesmo grau de dominância dentro do complexo. Por vezes existe um domínio das infraestruturas, outras vezes da arquitetura, outras da paisagem ou ainda momentos em que os 3 são inexistentes. “Any of the three may dominate: sometimes the ‘road’ is lost – to be found meandering on a incomprehensible detour; sometimes you see no building, only nature; then, equally unpredictably, you are surrounded only by building. In some frightening spots, all three are simultaneously absent.” (Koolhaas, 1998)

Desta junção de entidades tidas como distintas, “cidade” (city) e “paisagem” (landscape) Koolhaas introduz um novo termo “SCAPE”. “SCAPE” is an idiom for the edgeless city, in which the distinction between center and periphery, between inside and outside, between figure and ground is erased. The city is understood as a continuous, topologically formed field structure, its modulated surface covering vast extensions of urban regions.” Os limites e as barreiras deixam de existir, estamos agora perante uma cidade entendida como um contínuo de tecidos interligados ocasionalmente quebrados embora a sua ideia de coesão e conexão esteja mesmo assim, segundo Koolhaas, patente. Esta é a sua visão da cidade contemporânea. “Koolhaas speaks of a city of “exacerbated difference” that does not follow the ideal of a harmonic order but is marked, through the juxtaposition of opposites, by a permanent hybridity – a hybridity constituting the city’s primary connective principle.” (Angélil e Klingmann, 1999). Deparamo-nos ainda com o seguinte termo, Smooth Space, também aqui utilizado. Este refere-se à ideia de uma uniformidade constante, suave, sem sobressaltos apesar das distintas características e natureza dos seus componentes bem como da sua hierarquia. De uma forma geral é marcado por elementos vetoriais, linhas, multiplicidades, intensidades, múltiplas dimensões e oscilações nas relações estabelecidas.

As barreiras e diferenças tornam-se mais subtis, menos vincadas. (Angélil e Klingmann, 1999)

Com Scharoun vemos novamente o termo “Scape”, neste caso o seu equivalente em alemão “Schafft” associado aos sistemas abertos. Schafft deriva da palavra Scafft que significa “dar forma” ou “modelar” e portanto encontra-se ligada como uma ideia de algo inacabado, de uma nova oportunidade existente neste tipo de sistemas e que “ele considera essencial no planeamento e design urbano”.

Sendo a cidade entendida, como já foi mencionado, como um sistema aberto esta está sujeita a transformações, a alterações constantes a que se vai adaptando. “(...) the city is not a static entity but a mutable organization made of different components, adaptable to varying circumstances”. Esta noção de adaptação remete-nos para o conceito da ecologia denominado resiliência, existindo assim sempre uma busca pelo restabelecimento do equilíbrio. As tensões que vão sendo criadas pela interação das forças são as grandes responsáveis pela geração do espaço urbano. “Urban space is created, less by the implementation of predetermined type forms than by the tension resulting from a field of interactive forces.” (Angélil e Klingmann, 1999)

Atualmente pode encontrar-se vários exemplos em que a arquitetura e as estruturas assumem um carácter mais híbrido misturando-se com a paisagem, dando origem às “Morfologias Híbridas”, nas obras de Rem Koolhaas, Zaha Hadid ou Adriaan Geuze.

6.2 Landscape Urbanism

Na década de 90, com o intuito de resolver as lacunas deixadas pelo “New Urbanism”, surge o conceito de “Landscape Urbanism”. Enquanto o primeiro tinha como principais objetivos, desenvolver a cidade tendo por base a mobilidade dos automóveis e a fácil deslocação das pessoas, contrariar a expansão periférica, densificar os centros acabando com os subúrbios ou transformando-os, se necessário, em novos bairros e distritos e colmatar os “espaços em branco”, o último visa chamar a atenção para as questões ecológicas e ambientais, para a necessidade de “resolver” os problemas deixados pela desindustrialização, pela escassez de recursos e pela densificação e a necessidade de acabar com a barreira entre cidade/campo e urbano/natural. Para o “Landscape Urbanism” as dinâmicas da paisagem devem ser tidas em consideração, assim como o fator tempo e as diferentes escalas de trabalho, apelando ainda à recorrência a uma interdisciplinaridade e inclusividade que visa compreender o território sobre vários pontos de vista (por exemplo geográficos, ecológicos, estéticos, filosóficos, culturais).

A cidade não deve ser vista como um sistema fechado e isolado, mas sim como parte de um todo, estabelecendo trocas e fluxos com a envolvente e, como tal, a ideia de um núcleo densamente urbanizado fazendo uma fronteira rigorosamente delimitada com o natural e o não construído, deve ser evitada. A permeabilidade deve ser incentivada permitindo que o meio natural abrace o meio urbanizado. A cidade deve agora ser projetada e pensada, não sobre o ponto de vista da arquitetura, mas sim sob um ponto de vista global, o da Paisagem, devendo ser entendida como tal. (Corner, 2010). Em vez de se trabalhar exclusivamente sobre o ponto de vista da forma deve-se antes refletir sobre o processo, ou seja, as variações no espaço e tempo. (Corner, 2005). Esta é uma das ideias defendidas pelo geógrafo cultural David Harvey que afirma que o “New Urbanism”, bem como no modernismo, falham ao acreditar que conseguem controlar a história e o processo através da ordem espacial e da estética. É preciso também pensar nos fatores e processos sociais, económicos, políticos e ecológicos, em conjunto, é na correta gestão destes usos e ligação com os processos espaço-temporais, que residem os desafios atuais e futuros dos projetistas, e não no foco da forma e da estética. (Harvey in Corner, 2005) “His point is that the projection of new possibilities for future urbanisms must derive less from an understanding of form and more from an understanding of process – how things work in space and time.” (Corner, 2005)

Se considerarmos que “a cidade contemporânea é um fenómeno da paisagem” e que o território constitui precisamente uma paisagem urbanizada, daqui depreende-se facilmente, que se tornou inconcebível na atualidade tratar-se a arquitetura e a paisagem como duas entidades distintas. Cada vez mais se aposta numa fluidez entre as duas que faz com que seja impossível a sua dissociação. “ (...)our environment is an “urbanized landscape”: extensive and fluid, layered, marked by time, unpolished, arising out of a discordant interplay of natural and cultural forces, driven forward by the pragmatism of survival, with occasional flashes of aesthetic aspirations.” (Palmboom, 2010)

Esta fluidez só se encontra, no entanto, explorada no seu máximo, quando são consideradas as várias camadas, as várias escalas inerentes ao território intervencionado. (Palmboom, 2010)

A visão revolucionadora que o “Landscape Urbanism” mostra é que a paisagem e a cidade deixaram de ser antónimos uma da outra, para agora se encontrarem e existirem em uníssono. “In this perspective, landscape is no longer the innocent an idyllic antithesis of the city. Landscape is the arena in which natural and cultural forces of all sorts enter into confrontation.” (Palmboom, 2010)

6.3. Multifuncionalidade da Paisagem

A paisagem, inicialmente entendida apenas como alvo de contemplação, como um gênero de pintura (do qual os pintores holandeses “paisagistas” são dele precursores), como presença frequente na escrita, como cenário e posteriormente como alvo de intervenção humana, como o caso das paisagens campestres, dos campos cultivados, era tida como elemento onde se conjugavam e coexistiam a função produtiva, de recreio e de proteção.

Nem sempre de fácil definição, a utilização e significado do termo paisagem, ao longo dos tempos, sempre foi um pouco ambíguo, a aceção desta palavra tende a variar no espaço temporal, de país para país, consoante a sua etimologia, e até mesmo de profissão para profissão. Esta dissonância semântica, existente dentro da mesma palavra, é de certa forma reveladora de uma multifuncionalidade que lhe é característica, mas que nem sempre se encontra devidamente explorada e que nem sempre lhe foi permitida. Durante o período Moderno assistiu-se à obliteração deste conceito, que lhe era próprio, a imposta sectorização da paisagem definia que cada espaço deveria ter uma e uma só função. A rutura com os ideais do modernismo veio permitir que a paisagem fosse novamente pensada como um espaço de confluência de atividades, usos, funções e gerações. Os espaços em aberto com que nos deparamos nas cidades contemporâneas, resultaram em grande parte da ocorrência deste movimento. A existência de uma monofuncionalidade espacial implica muitas vezes um uso feito por comunidades mais restritas, um uso parcial, ou seja, apenas em determinados momentos do dia (consideremos por exemplo o caso das cidades dormitório) ou em último caso o abandono do espaço, quando essa única função é extinta e nada mais exista que o mantenha ativo.

Nos anos 60, com o surgimento do conceito de “ecologia da paisagem”, a paisagem passou a ser entendida como uma entidade dinâmica e com características distintas consoante as especificidades ambientais, climáticas e ecológicas que “nela” se inserem bem como a intervenção humana.

A dissociação que surgira entre o campo e a cidade e que colocou em causa a multifuncionalidade da paisagem tem vindo recentemente a ser esbatida desde que conceitos como Paisagem Global (do professor Ribeiro Telles), Landscape Urbanism, Hybrid Morphologies ou até mesmo a Agricultura Urbana. “Este afastamento entre a cidade e o campo tem por consequência uma perda cada vez maior da multifuncionalidade da paisagem e da consciência de que a vida humana depende da inter-relação entre as mais diversificadas formas de vida, onde se inclui a vida biológica que depende, por sua vez, do equilíbrio ecológico da paisagem.” (Matos, 2010).

Esta multifuncionalidade não coloca em causa a leitura do espaço nem a sua identidade, nem implica que as funções/usos se mantenham no evoluir da escala temporal podendo tanto ser rotativas como progressivas consoante as necessidades da população e do próprio espaço. A existência de espaços mais dinâmicos, em detrimento de espaços estáticos, transmite-se num maior poder adaptativo destes a novas situações assegurando a sua permanência, manutenção e usufruto.

“Um mesmo tipo de espaço pode suportar várias funções, ao longo dos tempos, sem que esta mudança venha a implicar, necessariamente, uma perda de identidade.” (Alfaiate, 2011)

“Espaços abertos (vazios) – são considerados todos os “elementos de espaço”, ou seja, todos os elementos que não constituem massas, quer estas se exprimam por edificação, vegetação, ou outros elementos pontuais construídos com material inerte. (...) Podemos considerar espaços abertos os que são limitados por “elementos de massa”, como a edificação, ou por vegetação densa, ou aqueles que, por terem limites a grande distância, ou mesmo limites intangíveis, podem ser lidos igualmente como espaços “vazios”. São bons exemplos do primeiro caso, as praças, as clareiras, as ruas não arborizadas, os percursos rasgados no seio de uma mata densa ou ladeados por sebes ou muros altos.” (Alfaiate, 2011)

6.3.1 Defensive Architecture

A multiplicidade que poderia ser conferida pela paisagem urbana, para além de não se encontrar na maior parte dos casos convenientemente explorada, prevalecendo por vezes ainda traços deixados pelo Modernismo, é recorrentemente impossibilitada pela prática de uma “arquitetura defensiva”. Esta consiste em tornar certas paisagens em ambientes hostis de modo a evitar a frequência e permanência de indivíduos nas mesmas, geralmente sem-abrigo. São muitas vezes instalados espigões, estruturas pontiagudas que impedem que alguém se sente ou deite sobre as superfícies, reclamando assim o espaço adjacente a edifícios, sobre viadutos e infraestruturas.



Fig.9 “Concrete spikes under a road bridge in Guangzhou city, Guangdong, China.”

Fonte: Imaginechina/REX in *The Guardian* 18 de Fevereiro 2015

Esta tentativa de esconder ou afastar um dos problemas atuais da sociedade acaba por fomentar ainda mais a existência de espaços monofuncionais, espaços que só são usados em determinados períodos de tempo e que acabam por se juntar aos tantos outros espaços em aberto já existentes na cidade, embora estes se distingam por terem sido gerados de forma premeditada.

Felizmente começam a surgir também exemplos interessantes do que é possível fazer com estes espaços alvo da “arquitetura defensiva” integrando a sociedade, fundamentando a vida em comunidade e promovendo a segurança e o bem-estar, como é o caso que resultou do workshop liderado pelo arquiteto Renzo Piano nos subúrbios de Itália.



Fig. 10 “Renzo Piano and G124 to Transform Italian Suburbs with Shipping Containers” Fonte: G124 in *Archdaily*

O espaço em aberto existente sobre um viaduto nos subúrbios da cidade de Roma foi aproveitado e repensado como um espaço cultural e de lazer recorrendo ao uso da reciclagem de materiais como pneus, contentores marítimos (que dão lugar a ateliers onde se realizam workshops e eventos vários), entre outros. (Architizer, 2 de Fevereiro 2015)

6.4 Paisagem Cidade-Campo

Com o crescimento das cidades e desenvolvimento das indústrias a disparidade entre a cidade e o campo foi aumentando. A procura por melhores condições de vida e melhores salários gerou um abandono da vida rural e dos campos. A cidade que em tempos fora a exceção à regra (território rural e florestal), no que diz respeito à sua presença espacial, passou a ter um papel inverso, sendo que o território não urbanizado foi se tornando mais escasso e compartimentado.

Após a Revolução Industrial, os problemas de poluição e salubridade existentes nas cidades tornam-se cada vez mais evidentes e numa tentativa de os mitigar, começa a implementar-se a ideia de criar mais parques, jardins e espaços verdes e de os interligar, formando redes que permitam a ocorrência dos fluxos pertencentes ao sistema ecológico. Olmsted, projetista do Central Park, foi um dos impulsionadores desta ideia de estruturação da malha urbana a partir da conexão de vários parques. É também no seguimento deste novo conceito que Artur Soria em 1882 idealiza a “Cidade Linear” com uma estrutura verde disposta em faixas paralelas e que em 1898 Ebenezer Howard apresenta a sua “Cidade Jardim” com a sua característica estrutura verde anelar. “Ambos os modelos tinham a mesma preocupação: promover a descentralização urbana e reduzir os contrastes cidade-campo.” (Magalhães, 1992). Com a crescente importância atribuída aos ideais higienistas e com o posterior desenvolvimento do conceito de Ecologia surgem outros conceitos associados como o de Estrutura Verde e o de *continuum naturale*, alicerçados no conceito de *Homeostasis*, enunciado por Walter B. Cannon, e associados a uma manutenção biodiversidade. A ideologia *continuum naturale* teve particular importância nas reconstruções efetuadas depois da Segunda Guerra Mundial, disseminando a importância da penetração da paisagem na cidade de uma forma contínua. Para isso serão implementados “corredores verdes” que permitem a ligação entre os vários espaços e a sua união/ coesão. “Este objetivo será conseguido, tanto através da criação de novos espaços, como da recuperação dos existentes e da sua ligação através de “corredores verdes” integrando percursos de peões ou de veículos.” (Magalhães, 1992)

As ideias e conceitos anteriormente expostos evidenciam como os espaços em aberto podem constituir uma parte importante e vital no ordenamento do território. Estabelecem também relação com o conceito contemporâneo de paisagem cidade-campo, com esta

interconexão de tecidos com características distintas que intervêm na formação de um todo, com o juntar o meio rural ao meio urbano, mesclando os vários usos e funções, trazendo de volta a multifuncionalidade da paisagem. No entanto, não quer dizer que não existirão diferenças entre o rural e o urbano, o que se pretende não é uma paisagem homogênea e amorfa mas sim uma paisagem híbrida (em que as partes não são totalmente distinguíveis, mas revelam as suas características particulares, o todo que agora formam será mais que a soma das partes. As extensas áreas de transição e sem qualificação, que antigamente separavam estas duas tipologias/realidades (áreas suburbanas) passam assim a ser mais ténues e a permitir a conexão suave entre os tecidos territoriais. É fundamentada a existência de espaços abertos, contínuos e naturais. “O conceito clássico da cidade desagrega-se, ao passo que se estimula o de cidade-campo.” (Matos, 2010).

Cada vez mais é importante fundamentar esta interconexão das diferentes tipologias e qualidades dos tecidos e da própria paisagem em si, permitindo uma leitura mais fluida e concisa da mesma. “a nossa tarefa será conseguir que a paisagem seja de novo um todo – a cidade, o campo e a indústria – um todo em beleza, na colaboração das suas funções próprias, e na compreensão das pessoas” (Cabral, 1962 in Matos, 2010)

A apreensão da paisagem como uma entidade una, global, dinâmica e sustentável, reside fundamentalmente na reestruturação das ligações entre o coração das cidades, as áreas suburbanas e o campo.

“A necessidade de defender uma nova qualidade de vida, principalmente nas periferias urbanas degradadas e no campo aparentemente inútil, passa por eliminar estas ruturas entre cidade e campo” (Magalhães, 2001 in Matos, 2010)

6.5 Paisagem Global

Outrora retratada por pintores, nomeadamente na Holanda, onde no século XVII veio a constituir um género de pintura, a Paisagem era apreciada e analisada pelo seu valor estético. É ainda, nos seus primórdios, associada a uma ideia idílica da Natureza não modificada ou pouco modificada pelo homem, de campo, de ruralidade, de libertação dos ares pesados e confinados das cidades. “No século XIX, a paisagem é decididamente o termo que encerra uma dicotomia entre a cidade e o campo, entre a vida inóspita e artificial das cidades e a natureza. A expressão que lhe é dada, tanto na pintura como nos modelos de cidade ideal, é a da representação da natureza, tal e qual ela é, na sua versão natural, ou com uma reduzida intervenção do homem.” (Magalhães, 2001). Nos dias de hoje o termo “Paisagem” é muito mais abrangente, já não é só pintura (atividade que primeiro fez uso do

termo) e estética, encerra agora também valores culturais, históricos, biológicos e físicos (Telles, 1994) que a modelaram e caracterizaram ao longo dos anos e que o continuam a fazer. “Para além de ser a imagem do espaço físico e biológico em que vivemos é também (...) o reflexo no território da vida e cultura duma comunidade.” (Telles, 1994)

Antes da Revolução Industrial a Paisagem era entendida como “ um todo territorial envolvente da urbe” (Telles, 1994) as cidades eram simples pontuações no território, um “conjunto de sólidos num enorme vazio não manipulado” o elemento figura neste caso seria o vazio. Após a Revolução Industrial, com o aparecimento de novos meios de locomoção e infraestruturas as cidades começaram a expandir-se de uma forma desordenada e a população abandona os campos indo procurar melhores condições de vida na cidade, ocorre assim a destruição da “unidade cidade-campo”. Assiste-se agora a uma “acumulação de vazios numa mancha de sólidos não manipulados em que o elemento figura passam a ser os cheios”. Quer a paisagem rural quer a paisagem urbana sofrem com o chamado “progresso” as qualidades e condições de vida em cada uma vão se deteriorando. O conceito Paisagem acaba por ser esquecido dando lugar ao conceito de Território que, embora relacionado com o anterior, se dirige mais especificamente ao ponto de vista económico, à quantidade de recursos e a facilidade com que estes podem ser utilizados. Mais tarde com o levantar das questões ecológicas e estéticas o termo Paisagem volta a ganhar importância. As linhas que separavam cidade-campo, paisagem urbana de paisagem rural, vão sendo cada vez mais ténues dando lugar à “Paisagem Global”. “(...) a extensão de muitas cidades e a penetração de infraestruturas e formas urbanas no espaço ainda considerado rural, permite prever que do confronto cidade-campo surgirá a paisagem global do futuro”. O que começaram por ser paisagens modeladas, de forma a permitir o estabelecimento das civilizações no território, sendo adaptadas as práticas da caça, da pastorícia e da agricultura foram depois crescendo. “Nelas foram surgindo os lugares, as aldeias, as cidades, as quintas, os pomares e hortas, as capelas e cruzeiros que justificaram que a paisagem primitiva de subsistência se transformasse gradualmente numa paisagem cultural” (Telles,1994). Enquanto nas paisagens setentrionais do litoral as casas nos apareciam dispersas e associadas a quintais definindo zonas concretas, nas paisagens mais meridionais, embora apresentassem quintas de recreio, eram menos dispersas e à sua volta tínhamos vários anéis corresponde a plantações hortícolas e frutícolas. Hoje em dia ainda podemos encontrar hortas, pomares e jardins no interior de alguns quarteirões. “Durante muito tempo a expansão urbana fez-se, principalmente fora das muralhas, ao longo dos caminhos de penetração, mantendo nos espaços intersticiais hortas, pomares, ferregiais e olivais”. (Telles, 1994)

Contudo, e em nome do dito “progresso”, pode-se estar perante uma eminente “Morte da Paisagem” devido aos danos causados a nível do equilíbrio ecológico e do potencial biológico. O crescimento desenfreado da indústria e do consumo tornou possível a implantação de técnicas mecânicas e químicas prejudiciais aos solos e ao ambiente que visam uma produção rápida, em grande quantidade que leva à delapidação do território. Levou a ocupação de extensas áreas com monoculturas, em detrimento da flora natural e em busca de rentabilização e comercialização de madeiras, frutos e afins. Com a mecanização dos campos e o aumento do número de fábricas e postos de trabalho nas metrópoles a população, que antes vivia nos meios rurais, viu-se incentivada a deslocar-se para as cidades levando a uma crescente desertificação destas zonas. Os campos foram vetados ao abandono, assim como, muitas das aldeias. Em vez de se agir no território, como um todo, compreendendo as dinâmicas e os fluxos que ocorrem na paisagem, é visto, antes, e pensado de uma forma setorial.

Mas a “morte da paisagem” não se aplica só às paisagens rurais, também as paisagens urbanas padecem deste mesmo problema. O crescimento desordenado, a proliferação dos subúrbios, o aparecimento das cidades dormitório, o aumento da poluição, uma má gestão dos recursos, a falta de espaços verdes, constituem razões que levam a que a qualidade de vida nas cidades se vá deteriorando.

“ A “morte” da paisagem corresponde, no mundo de hoje, a uma excessiva concentração demográfica nas grandes metrópoles e a correspondente desumanização do território abandonado sujeito desde então à delapidação dos seus recursos naturais”. (Telles,1994)

Segundo Ribeiro Telles as causas para esta “Morte da Paisagem” assentam fundamentalmente nos seguintes tópicos:

- “Simplificação da paisagem rural e modernização da agricultura” – como, por exemplo, implantação monoculturas (cerealíferas e florestais), uso de métodos mecânicos e produtos químicos, que em conjunto levam a uma redução da biodiversidade.
- Descontrolo da “Expansão Urbana” – Falta de rigor no respeito pela R.A.N. e pela R.E.N., desertificação, diminuição das áreas permeáveis, aumento da poluição, desequilíbrio ecológico e um crescente desordenamento do território.
- Traçado incoerente de “Infraestruturas e obras públicas” – Falta de “integração ecológica, estética e cultural” das infraestruturas nas paisagens que são cortadas e

atravessadas, sem qualquer respeito (os limites das diferentes unidades de paisagem são assim ignorados), “não se procurando, portanto, uma solução esteticamente válida e criativa na implantação dum novo elemento da paisagem que poderia valorizá-la, e assim contribui para a sua degradação”.

- Estratégias homogeneizantes associadas ao “Turismo” – modificação, homogeneização e globalização da paisagem, para agradar aos interesses turísticos e instalação de grandiosas unidades hoteleiras, com a conseqüente perda da identidade local.
- Uso desmedido de bens, reduzida reciclagem produção exacerbada de “resíduos, entulho e desperdícios” – aumento da poluição em grande parte causada não só pelo aumento do tráfego automóvel mas também pelo aumento do consumismo. Grandes perdas de recursos não renováveis e pouca eficiência em acções de regeneração e reciclagem.
- “Poluição visual” – colocação indevida de painéis publicitários, de grandes dimensões, ocultando a paisagem. Gestão inapropriada da implementação da publicidade, pouco virada para a revelação da essência dos lugares.

“ A paisagem, em lugar de ser a imagem e expansão cultural da evolução da civilização, desagrega-se e desaparece dando lugar ao caos e ao deserto. (...) A degradação estética e biológica da paisagem é o diagnóstico seguro de que a comunidade, que a deveria viver, se encontra em diluição e decadência.” (Telles, 1994)

A “criação” de uma Paisagem Global é imprescindível para unir o homem, de novo, à natureza, relembrando-lhe as suas origens, a sua história, a sua cultura, devolvendo-lhe a sua identidade. É preciso restaurar o equilíbrio ecológico e encarar as dinâmicas da paisagem. Deverá haver lugar quer para a paisagem rural, quer para a paisagem urbana, estabelecendo-se ligações entre as duas sem que, no entanto, se misturem ou se tornem homogéneas. “O homem do futuro deverá ser tanto rural como urbano sem que nele se confundam ou diluam as duas ancestrais culturas. (...) Segundo o ponto de vista da paisagem global, tanto o espaço rural, como o urbano e suburbano, as infraestruturas e os equipamentos, fazem parte de um todo e dele são indissociáveis.” (Telles, 1994)

De acordo com Gonçalo Ribeiro Telles o ideal seria ter cidades com dimensões médias dispostas numa rede. À sua volta teríamos variados tipos de agricultura distribuídos por 3 coroas ou anéis. As infraestruturas deverão ligar os diversos espaços permitindo a fácil

deslocação de pessoas e bens sendo, porém, também adaptadas e usadas como “corredores de vida silvestre” ligando, assim, os vários biótopos. Bem como “ os espaços urbanos edificados e os espaços abertos, agrícolas ou naturais devem constituir “corredores” contínuos.” É também importante que a paisagem seja pensada nas diversas escalas, aplicando os mesmos princípios, permitindo uma coesão do território e a manutenção das dinâmicas e fluxos.

Em síntese a estrutura da paisagem global deve equacionar a proteção da paisagem, a circulação de pessoas e bens, uma correta distribuição e aplicação de equipamentos e infraestruturas, o espaço rural e o espaço urbano.

6.6 Sub - Urbanismo

“Sébastien Marot more subtly situates landscape as a “sub-urban” art, where the peripheral and in-between sites are those that ought to be of primary concern to contemporary landscape architects.” (Corner, 1999)

O conceito sub-urbanismo foi amplamente abordado por Sébastien Marot no seu livro “Sub-urbanism and the Art of Memory”. Considera os subúrbios como espaços amnésicos, espaços que perderam a sua memória mesmo antes de a terem, ruínas modernas de um futuro que nunca o foi. Localizam-se geralmente nas periferias da cidade, constituem margens entrópicas onde a desordem e uma aparente irreversibilidade parecem dominar sobre o território. Representam espaços de transição entre o centro das cidades densamente urbanizado e o campo, embora esta ocorra de uma forma abrupta, existem “cortes” no território, entre o que parecem ser vários planos/realidades distintas que, ao contrário do defendido pelo Landscape Urbanism, não parecem estabelecer entre si uma ligação coerente e suave. Não existe igualmente uma hibridização das diversas morfologias presentes.

“Entre estos agujeros y estos vacíos que son sus paradójicos monumentos, la visita, que no se enmarca en una historia construida, no se desarrolla de forma continua, sino que, de repente, oscila de un plano a otro sin una auténtica transición, como si tratara no solo de espacios distintos, sino también de unos “niveles de realidad” distintos, cuyas relaciones entre ellos quedarían todavía por decifrar o inventar.” (Marot, 2006)

O desordenamento territorial destas áreas é notório, assim como uma falta de forma e multiplicidade funcional da paisagem.

“Suburbio significa literalmente “ciudad debajo”; es un abismo circular entre la ciudad y el campo, un lugar donde los edificios parecen hundirse desapareciendo de la vista, donde los edificios caen para formar babeles o limbos desparramados. Cada emplazamiento se escurre hacia la ausencia. Una inmensa entidad negativa de falta de forma desplaza el centro que es la ciudad y anega el campo. (Marot, 2006)

São espaços desprovidos de memória, de um passado, de uma identidade que nunca se chegou a formar. Marcam a passagem de uma “*no man’s land*” para o centro urbanizado das grandes metrópoles.

“Pero los suburbios existen sin un pasado racional y sin los “grandes acontecimientos” de la historia. (...) Inversión de la memoria, inversión de lo pitoresco... Un aparcamiento de coches de ocasión, transición entre el *no man’s land* de la orilla en obras y el centro urbano de Passaic, imposible de encontrar, ofrecerá una imagen de esta visión de la periferia como un gran vertedero de sueños y de ex-futuros reciclados en forma de artículos de consumo.” (Marot, 2006)

7. PROPOSTA

7.1 Enquadramento Histórico

Frente ribeirinha de Alcântara e Av. 24 de Julho

O nome atribuído a esta freguesia deriva da palavra árabe “Al kantara” que significa “ponte”. A ponte que em tempos existiu e que foi responsável pela toponímia deste local, atribuída pelos muçulmanos, estaria situada na atual Avenida de Ceuta, perpendicular à linha de caminho-de-ferro que liga Alcântara Terra a Alcântara Mar. Antigamente, a Ribeira de Alcântara corria livre na atual avenida, encontrando-se encaixada num vale que, ao contrário da ribeira, que foi canalizada, permanece bem visível e proeminente. O aumento da ocupação da área de Alcântara deve-se em parte à mudança da família real para esta zona, depois do terramoto de 1755, que destruiu grande parte da cidade de Lisboa. Muitos elementos da nobreza também vieram instalar-se nesta área, daí que, ainda hoje, se encontrem vestígios de palácios e das inúmeras quintas que existiram então. Mais tarde várias indústrias tomaram Alcântara transformando-a num grande “pólo” industrial nomeadamente tinturarias e estamparias, fábricas de curtumes e extração de pedra (calcário usado na produção de cal). “Alcântara estava a industrializar-se, as fábricas de curtumes locais estavam situadas no sítio de Santana, Vila Pouca, Horta Navia, Ribeira de Alcântara e Rua da Cascalheira. As de estamparia na Quinta do Loureiro, Quinta da Várzea

e Ponte de Alcântara.” Grande parte desta frente ribeirinha, onde foram introduzidas muitas das fábricas e companhias, foi conquistada ao rio através da realização sucessiva de aterros. “O antigo caminho à beira-rio está agora afastado da frente ribeirinha por quarteirões de prédios, pela linha de caminho-de-ferro e pela zona portuária, mas continua a ser recordado na toponímia da cidade, em particular nas “Escadinhas da Praia” que desembocam agora no asfalto da Avenida 24 de Julho.” (pavconhecimento, s/data)

É também nessa zona de aterro que hoje se encontram ainda alguns dos edifícios dessa “Alcântara Industrial” de outrora, que sobreviveram à mudança dos tempos e que esperam indefinidamente por uma reabilitação. São disso exemplo a antiga Fábrica de Lanifícios Daupias e a antiga Unidade Industrial “A Napolitana” (atualmente ocupada por escritórios da marca Auchan)

“Os membros da família Ratton, entre 1807 e 1824, tentaram instalar no Calvário um moinho de cereal movido a vapor (o qual não obteve sucesso), e uma fábrica de louça, entre outras, que montou na sua propriedade da praia do Calvário, destaca-se, em 1839, a Fábrica de Lanifícios Daupias de Pedro Daupias, neto de Jácome Ratton.” (portugalmemoria, 2015)

Nas imediações das duas fábricas, acima mencionadas, encontram-se os edifícios pertencentes à antiga Fábrica de Fiação e de Tecidos Lisbonense (erguida em 1846 e ocupando uma área de aproximadamente 23 000m²), que mais tarde deu lugar à Companhia Industrial de Portugal e das Colónias, Anuário Comercial de Portugal e Gráfica Mirandela. “Perto desta fábrica, mas em direção a Santo Amaro, instalou-se a Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonense (1846-1855).” (portugalmemoria, 2015) Tempo depois de a Gráfica Mirandela se ter mudado para Loures e dos restantes edifícios ficarem ao abandono surge o projeto Lx Factory que veio dinamizar e reabilitar os antigos edifícios, devolvendo a vida e o movimento que noutra época haviam caracterizado esta área da cidade. Empresas de criativos e publicitários, ateliers de designers, estilistas e arquitetos, estúdios, restaurantes e bares ocuparam e revitalizaram as antigas instalações das fábricas. É um espaço que permite dar asas à criatividade, desenvolver o talento nacional na área das indústrias criativas e unir a população local, quer seja através de exposições, *workshops*, palestras, concertos, quer através de festas que se realizam, com frequência, no espaço.

Para além das tinturarias e das estamparias, outro tipo de indústrias, também nessa época, escolheram esta zona para se instalarem.

“Em meados do século XIX fixaram-se em Alcântara algumas unidades fabris ligadas à indústria química (sabão, velas de estearina, azeite de purgueira, óleos, etc.).” (portugalmemoria, 2015)

Com o desenvolvimento das indústrias, também os meios de transporte se começaram a desenvolver, permitindo deslocamentos mais rápidos em percursos mais longos, como a construção dos caminhos de ferro mas, no entanto, o elevado preço destes dificultava a acessibilidade da população operária, razão pela qual, muitos bairros operários foram construídos em Alcântara e nas zonas circundantes.

“A área industrial a Sul do Largo do Calvário e da antiga Rua de São Joaquim adensou-se de construções, como por exemplo as instalações da Carris. Sobre o caniço de Alcântara já coberto, construiu-se para além do caminho-de-ferro acima referido, a estação de Alcântara-Terra e o Mercado de Alcântara inaugurado a 31 de Dezembro de 1905 na Praça General Domingos de Oliveira.” (portugalmemoria, 2015)

Após a construção da ponte o tráfego marítimo comercial e de passageiros, entre as duas margens, diminuiu fazendo com que, também ele, o rio, se assemelha-se cada vez mais a um vazio, um espaço em espera. A ponte foi também, em parte, responsável pelo declínio de muitas das indústrias existentes em ambas as margens.

Esta área que antigamente havia sido ocupada por quintas e pela nobreza transformou-se numa potência industrial ajudada pela presença do rio que permitia o fácil escoamento e chegada de mercadorias.

“O sítio do Calvário que foi durante toda a época moderna uma zona de quintas, palácios e conventos converteu-se num pólo industrial bastante importante.” (jf-alcantara, s/data)

Para além do vale de Alcântara existe outra situação ao largo da Av. 24 de Julho onde a terra avançou sobre o rio de uma forma proeminente, o chamado Aterro da Boa Vista que teve início em 1855 e que permitiu estabelecer a ligação entre o Caís do Sodré e Alcântara e combater os problemas de salubridade, existentes na altura. A forma como o aterro se desenvolveu encontra-se ainda patente na estrutura e fisiografia que apresenta atualmente. “Deixaram entre os aterros alguns “canais” estreitos enviesados em relação à Avenida 24 de Julho, os atuais Boqueirões, que marcam ainda a forma dos espaços aterrados.” Já no século XX foram realizados novos aterros para a implementação da linha de caminhos de ferro e do porto, no qual foram utilizados calcários miocénicos provenientes de Marvila. As Escadinhas da Praia ainda hoje existem, são a marca de um passado mais ligado ao rio, mas a praia de outrora deu hoje lugar à Av. 24 de Julho. (pavconhecimento, s/data)



Fig.11 Evolução da linha de costa assim como da mancha edificada de Lisboa

Legenda:

- Linha de costa em 1807 segundo cartografia de Duarte Fava
- Linha de costa em 1856/58 segundo cartografia de Filipe Folque
- Linha de costa em 1911 segundo cartografia de Silva Pinto

- Mancha de edificado em 1807
- Mancha de edificado em 1856/58
- Mancha de edificado em 1911

Antiga Unidade Industrial "A Napolitana"
Antiga Fábrica de Lanifícios

Fábrica Dauplãs (Lanifícios)
Escritórios do Complexo Fabril da SIDUL

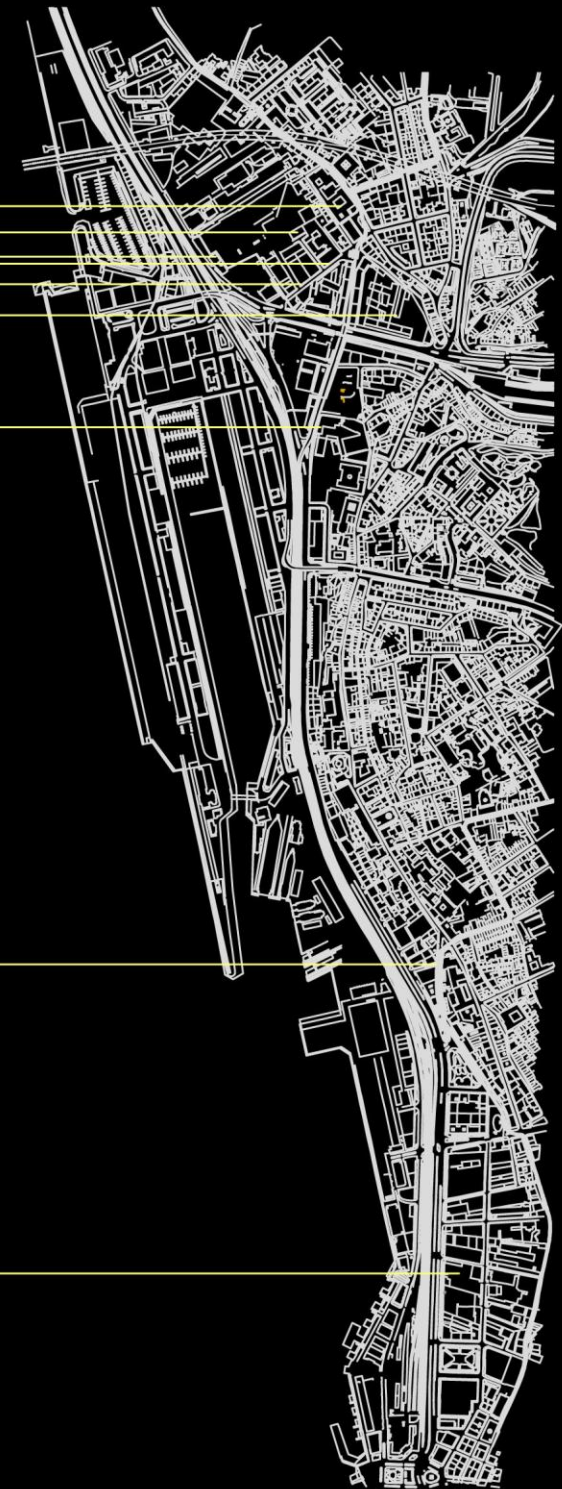
Fábrica Ideal (Azulejos)

Fábrica SOL (extracção de óleo)

Escadilhas da Praia

Antiga Fábrica de Gás da Boavista

Antigo Mosteiro do Calvário



1:18000

Fig.12 Identificação do edificado da frente ribeirinha de Lisboa

Frente Ribeirinha de Almada

Na margem oposta, embora com características topográficas bastante distintas, os acontecimentos sucederam-se um pouco à imagem do que aconteceu com Alcântara. O seu nome tem igualmente origem árabe. A sua proximidade com o rio favoreceu a fixação de vários povos e atividades económicas, ao longo da história, que foram atribuindo uma nova forma ao território e que fazem parte da sua identidade e espólio cultural. A sua ocupação remonta ao final do período Neolítico tendo sido habitada por diversos povos como os romanos, os fenícios e os muçulmanos, que a viam como um ponto estratégico na defesa militar e nas rotas comerciais, dada a sua localização privilegiada. (m-almada, s/data).

Igualmente uma área ribeirinha industrial, desde os finais do século XIX, embora mais estreita, dados os declives acentuados e o relevo acidentado, em parte relacionada com as lides do mar, com fábricas de bacalhau e conservas, corticeiras, fábricas de moagem, fiação, tecelagem e estaleiros navais. Na década de 60 dois acontecimentos vão fazer com que Almada se desenvolva e se transforme na Almada atual, são eles a construção da Ponte sobre o Tejo e a expansão dos estaleiros da Lisnave. No entanto, já desde os anos quarenta, Almada tinha vindo a ser palco de uma explosão demográfica proporcionada pela industrialização, pela criação de novos postos de trabalhos e pela procura de habitação, levando a uma descaracterização e expansão do tecido urbano. O desenvolvimento do sector terciário, até 1973, teve assim repercussões a nível dos transportes, urbanismo e do convívio social. Foi também em 1973 que Almada viu elevada a sua condição de vila a cidade. (m-almada, s/data).

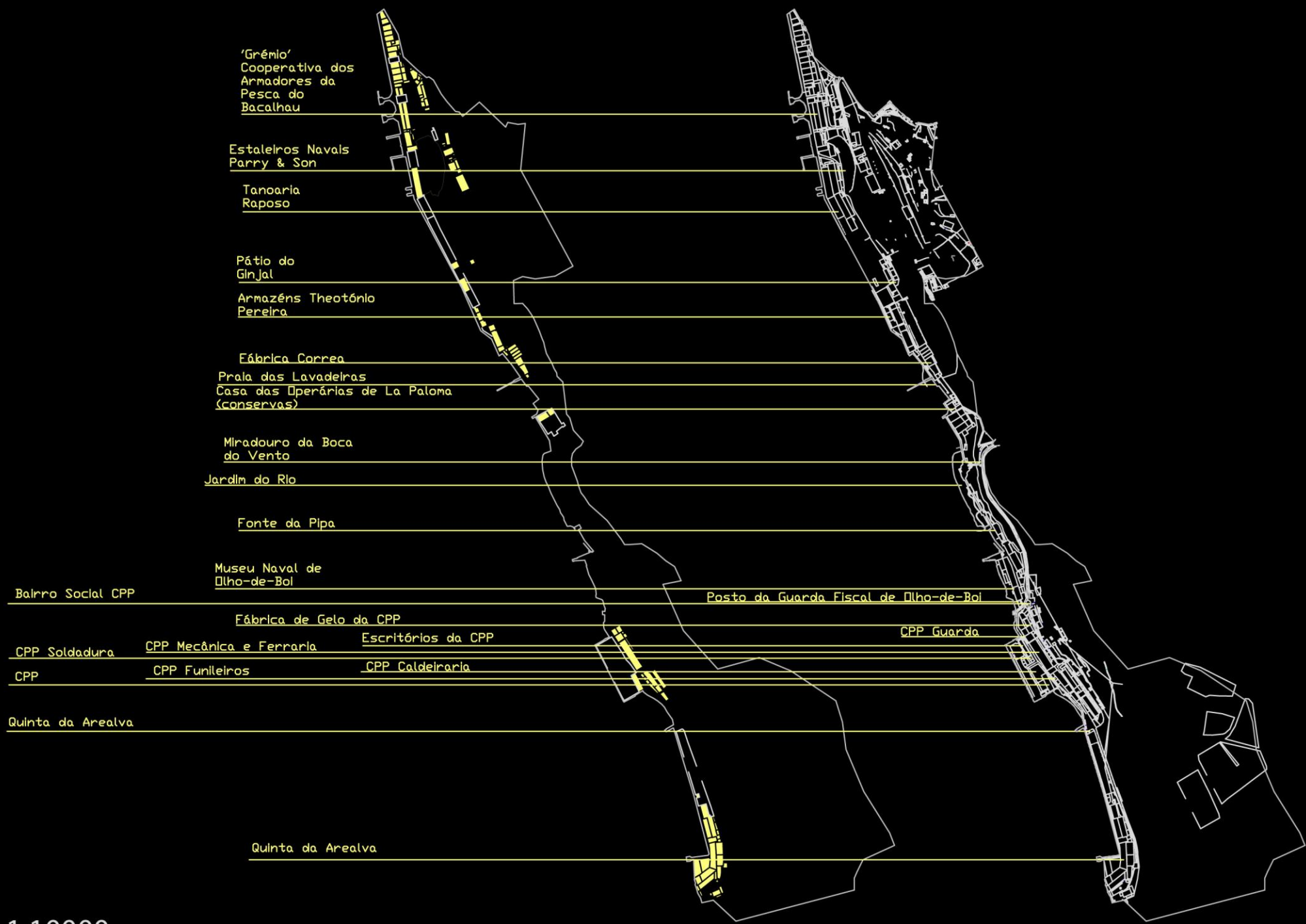
No decorrer da década de 90 Almada volta a crescer, realizando-se inúmeras obras a nível da melhoria da rede de transportes (e do início do funcionamento do comboio da ponte), da criação e diversificação dos espaços de lazer e convívio, infraestruturas desportivas, de espaços verdes (construção do Parque da Paz, do Jardim do Rio e do Jardim Botânico), espaços culturais (Teatro Municipal e Museu da Cidade), a recuperação do Núcleo Histórico de Almada Velha e do Jardim do Castelo, bem como, a construção do elevador panorâmico da Boca do Vento. (m-almada, s/data).

Almada constitui uma cidade muito rica do ponto de vista cultural e patrimonial e é importante que essa identidade seja considerada e preservada. “Das quintas agrícolas às estâncias balneares, das fortificações militares à indústria conserveira, naval e tanoeira, passando pelos vestígios arqueológicos descobertos na Quinta do Almaraz, ao longo da frente ribeirinha são visíveis as memórias do passado.” (Almada Boletim nº 217, 2015)

Fazendo o percurso ribeirinho desde Cacilhas até Arealva vamos deparando com vários fragmentos que relatam a história deste local. Cacilhas ainda hoje constitui um ponto fulcral nas ligações fluviais entre as duas margens, esta localização privilegiada, que sempre lhe foi

reconhecida, foi fundamental para que aí se instalassem inúmeras indústrias, fábricas e oficinas principalmente relacionadas com a construção e reparação naval, como é o caso dos antigos estaleiros Parry & Son que se encontram encaixados na arriba. O Farol de Cacilhas e o reconstituído Chafariz de Cacilhas (abastecido por uma mina do Ginjal) constituem outros dois marcos importantes desta área. Seguindo em direção ao Ginjal encontramos no cimo da arriba o antigo Castelo de Almada, atualmente utilizado como Destacamento Territorial de Almada da Guarda Nacional Republicana. À mesma cota, mas um pouco mais à frente, deparamo-nos com a Casa da Cerca, um antigo solar dos séculos XVII/XVIII convertido em Centro de Arte Contemporânea, em 1993. Anexo a este, encontra-se um miradouro, que oferece uma vista privilegiada sobre Lisboa, e que se encontra ligado à cota inferior da arriba por um elevador panorâmico (elevador da Boca do Vento), que desce até ao Jardim do Rio e ao percurso ribeirinho. Continuando em direção a Olho-de-Boi encontra-se a Fonte da Pipa, que remonta a 1736, que tinha como principal função o abastecimento de navios e da própria vila. À sua frente encontra-se a Praia das Lavadeiras. Ambas foram alvo de recuperação por parte da Câmara Municipal em 1998. Passada a Fonte da Pipa segue-se o Museu Naval onde se encontra preservado o espólio da indústria de reparação naval de Olho-de-Boi. O nome atribuído a esta zona (Olho-de-Boi) teve origem na ocorrência de uma mina de água. Aqui encontram-se, desde 1920, as instalações da Companhia Portuguesa de Pesca (que fora em tempos a segunda maior da Europa). Em grande parte abandonada são ainda visíveis sobre as entradas as funções atribuídas aos vários edifícios (escritórios, caldeiraria, fábrica de gelo, soldadura...). Existiam ainda num plano superior um bairro social e clube recreativo e cultural. Anteriormente, e desde o século XIX, estes vários edifícios haviam sido ocupados pela Fábrica de Pano de Feltro e depois ainda pela Fábrica de Fiação e Tecidos Lisbonense.

A cota superior fica localizada a Igreja de São Paulo e o Seminário de Almada, que havia sido um convento, até à data da extinção das ordens religiosas em 1834, e posteriormente havia servido como habitação, até o Patriarcado de Lisboa o adquirir e converter em seminário. Ainda antes de chegarmos perto dos pilares da Ponte 25 de Abril entramos na zona da Arealva onde podemos presenciar o antigo Forte de Arealva datado do reinado de D. Pedro II, atualmente em ruínas, foi convertido em residência dos proprietários de armazéns de vinho, após ter perdido as suas funções militares no fim do século XVIII, tendo funcionado como quinta e tanoaria. Novamente a uma cota superior encontra-se último ponto de interesse, antes de chegar à ponte, o Monumento Nacional a Cristo Rei, localizado sobre um dos pontos mais elevados, oferece-nos uma agradável e ampla vista sobre Lisboa e o rio Tejo. (Almada Boletim nº 217, 2015)



'Grémio'
Cooperativa dos
Armadores da
Pesca do
Bacalhau

Estaleiros Navais
Parry & Son

Tanoaria
Raposo

Pátio do
Ginjal

Armazéns Theotónio
Pereira

Fábrica Correa

Praia das Lavadeiras
Casa das Operárias de La Paloma
(conservas)

Miradouro da Boca
do Vento

Jardim do Rio

Fonte da Pipa

Museu Naval de
Olho-de-Bol

Balrro Social CPP

Posto da Guarda Fiscal de Olho-de-Bol

Fábrica de Gelo da CPP

CPP Guarda

CPP Soldadura

CPP Mecânica e Ferraria

Escritórios da CPP

CPP

CPP Funileiros

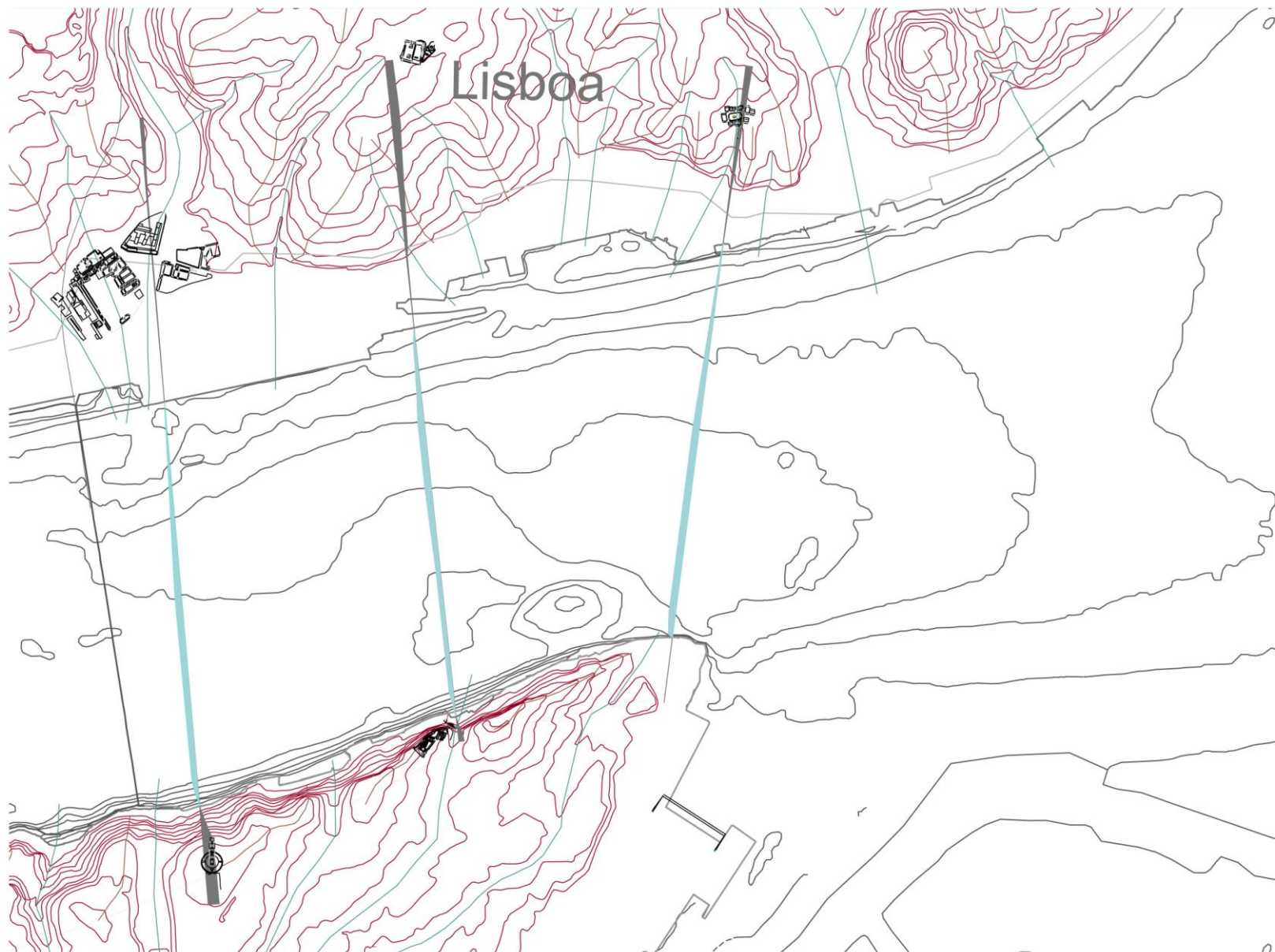
CPP Caldeiraria

Quinta da Arealva

Quinta da Arealva

1:10000

Fig.13 Identificação do edificado da frente ribeirinha de Almada



Os cortes efetuados sobre as duas margens (Fig.14) permitiram aprofundar o estudo da sua ligação, que se revela também presente ao nível das variações topográficas, que nos conduzem o olhar sobre a margem oposta, aproximando-nos desta, como acontece por exemplo no cimo da rua do Alecrim, na Basílica da Estrela, no miradouro da Casa da Cerca ou no miradouro do Cristo-Rei, aqui destacados.

Fig.14 Cortes esquemáticos e levantamento das linhas de festo e de talvegue da área em estudo 58

7.2. Objetivos

O programa que, a seguir, se apresenta tem como principais objetivos a revitalização, recuperação e reconexão de duas importantes áreas industriais desativadas, localizadas nas margens do rio Tejo. Espaços como estes estão providos de inúmeras potencialidades, podem e devem, por isso mesmo, voltar a desempenhar uma função vital na vida das grandes cidades e das pessoas que as habitam. No entanto, isto não significa que, por estarem agora desprovidos de uso, não desempenhem, algumas funções importantes, que passem despercebidas a um olhar menos atento. São, por si só, pontos de fuga, inseridos na densa malha urbana tão fortemente edificada, que por vezes chega a tornar-se claustrofóbica. Assim como as pausas numa partitura, permitem-nos a nós, às outras espécies e ao solo, “respirar”. Constituem por vezes áreas permeáveis ou de acumulação de águas de escorrência, com características únicas que permitem o desenvolvimento de novas comunidades de seres vivos, como já foi anteriormente referido acerca do tema “A Terceira Paisagem” de Gilles Clément. Podem assim constituir pequenos nichos ecológicos, com uma grande biodiversidade, que estão aptos a estabelecer uma ligação com áreas verdes de maiores dimensões permitindo um intercâmbio da fauna e a sua prosperidade. Estes são muitas vezes apelidados de “Stepping Stones” e juntamente com os “Corredores Ecológicos” fazem parte de um conjunto de medidas que visa mitigar a fragmentação dos habitats naturais, que ocorre muitas vezes derivada da expansão urbana desmedida.

Contudo, estes espaços, encontram-se geralmente carregados de muitas mais potencialidades muitas vezes subaproveitadas e subvalorizadas.

7.2.1. Oportunidades

Características comuns/gerais a serem consideradas e potenciadas:

- Origem geomorfológica comum (génese comum às duas margens)
- Topografia e a relação paritária entre os dois espaços, em análise, que se relacionam mais entre si do que com as respetivas cidades e seus interiores/centros;
- O rio como espaço canal, como biótopo potenciador das ligações com a cidade e com os outros corredores ecológicos que com ele se relacionam (a Ribeira Seca, a Ribeira de Alcântara...);
- O rio como relator histórico importante, no que diz respeito às atividades económicas que lhe estão associadas, nomeadamente, indústrias e meios de transporte fluvial, às trocas comerciais e ao desenvolvimento e expansão da cidade;

- Reativação de memórias ligadas a um passado industrial e mercantil influenciado pela presença do rio através do aproveitamento de estruturas e marcas existentes na paisagem.
- Revelar a verdadeira identidade cultural dos espaços e dá-la a conhecer à população.
- Revelar as dinâmicas dos elementos água e vento, tão presentes na moldagem e na história deste território.
- Perceber que existe toda uma cultura intrinsecamente ligada com estes espaços e com o rio;
- Recorrer à topografia e morfologia do terreno como elementos conectores das duas margens, através dos pontos de vista existentes (Rua do Alecrim, Basílica da Estrela, miradouro da Tapada das Necessidades, Elevador Panorâmico do Gíngal, Casa da Cerca, Cristo Rei, Posto Territorial da GNR de Almada)
- Localização geográfica privilegiada (relação com o rio e o mar e as suas dinâmicas);

Os espaços expectantes identificados na zona de intervenção referente à margem Norte do rio Tejo, apresentam o seguinte conjunto singular de características a serem potenciadas:

- Declives suaves, facilitando a ligação com as áreas envolventes;
- Potencial de inclusão na estrutura verde da cidade, onde a sua circunstância de espaço linear resulta num bom propulsor de trocas e facilita o estabelecimento de relações;
- Proximidade com outros ecossistemas e biótopos como o Parque Natural de Monsanto, a Tapada das Necessidades e o próprio rio;
- Área de proporção considerável sem edificação inscrita dentro da cidade consolidada, podendo potencialmente contribuir para funções ecológicas e de recreio.
- Potencial de recreio local e turístico qualificado, diferente dos existentes em qualquer outra zona da cidade;
- Posição geográfica potenciadora de contacto direto com o próprio mar;
- Todos os espaços podem ser lidos através das dinâmicas do rio e da situação de estuário, pela sua proximidade.

Os espaços expectantes identificados na zona de intervenção referente à margem Sul do rio Tejo, apresentam o seguinte conjunto singular de características a serem potenciadas:

- Proximidade com o rio;

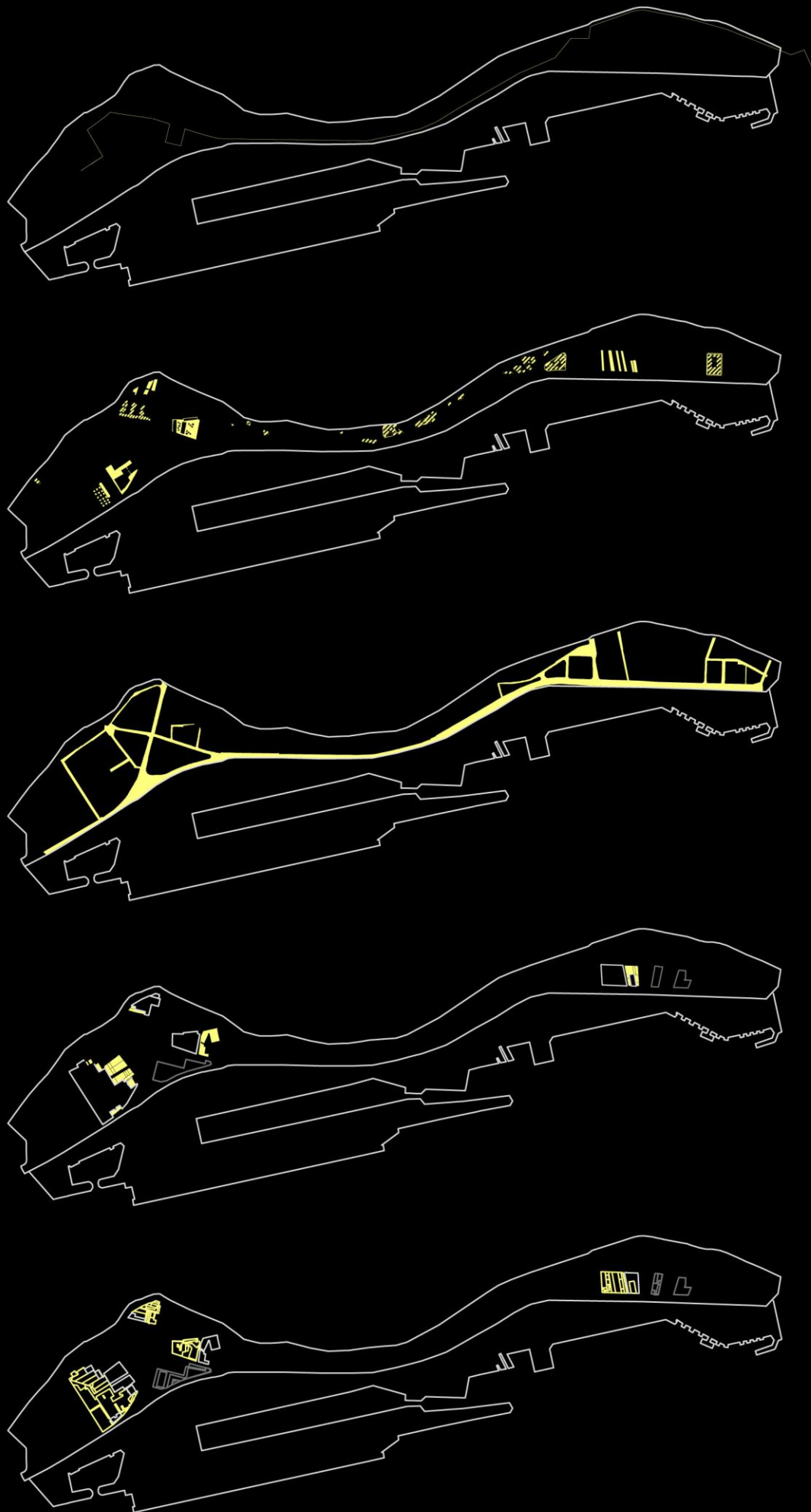
- Marco histórico importante, no que diz respeito à indústria, às trocas comerciais e ao desenvolvimento da cidade;
- Localização privilegiada;
- Pontos de interesse circundantes: Casa da Cerca, Museu Naval de Olho-de-Boi, Elevador Panorâmico, Miradouro, Fonte da Pipa;
- Sistema de vistas sobre Lisboa com elevada qualidade cénica;
- Forte componente energética a nível eólico.

7.3. Intervenção

7.3.1. Margem Norte

7.3.1.1. Premissas de atuação:

- Ligar os diversos espaços, inseridos no intervalo temporal relativo à industrialização de Lisboa recorrendo para isso à demarcação da antiga linha de costa; (correlacionar os espaços entre si e com cada uma das margens
- Aumentar a percentagem de áreas permeáveis, visto a zona de intervenção estar inserida; numa área suscetível a inundações e aos efeitos de maré;
- Reabilitação e reativação de estruturas edificadas e dos espaços abertos que se inscrevem nesta área entendendo-os com igual presença na configuração arquitetónica e reinterpretação histórica do sítio.
- Desenvolver o valor cultural, lúdico, social com implícito potencial nas dinâmicas humanas locais e na atração turística;
- Restabelecer as ligações mais imediatas com o rio e entre as duas margens ativando os processos associados as suas dinâmicas nomeadamente a presença da água (das encostas e fluvial), a luz potenciada pela reflexão do rio, as brisas, usando estes elementos como motivos de sustento e conceptualização do desenho urbano;
- Releitura da presença da antiga linha de costa, hoje colmatada pelo aterro, como elo de ligação entre os vários espaços atualmente desarticulados e desintegrados usando as dinâmicas do rio como principais elementos de composição.



Elemento de água

Espaços verdes existentes (tracejado)
Espaços verdes Implementados (mancha)

Percurso de ligação a destacar

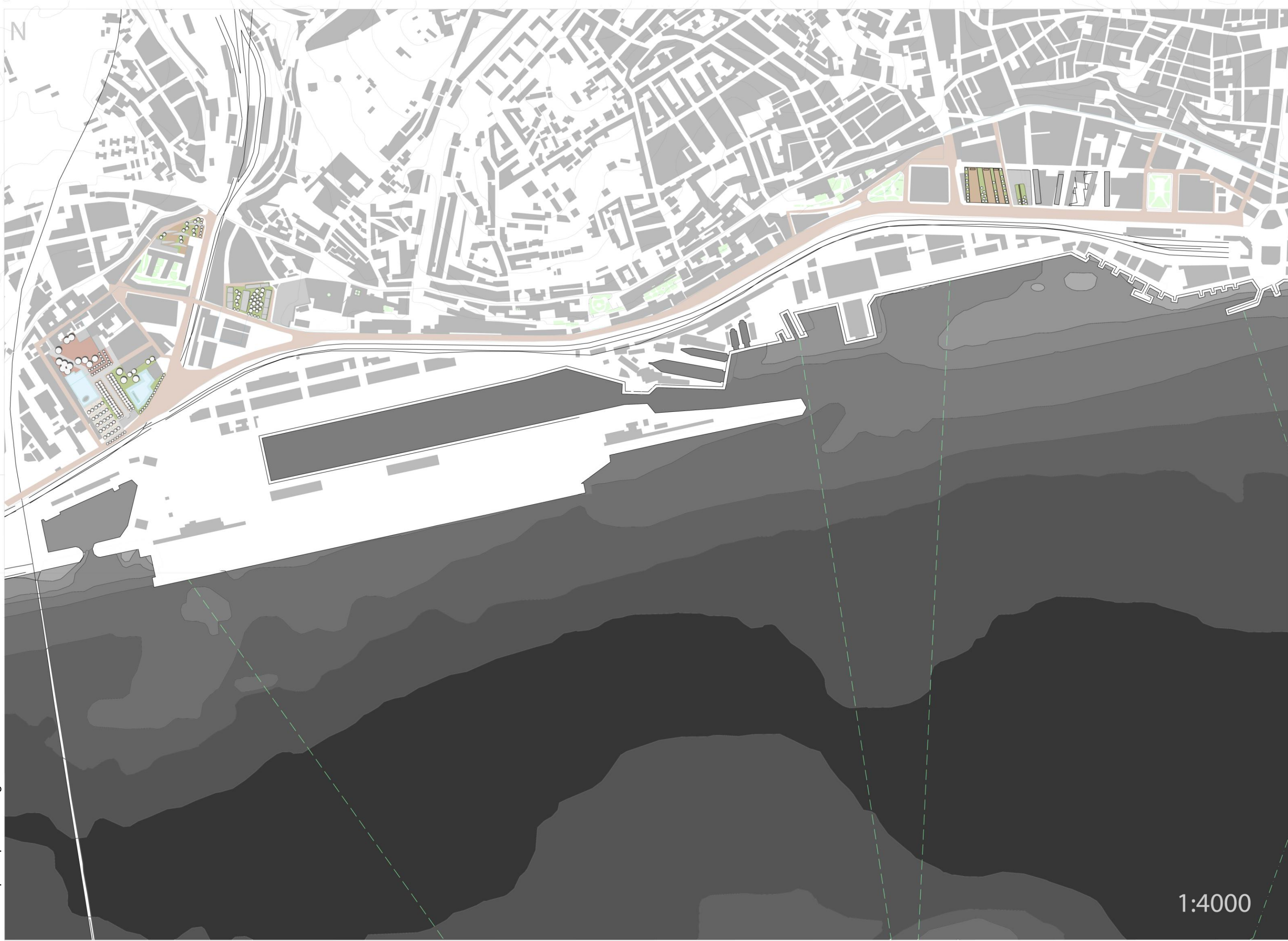
Edifícios e estruturas existentes a rehabilitar

Estrutura dos espaços adjacentes aos edifícios e estruturas a serem rehabilitados

1:25000



Fig.15 Premissas de atuação na margem Norte



7.3.1.2. Proposta para Lisboa

Peça desenhada 1

Praça de Eventos – Ocupa um dos módulos inseridos nos terrenos adjacentes à actual “Ilha” de indústrias Criativas, LX Factory, e pretende ser usado como uma extensão desta, proporcionando um espaço de maiores dimensões para a realização de eventos.

Anfiteatro – Espaço para o encontro da população, realização de espetáculos e ao mesmo tempo reservatório para recolha e posterior utilização das águas pluviais, localizado nas proximidades da confluência de várias linhas de água, nomeadamente da antiga Ribeira de Alcântara, atualmente canalizada.

Pomar – Com o intuito de tornar o espaço mais fresco e permeável, oferecendo uma área de repouso semelhante aos jardins árabes, como exemplo o Pátio das Laranjeiras em Sevilha, relembrando também as antigas quintas que ocupavam Alcântara.

Parque de Skate – Assim como o anfiteatro, este módulo representa uma dupla função quer seja como parque de skate ou como reservatório das água pluviais, sendo que a zona de Alcântara é propensa a inundações, dada a cota a que se localiza e o facto de constituir, na sua maioria, uma zona de aterro.

Peça desenhada 2

Jardim de Interior de quarteirão – Reabilitação e reativação da antiga fábrica de azulejos existente no local, “Fábrica Ideal”, implementação de um jardim para usufruto da população que vive e trabalha nas imediações, seguindo a lógica utilizada no quarteirão bem como a projeção a partir da parte edificada.

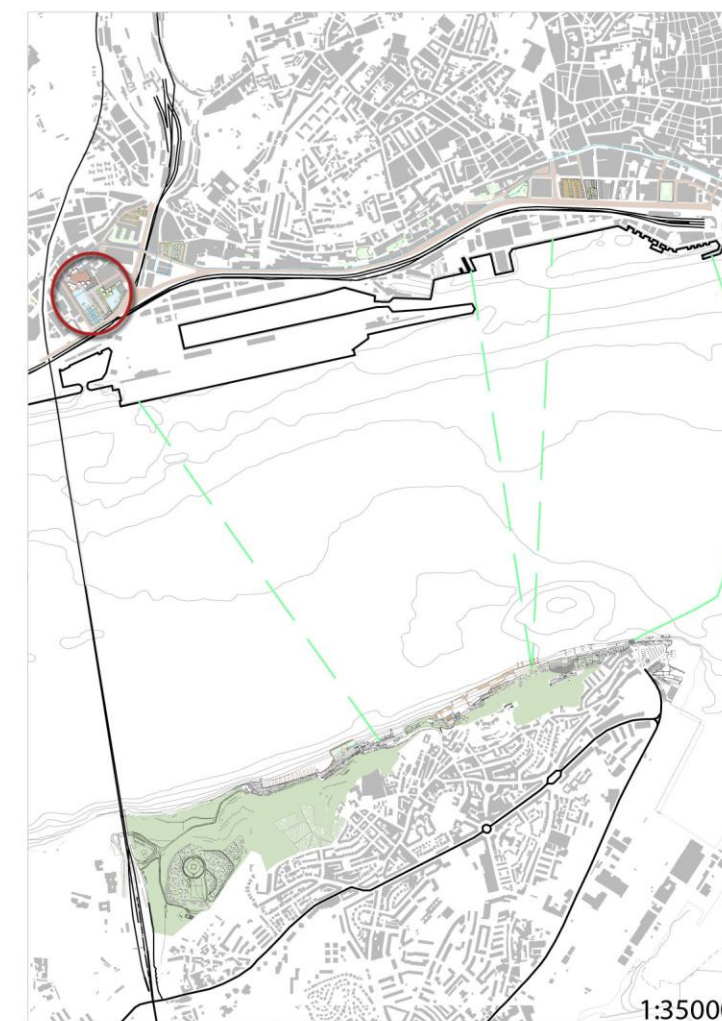
Peça desenhada 3

Jardim e novo espaço para escritórios/empresas – Utilizando a métrica da ocupação anterior será edificada uma nova área empresarial, com o intuito de reativar o espaço e de atrair mais pessoas, incentivando o desenvolvimento sustentável e económico. O jardim pretende colmatar a falta de espaços verdes de carácter lúdico nesta parte da cidade. Localizado nas proximidades das Estações de Comboios de Alcântara-Terra e Alcântara-Mar e do Bingo, oferece um local propício para encontro de gerações. Permite um refúgio entre duas das avenidas mais movimentadas, Av. De Ceuta e a Av. 24 de Julho e será decerto uma mais-valia aquando da conclusão da obra do novo Hospital da Cuf a ser realizada no quarteirão em frente.

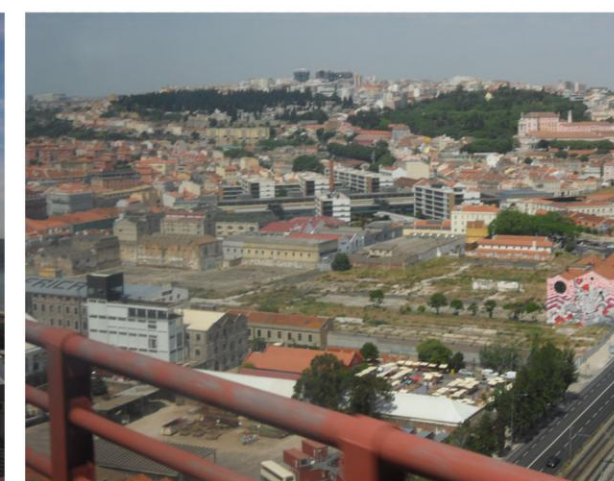
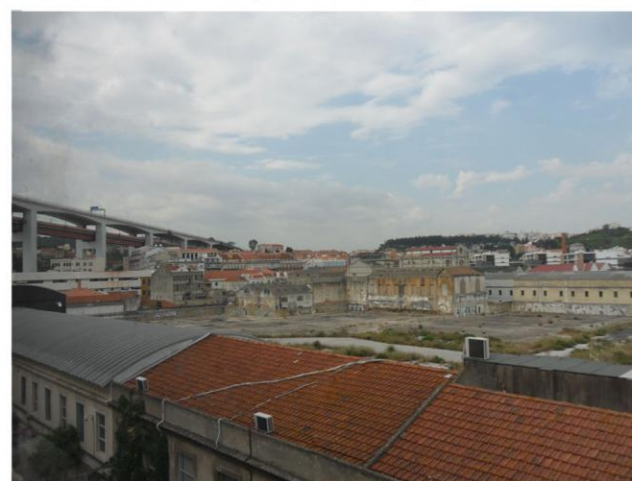
Peça desenhada 4

Cinema ao ar livre/Espaço de Eventos – Localizado nos terrenos anexos ao IADE, tem como objetivo oferecer um espaço para a realização de eventos a ser usado, nomeadamente, pela comunidade de estudantes. Dadas as características do edifício adjacente, este poderá ser usado para projeções, sendo possível a realização de sessões de cinema ao ar livre. Este espaço permite ainda estabelecer a ligação com a outra margem, mais especificamente com o Anfiteatro “Parry & Son”, visto que os espaços se encontram alinhados e que o tipo de atividades a ser desenvolvida é semelhante, poderia inclusive recorrer-se à técnica de live streaming permitindo projetar em tempo real um espetáculo a decorrer na outra margem do rio.

O elemento unificador do espaço de intervenção, presente ao longo das várias peças desenhadas – a caleira de recolha de águas pluviais – pretende ligar os vários espaços de intervenção, estabelecendo um percurso que corre pelas antigas linhas de costa. Funcionará assim como infraestrutura de recolha de águas pluviais, de carácter lúdico e educativo que fará ainda a ligação com os reservatórios implementados.



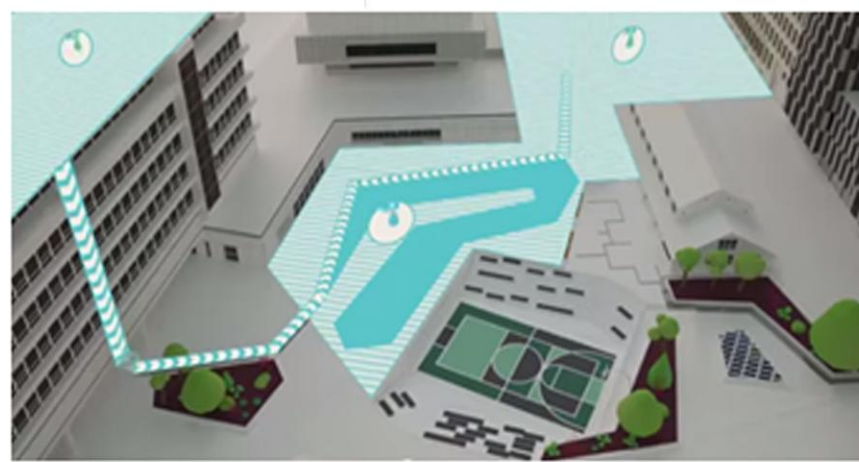
FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO A SER INTERVENÇIONADO



CASOS DE ESTUDO ANALISADOS



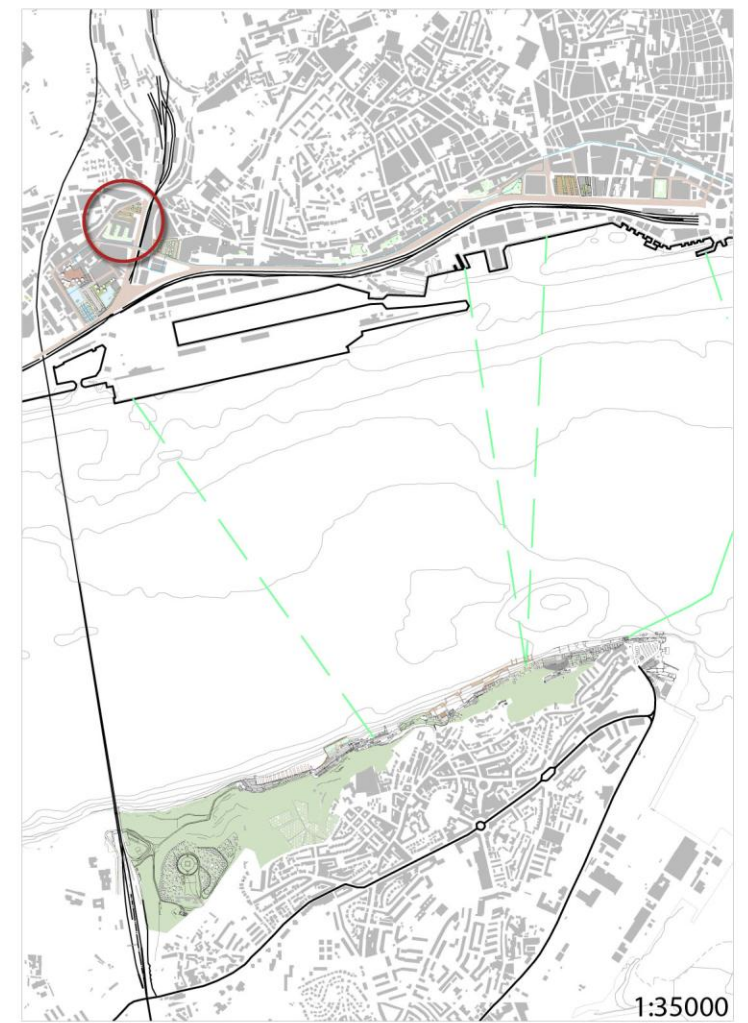
Waterplein Benthemplein. Foto de:De Urbanisten



Waterplein Benthemplein



Hornsbergs Strandpark. Foto: Åke E: son Lindman

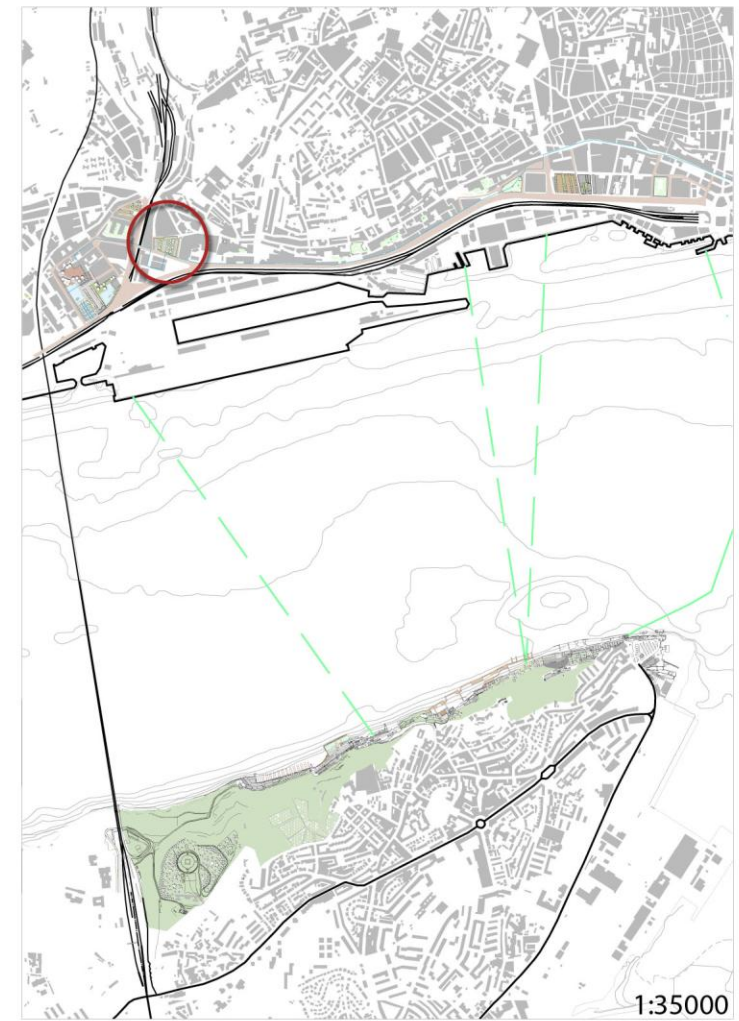
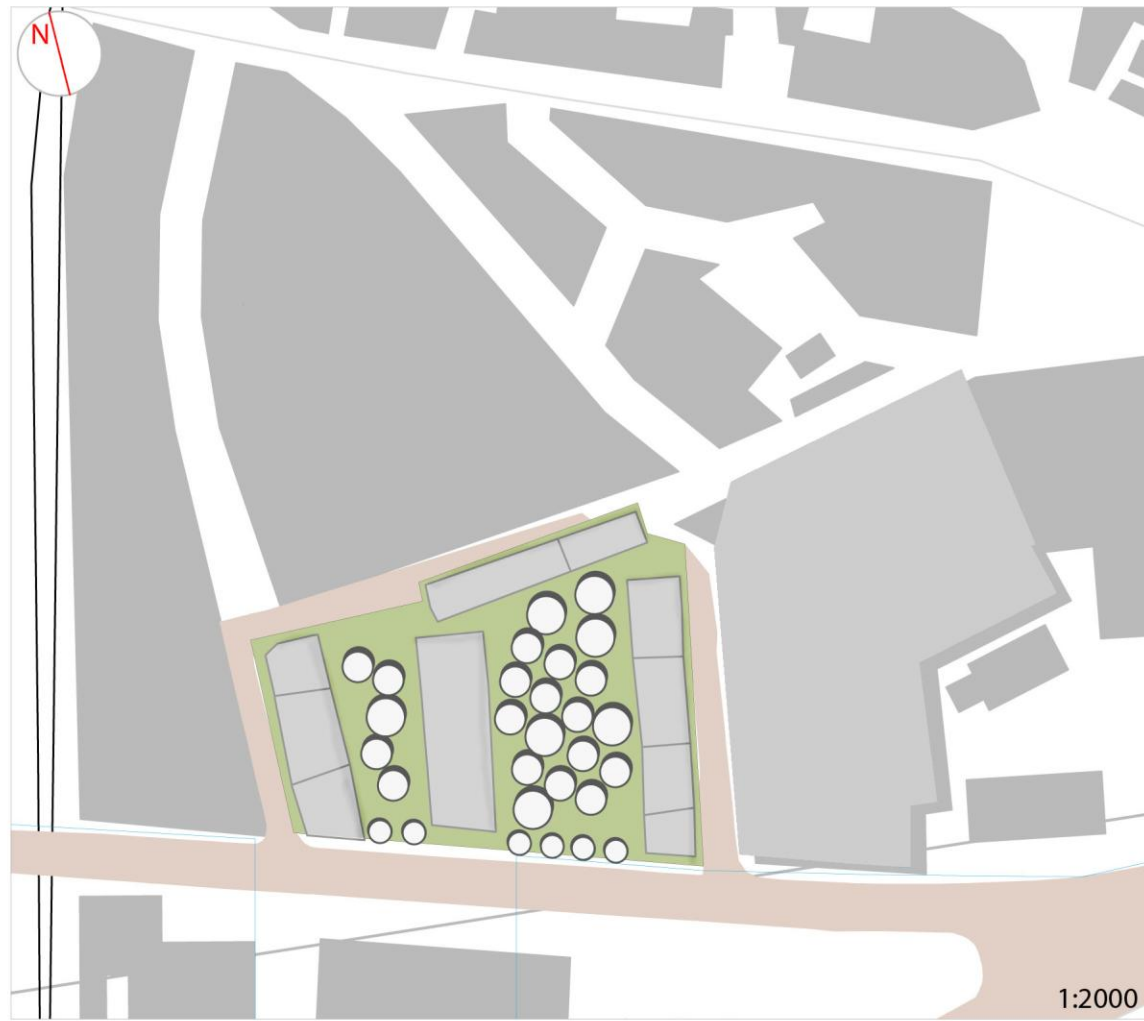


FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO A SER INTERVENCIONADO



CASOS DE ESTUDO ANALISADOS



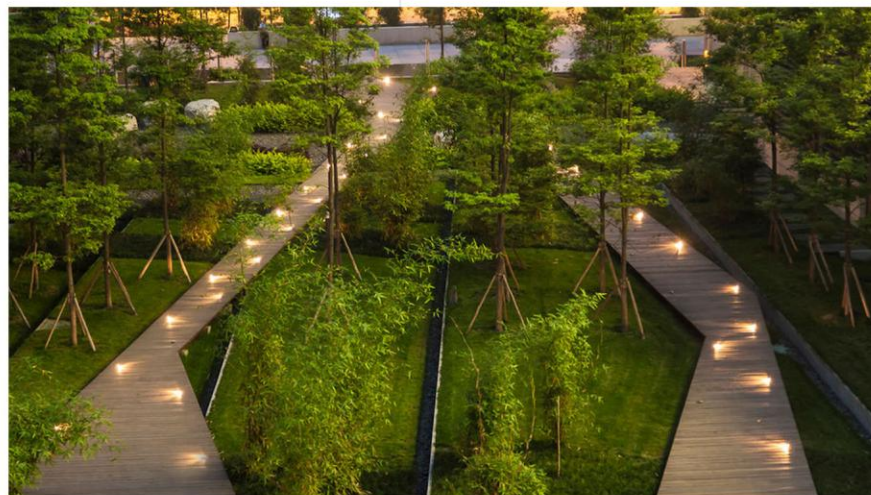


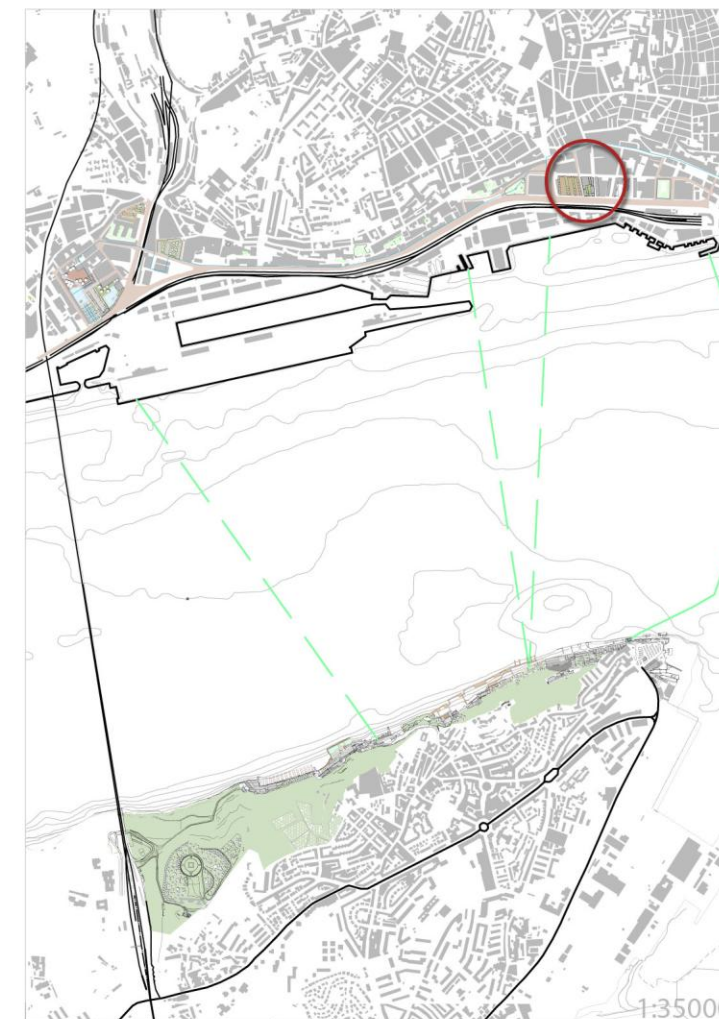
FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO A SER INTERVENÇIONADO



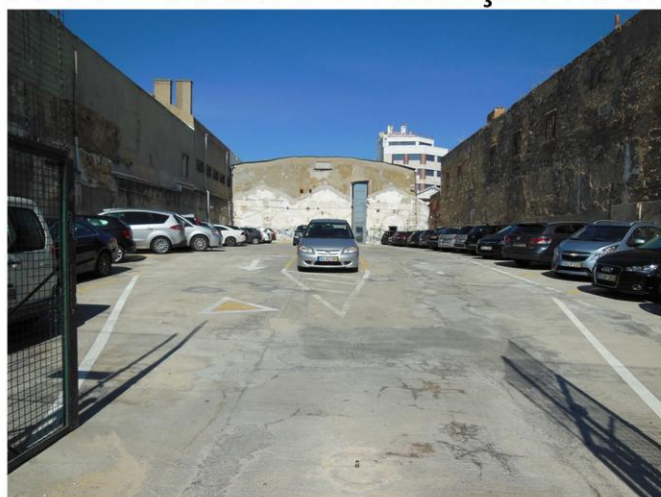
CASOS DE ESTUDO ANALISADOS

Symantec Chengdu Campus, SWA





FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO A SER INTERVENCIONADO



CASOS DE ESTUDO ANALISADOS



The Hill at Vallco de Rafael Vinöli, OLIN Landscape Architects



Open Air Cinema, Marshall's Mill de ARES Landscape Architects



Silo Park at Wynyard Quarter



Silo Park at Wynyard Quarter

7.3.2. Margem Sul

7.3.2.1. Premissas de atuação:

- Unir áreas que se encontram a diferentes cotas, o centro da cidade e a zona marginal, ativando os fluxos;
- Assinalar circunstâncias interessantes a nível do traçado da malha urbana e do sistema de vistas recorrendo para isso a iluminação resultante da energia produzida por geradores eólicos;
- Reabilitação de estruturas e proposta de novas estruturas a céu aberto bem como de edifícios abandonados para fins culturais, lúdicos, sociais e comerciais perspetivando a viabilidade integrada do seu sustento e tendo em conta os seus usos passados.
- Criar novas estruturas que estão inscritas no próprio rio permitindo o usufruto e o contacto da população com o rio através da criação de uma piscina ecológica, da implementação de atividades ligadas com a prática desportiva e náutica.

Áreas e superfícies de contacto com o rio

Espaços verdes existentes (tracejado)
Espaços verdes implementados (mancha)

Percursos existentes a recuperar (tracejado)
Percursos implementados (mancha)

Edifícios e estruturas existentes a reabilitar

Estrutura dos espaços adjacentes aos edifícios e estruturas a reabilitar

1:15000



Fig.16 Premissas de atuação na margem Sul



7.3.2.2. Proposta para Almada

Peça desenhada 5

Praça “La Paloma” – Praça localizada no espaço outrora ocupado por 2 dos 3 edifícios principais, pertencentes à Casa das Operárias de La Paloma, atualmente devolutos. O terceiro edifício alberga um espaço de restauração “Atira-te ao Rio”. A praça servirá de apoio a este espaço, bem como a um novo espaço erguido onde se localizavam os edifícios anexos, atualmente devolutos, constituindo ainda um espaço de lazer e contemplação.

Plataformas e percurso de aproximação ao rio – Permitem a aproximação das pessoas ao rio bem como um reforço e aumento da área pedonal. As “praças” coincidem com áreas de passagem mais estreitas, devido à existência do edificado proposto para reabilitação, permitindo assim a ampliação destas. Os edifícios propostos para reabilitação servirão como pontos de apoio e foram escolhidos quer pela sua traça arquitetónica quer pela presença de fachadas revestidas com azulejos. As plataformas respeitam a métrica estabelecida pela parte edificada.

Cais de táxis aquáticos – A implementação de táxis aquáticos e das infraestruturas a estes associadas, visa restabelecer as ligações, por via fluvial, outrora existentes entre as duas margens, permitindo uma aumento do fluxo de pessoas, um maior contacto com o rio e um crescimento no número de travessias. A localização do cais será ancorada nas novas plataformas de aproximação ao rio, respeitando um dos antigos pontos de ancoragem e estabelecendo a ligação com um ponto marcante, na outra margem, símbolo da localização da antiga linha de costa e de avanço que este sofreu ao longo dos anos (“as escadinhas da praia”).

Peça desenhada 6

Anfiteatro para eventos e cinema ao ar livre – Aproveitamento da estrutura peculiar construída para albergar os antigos Estaleiros Navais “Parry & Son”. A sua forma côncava, em forma de concha, funcionará como tela, como pano de fundo para os mais variados eventos culturais, concertos, cinema ao ar livre ou videomapping.

Peça desenhada 7

Piscinas Biológicas CCP – Aproveitamento da plataforma e “tanque” da Companhia Portuguesa de Pescas para a criação de piscinas biológicas onde será feita a filtragem e utilização da água do rio. Alguns dos edifícios existentes no espaço, como o correspondente

aos escritórios da CCP, serão reabilitados para servirem de suporte às piscinas (balneários, restauração, arrecadação).

Pólo de indústrias criativas – Recuperação dos edifícios anteriormente ocupados pela Companhia Portuguesa de Pescas para a criação de um espaço de indústrias criativas.

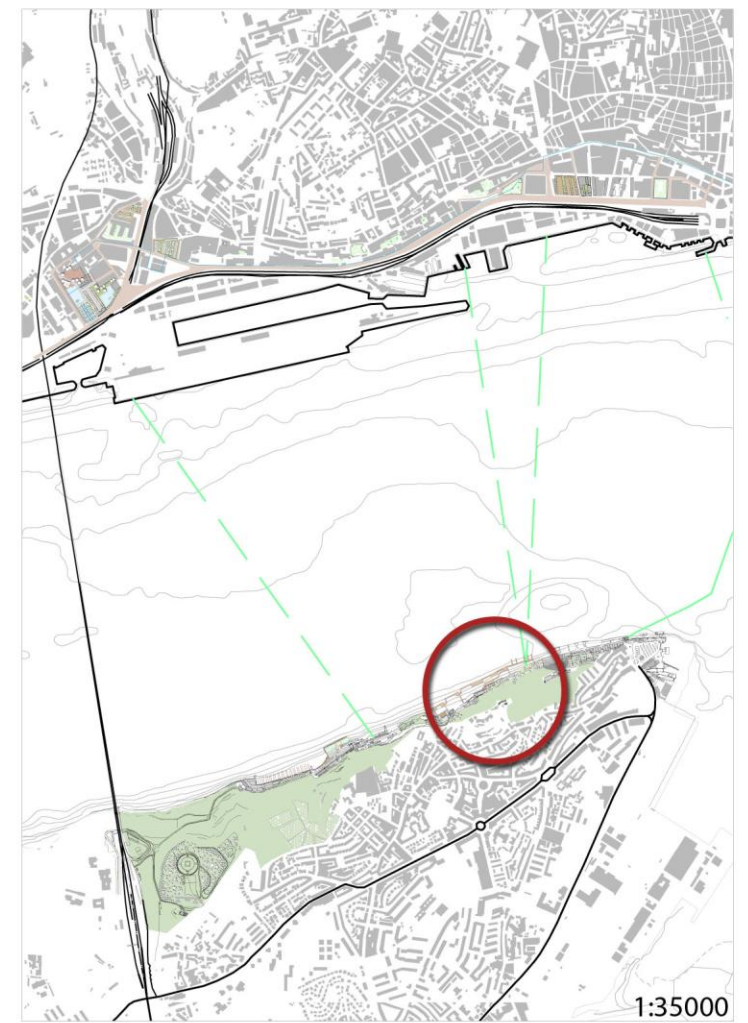
Peça desenhada 8

Mercado da Arealva – Recuperação da quinta da Arealva, terrenos de produção e respetivos edifícios, implementação de um mercado ligado às antigas indústrias desenvolvidas em Almada (produção de vinho, de conservas, bacalhau), implementação de pátios a céu aberto, em alguns dos edifícios. Implementação de pomares e vinha nos antigos terrenos da quinta.

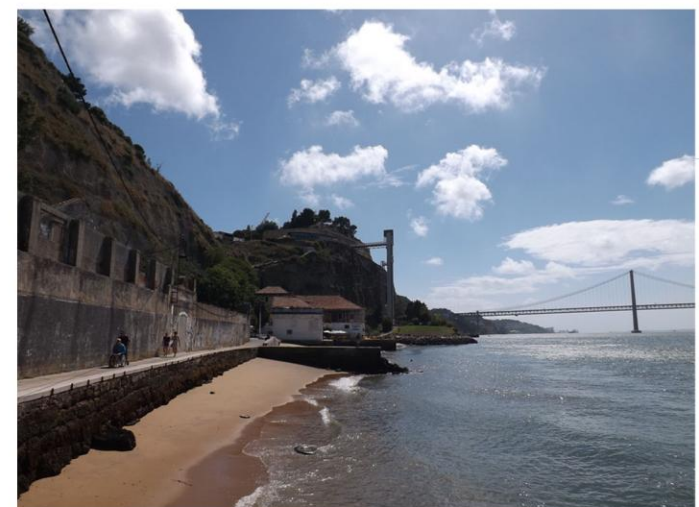
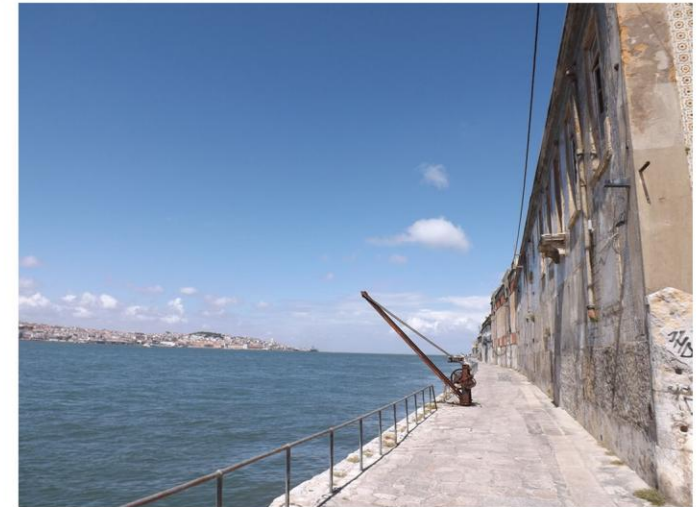
Recife artificial – Recuperação da antiga atividade de cultura de ostras no Rio Tejo, com o intuito de purificação das águas do rio e de proteção da orla costeira do efeito motriz e erosivo da água, inspirado num projeto feito para Nova Iorque, pela arquiteta paisagista Kate Orff.

Peça desenhada 9

Parque eólico – Com vista a aproveitar o forte potencial eólico de Almada será implementado um parque eólico na parte superior da arriba que funcionará igualmente como espaço verde e de lazer, bem como de iluminação (utilização de leds ativados pelo movimento).



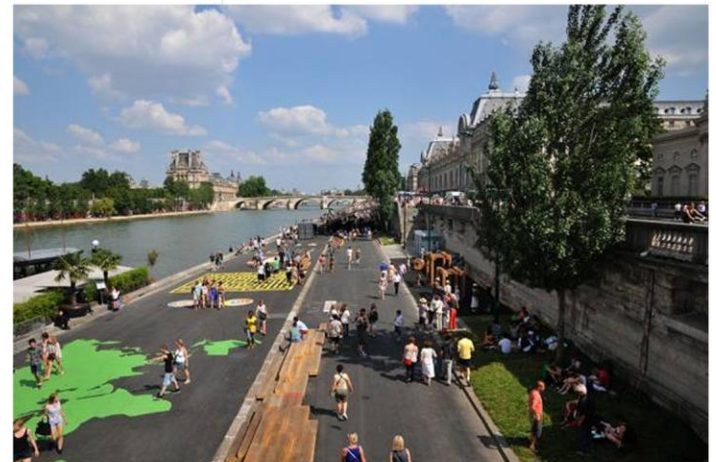
FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO A SER INTERVENCIÓNADO



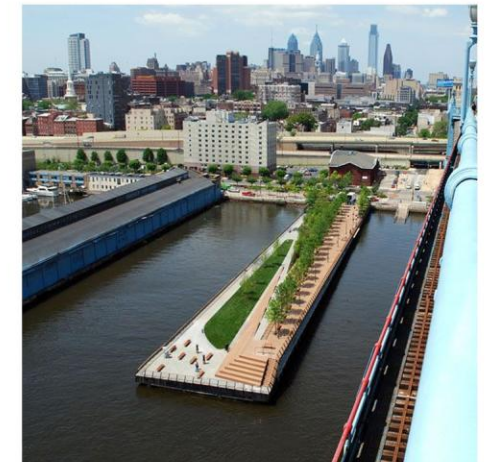
CASOS DE ESTUDO ANALISADOS



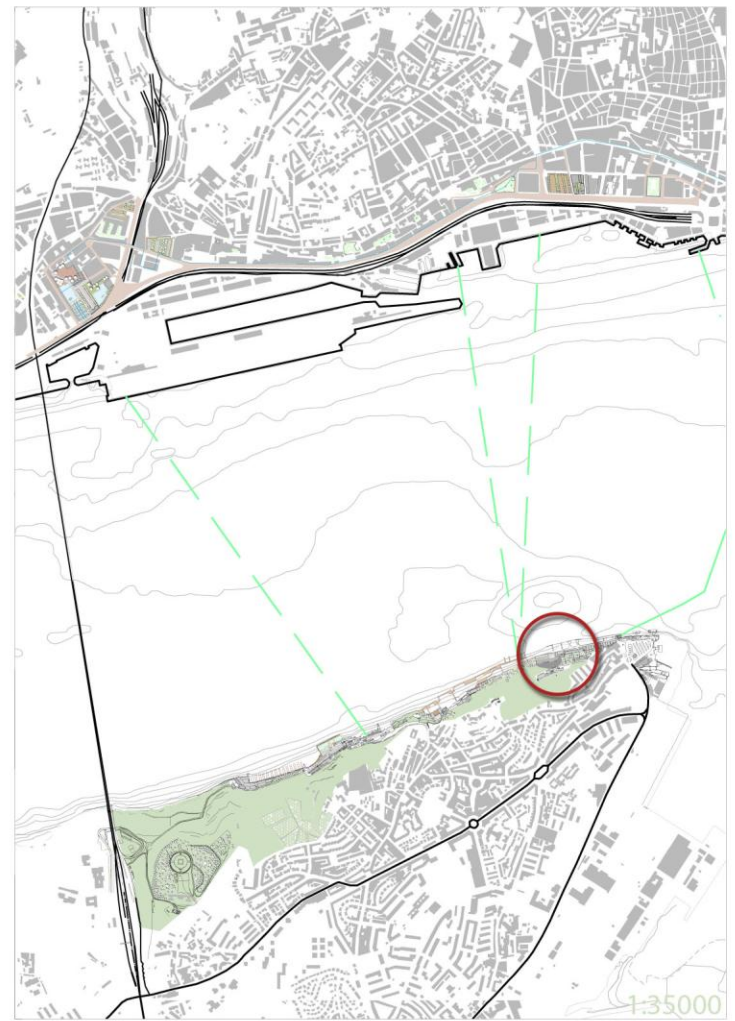
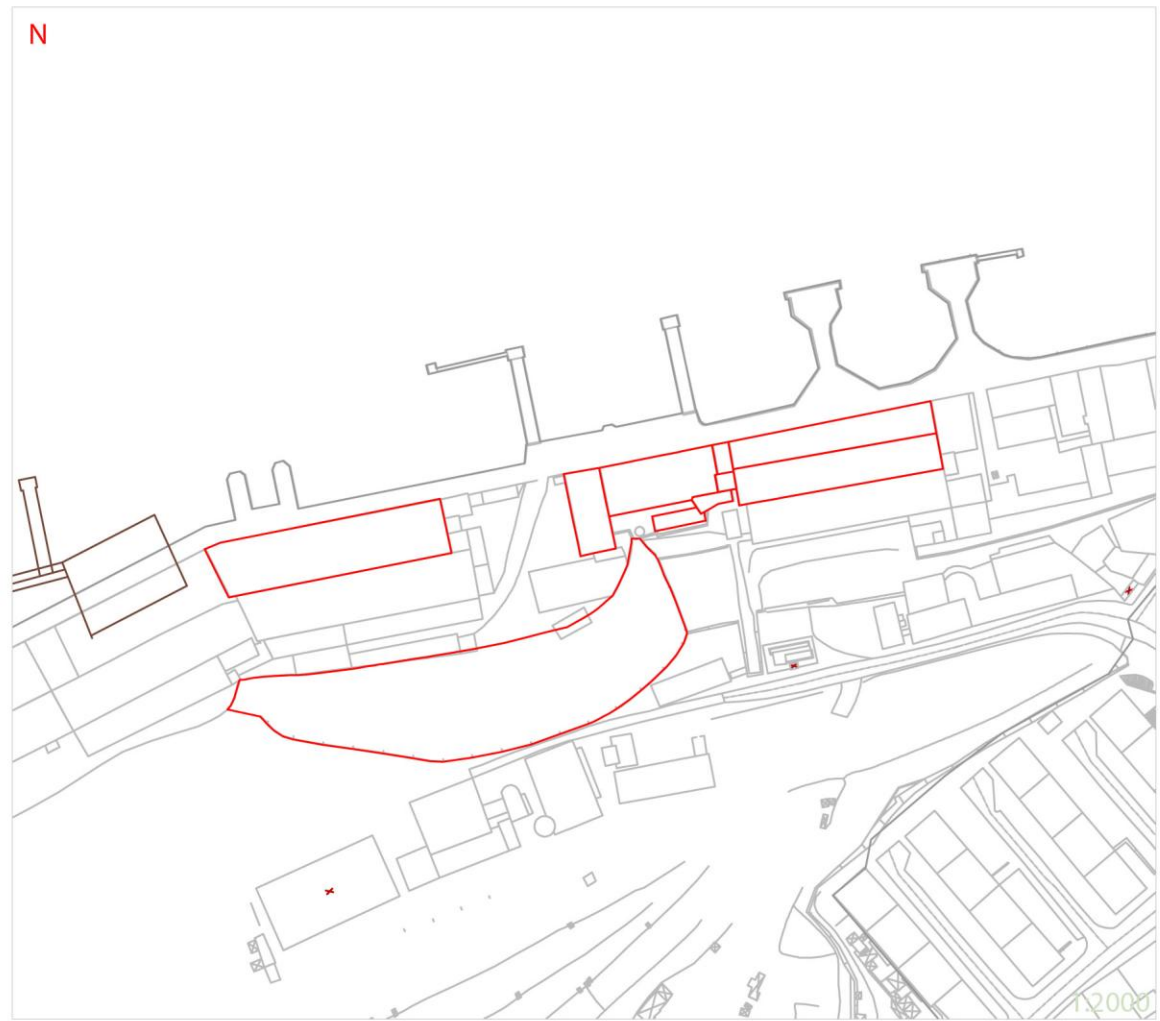
Hornsbergs Strandpark de Nyréns Architects



Berges de Seine de Franklin Azzi Architecture



Race Street Pier de James Corner

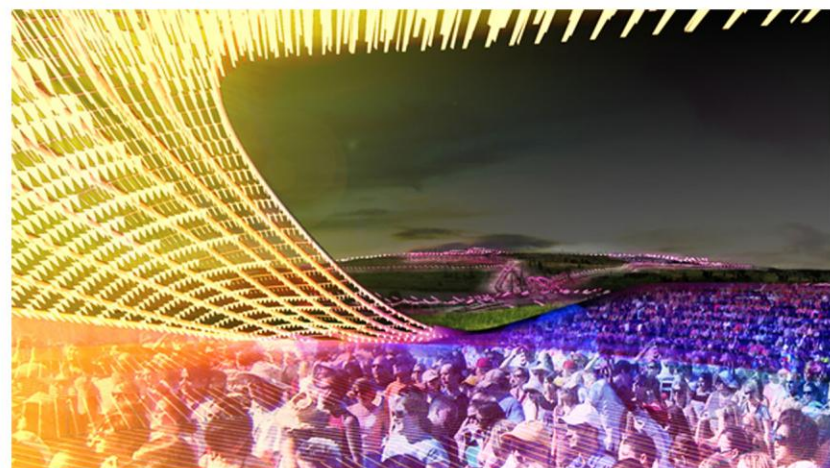
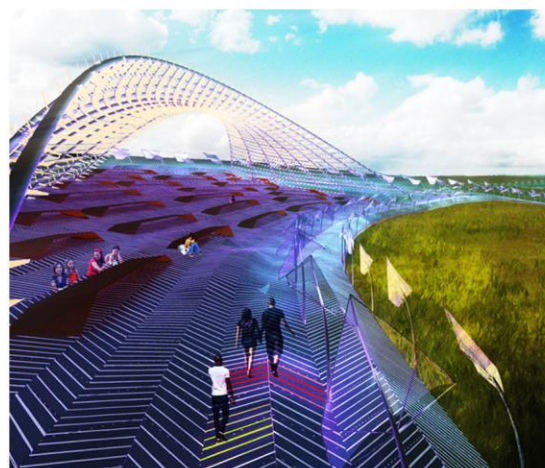


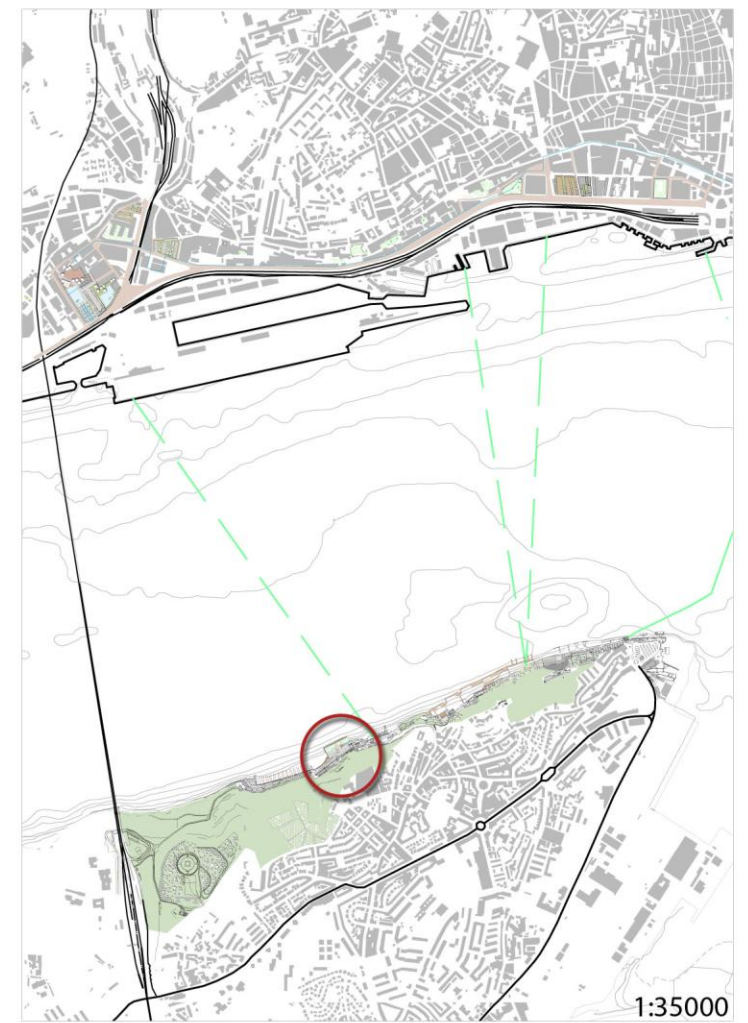
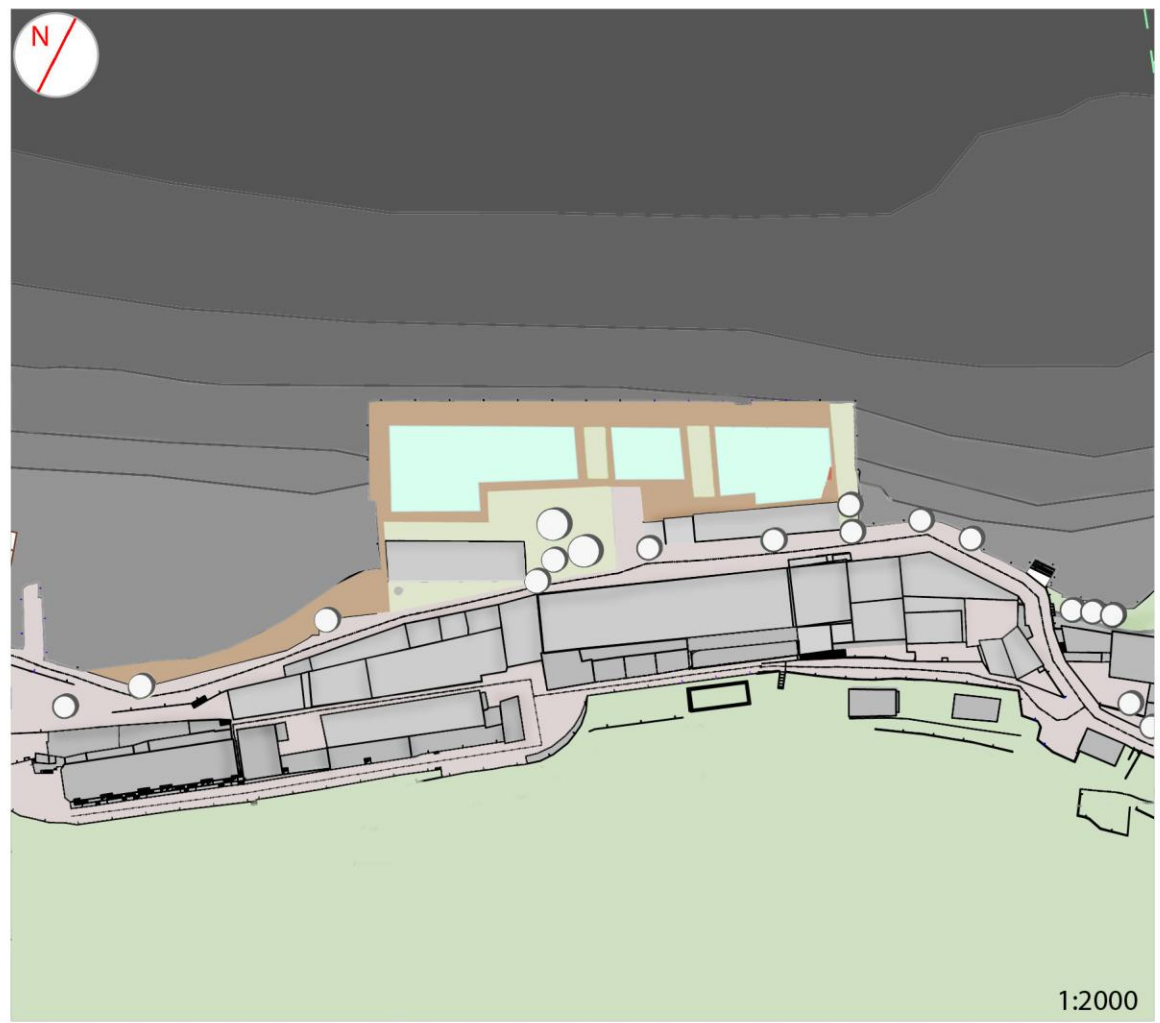
FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO A SER INTERVENCIONADO



CASOS DE ESTUDO ANALISADOS

Fresh Kills de Barker Freeman





FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO A SER INTERVENCIONADO



CASOS DE ESTUDO ANALISADOS



Public Pool for Moscow de 100architects



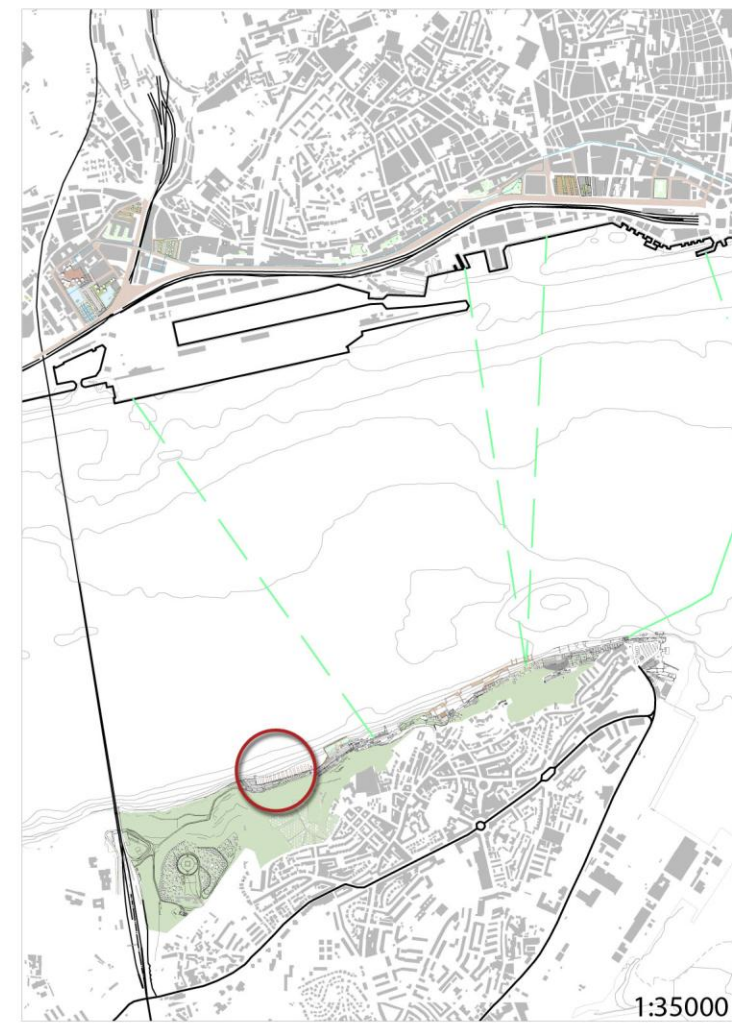
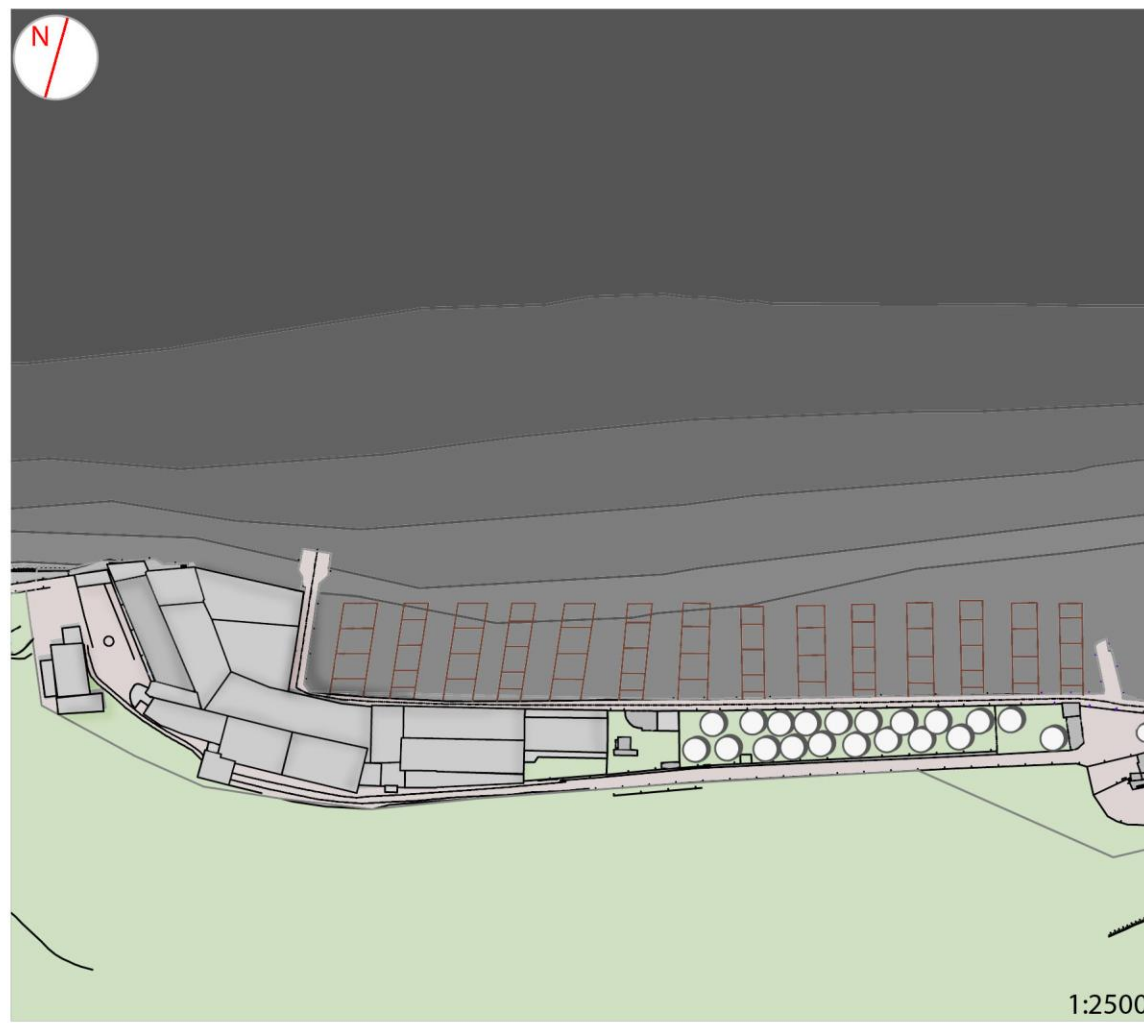
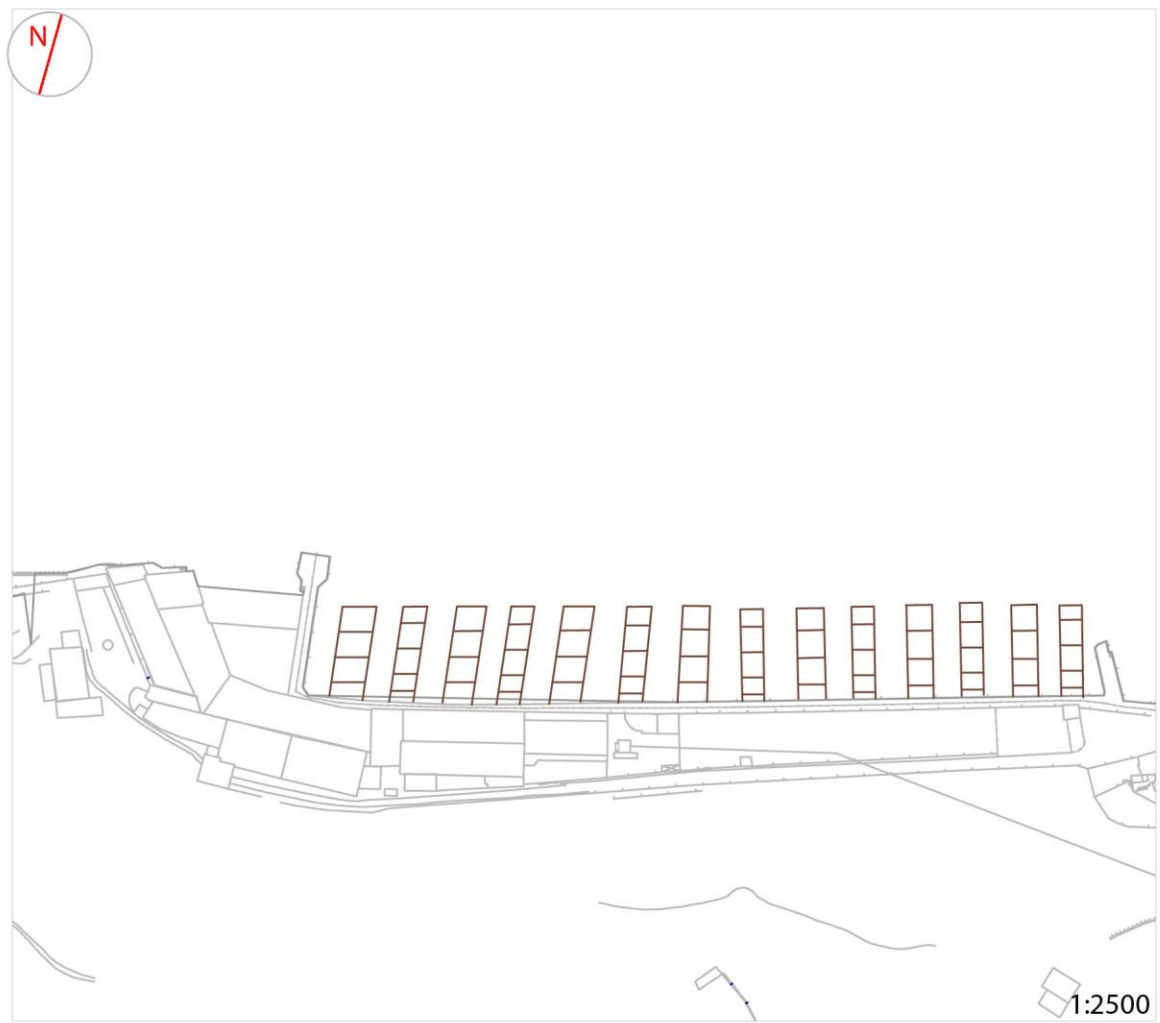
Vinterbad Brygge de BIG



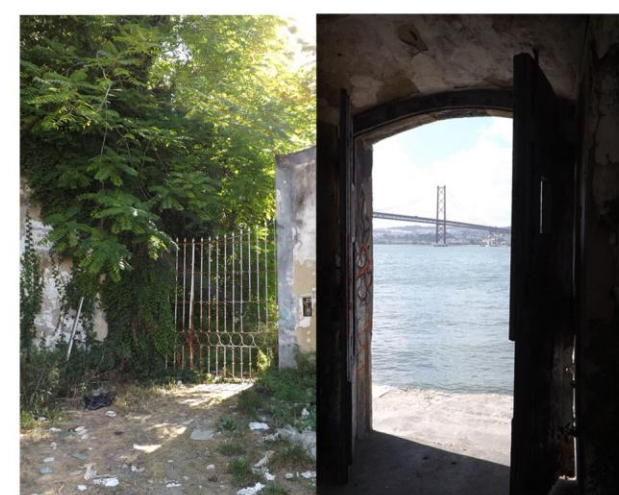
Blackfriars Baths de Studio Octopi



Temple Baths de Studio Octopi



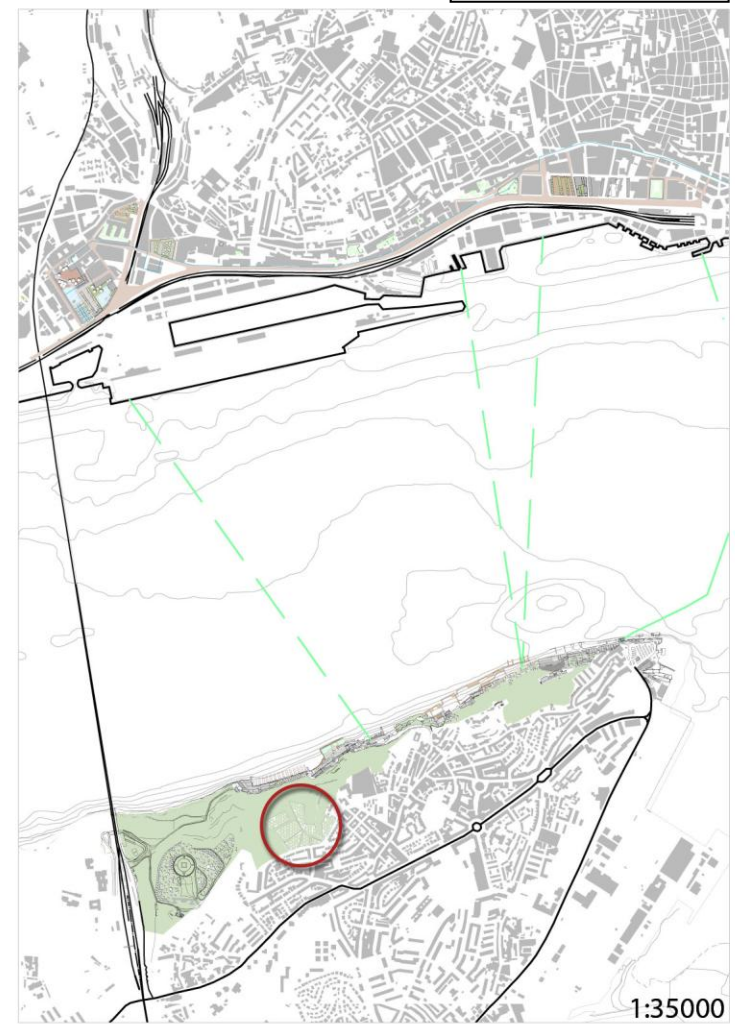
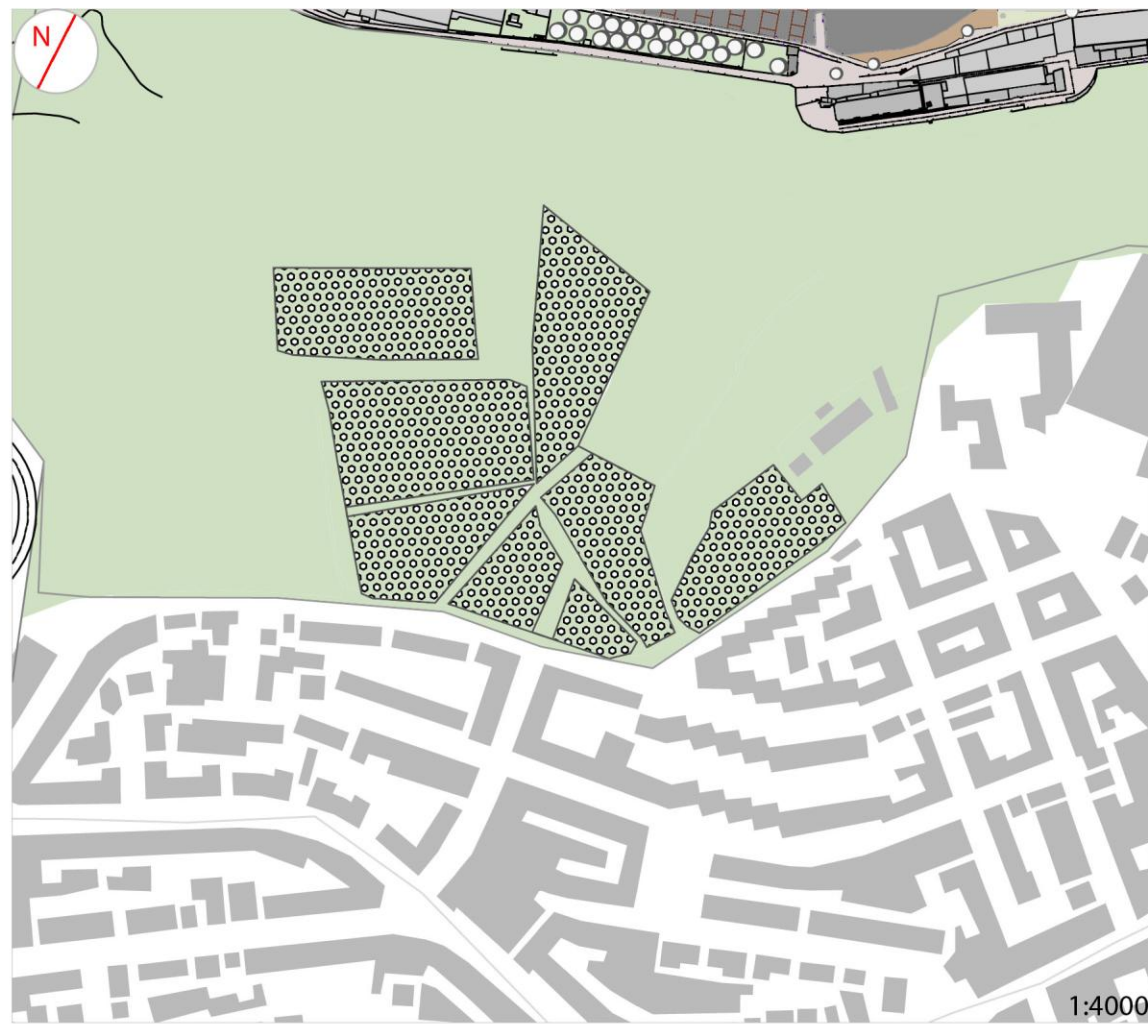
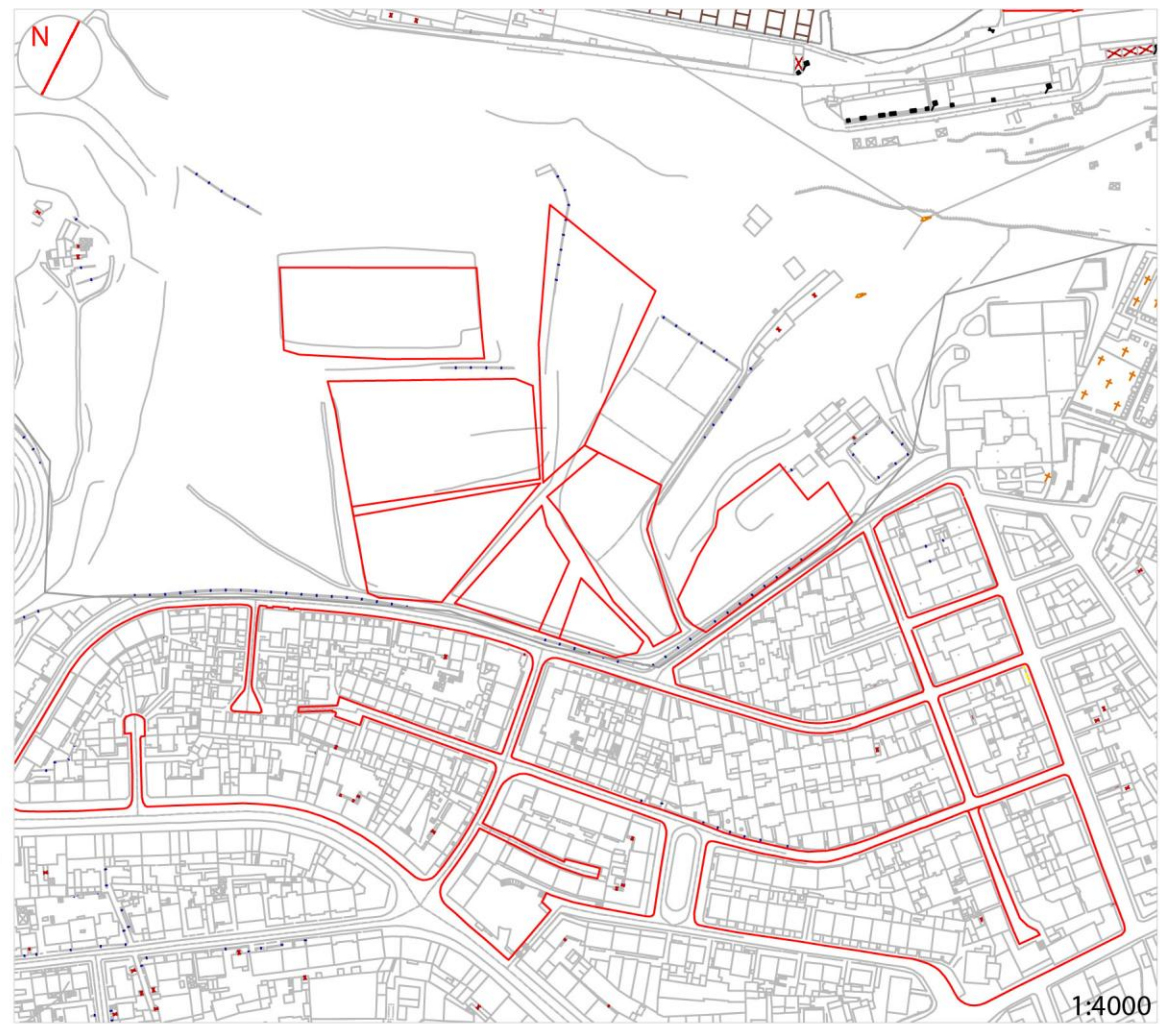
FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO A SER INTERVENÇIONADO



CASOS DE ESTUDO ANALISADOS

Oyster-Tecture de SCAPE Studio





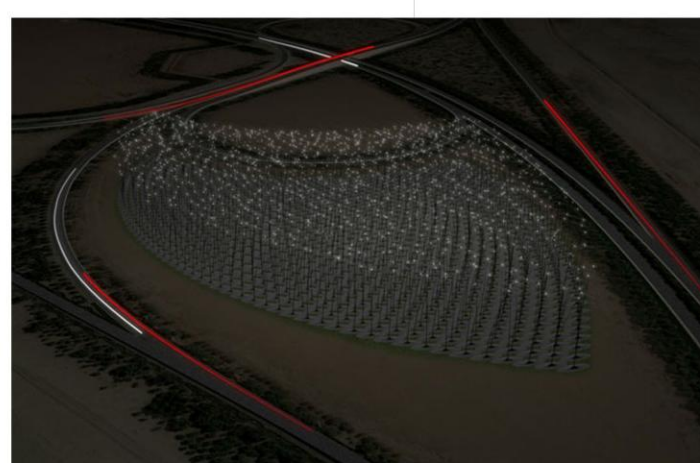
FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO A SER INTERVENCIÓNADO



CASOS DE ESTUDO ANALISADOS



Windstalk do Atelier dna



Windstalk do Atelier dna



Power Flowers de NL Architects

8.CONCLUSÕES

O desenvolvimento deste estudo permitiu aprofundar os conceitos existentes sobre os Espaços em Aberto verificando-se a forma como se interrelacionam complementando-se mutuamente, acrescentando, cada um, uma visão particular de um todo. A incidência sobre o caso específico dos Espaços em Aberto marginais, das cidades de Lisboa e Almada, e as dualidades existentes entre estes e a ocorrência na paisagem de um Espaço Canal, que é simultaneamente um Espaço em Aberto (rio), veio revelar todo um novo conjunto de dinâmicas, ocorrências e peculiaridades que os tornam únicos e diferentes dos restantes espaços em aberto, nomeadamente, nos localizados ao longo da linha ferroviária da cintura interna de Lisboa. Constatou-se que o rio tem um papel predominante na organização das duas cidades, no desenvolvimento do traçado urbano e na determinação dos usos dos vários espaços. É um elemento cultural, é um elemento construtor da paisagem, um ativador de fluxos e dinâmicas entre as duas margens, mas que acaba por constituir, ele próprio, um Espaço em Aberto quando as suas potencialidades não são devidamente exploradas ou são inibidas, ou quando se favorece a monofuncionalidade. A multifuncionalidade surge como um fator preponderante na durabilidade, adaptação e renovação dos espaços, promovendo a sua sustentabilidade e permanência ao longo dos tempos. É de uma importância relevante fomentar uma integração e articulação de morfologias que possa assegurar uma complementaridade e diversidade de usos da paisagem isto é uma evolução para a multifuncionalidade da paisagem, uma ocorrência mais variada de usos, o que dará origem a um maior dinamismo da paisagem. A quebra das barreiras entre cidade-campo, o entendimento da paisagem como um todo, e o estabelecimento de ligações entre as várias escalas de leitura do território, constituem, também, condicionantes importantes na resiliência, na organização espacial e na sustentabilidade das cidades, dos espaços que as constituem e da própria paisagem, fatores que se revelaram fundamentais para o desenvolvimento das propostas de intervenção.

A atuação sobre os Espaços em Aberto, independentemente da sua escala na malha urbana, pode ser o suficiente para reativar dinâmicas, fluxos e ligações entre os vários constituintes da paisagem, ao mesmo tempo que se preserva a identidade cultural do local.

No caso concreto das frentes ribeirinhas de Lisboa e Almada a atuação que se verificou necessária, e que se encontra demonstrada nas várias propostas elaboradas, enfatiza a reconexão das duas margens com o rio, que sempre desenvolveu um papel identitário destas duas áreas, desde o início da sua ocupação. Os espaços marginais são indissociáveis das dinâmicas do rio e da encosta, quer pela influência da subida e descida das águas, quer pela circulação das brisas, quer pelas ligações fluviais entre margens, trocas comerciais marítimas, atividade piscatória, atividades culturais, recreativas e de lazer.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

- Alfaiate, M. T., 2000. Expressão dos valores do sítio da paisagem. Tese de Doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia. Lisboa.
- Angélil, M.M. e Klingmann A., 1999. *Hybrid morphologies: Infrastructure, architecture, landscape*. Daidalos, 73, 16-25.
- Ascher, F. 2010 *Novos Princípios do Urbanismo*. Livros Horizonte,Lda
- Augé, M., 1998. *Não lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Bertrand Editora, 2ª ed.
- Berger, A. (2006). *Drosscape: Wasting Land in Urban America*. New York: Princeton Architectural Press.
- Brito, M. M. (2011). *Circunstância e oportunidade do Espaço em Aberto na cidade de Lisboa | Metodologia e processo do projecto em Arquitectura Paisagista*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Departamento de Recursos Naturais, Ambiente e Território, Lisboa.
- Cabral, F. C. (1993) Fundamentos da Arquitectura Paisagista. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza
- Clement, G., 2007. *Manifesto del tercer paisaje*. GG mínima, Barcelona.
- Corner, J. (1999). *Recovering landscape: essays in contemporary landscape architecture*. New York: Princeton Architectural Press.
- GIL, Ana Filipa da Costa - Projectar com o lugar. Indústrias criativas. Escola de artes cénicas do Ginjal. Lisboa : FA, 2010. Tese de Mestrado
- Goitia, F. C. *Breve História do Urbanismo*, 8º edição, Lisboa, Maio 2010, Editorial Presença
- Ingersoll, R. (2006) *Sprawltown Looking for the City on its Edges*
- Jorge, Pedro António Fonseca, (2007) *Cerzir a cidade*.
- Koolhas, R. (1998) *The Generic City*
- Koolhas, R. (2001) *Junkspace*
- Lecoq, N (2009-2010) *Recuperação da Paisagem e Impacte Ambiental*
- Lynch, K., 1960. *A Imagem da Cidade*. Edições 70, Lisboa.
- Lynch, K., 1961. *A Boa Forma da Cidade*. Edições 70, Lisboa.

- Magalhães, M. R. (2001). *A Arquitectura Paisagista Morfologia e Complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa, Lda.
- Magalhães, M. R. (s/data). *Paisagem – Perspectiva da Arquitectura Paisagista*
- Magalhães, M. R., Abreu, M. M., Lousã, M., & Cortez, N. (2007). *Estrutura Ecológica da Paisagem, Conceitos e Delimitação - Escalas Regional e Municipal*. Lisboa: ISA Press.
- Magalhães, M. R.; *Paisagem urbana e interface urbano-rural*, pp. 99-120, DGOTDU, 1994
- Marot, S. (2006) *Suburbanismo y el arte de la memoria*. Land&Scape Series, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona.
- Matos, R. S. (2010) *A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano – Reflexões*. Tese apresentada à Universidade de Évora para a Obtenção do Grau de Doutor em Artes e Técnicas da Paisagem
- Mc Harg, Ian ; (1969) *Design with Nature.*, Doubleday
- Murteira, M.R. - *Novos espaços em aberto. Estudo comparativo: Aeroporto de Lisboa e Tempelhof*. Lisboa: ISA, 2013, 100p.
- Reynolds, R. (2008) *On Guerrilla Gardening: A Handbook for Gardening without Boundaries*
- Telles, G. R.; (1994) *Paisagem global*, pp. 31-45, DGOTDU
- Per, A. e Arpa, J.,2008. *The Public Chance New Urban Landscapes*. Vitoria-Gasteiz, Espanha, a+t ediciones
- SANTOS, Silvia Simões dos - *Espaços urbanos expectantes como oportunidades para a requilificação entre a cidade e o rio (envolvente da cordoaria)*. Lisboa : FA, 2011. Tese de Mestrado
- Solà-Morales, I., (1995). *Terrain vague*. In C. Davidson (ed), *Anyplace*, MIT Press, Cambridge, 118-123.
- Trienal de Arquitectura de Lisboa. (2007). *Vazios Urbanos, Urban Voids*. Caleidoscópio.
- Waldheim, C. (2005). *The Landscape Urbanism Reader*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press NY.

Revistas

Almada Boletim nº 217 (Junho de 2015), CMA

Daidalos nº 73 (Outubro de 1999) Architecture Goes Landscape

Espaços nº 29 (Junho/Julho 2002) “A Problemática Urbana no Século XXI” p. 78-80

Metrópoles- Revista da Grande Área Metropolitana de Lisboa nº 9 (1º trimestre de 2005)
“Recriar a Paisagem Metropolitana” p. 22-23

Paisea. (Março de 2011). #016 *Cicatrices*.

Paisea (Dezembro de 2009). #011 *Periferia*

Revista APAP nº11 (Outubro de 2015) Fazer Paisagem, Making Landscape

Topos 59 (2007) Water Design and Management

Topos 64 (2008) Growing Cities

Topos 69 (2009) Reuse

Topos 71 (2010) Landscape Urbanism

Topos 73 (2010) City Regeneration

Sitografia

ALMADA VIRTUAL MUSEUM (15 de junho de 2014), “Fonte da Pipa e seu Caminho”. Disponível em
URL: <http://almada-virtual-museum.blogspot.pt/2014/06/fonte-da-pipa-e-seu-caminho.html>

ARCHITIZER (2 de Fevereiro de 2015), “ Senator Renzo Piano’s G124 Team is Poised to Transform
Italy’s Cities, One Shipping Container at a Time”. Disponível em URL:
<http://architizer.com/blog/renzo-piano-g124/>

CREATIVEREVIEW (Fevereiro 2014), “ The New English Landscape”. Disponível em URL:
<http://www.creativereview.co.uk/cr-blog/2014/february/the-new-english-landscape/>

EPIC WEBGIS PORTUGAL (2016). Disponível em URL: <http://epic-webgis-portugal.isa.ulisboa.pt/>

IRELAND BROWNFIELD NETWORK (2012). Disponível em URL:
<http://www.irelandbrownfieldnetwork.com/>

LANDARCHS (13 de Junho de 2015), “Waterplein Benthemplein Reveals the Secret of Versatile Water Squares”. Disponível em URL: <http://landarchs.com/waterplein-benthemplein-reveals-the-secret-of-versatile-water-squares/>

LANDARCHS (27 de Maio de 2015), “What’s the Problem With Urban Agriculture?”. Disponível em URL: <http://landarchs.com/whats-the-problem-with-urban-agriculture/>

LISBOA INTERACTIVA (2012). Disponível em URL: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>

PAVCONHECIMENTO (s/data) “Roteiro 1”. Disponível em URL: http://www.pavconhecimento.pt/roteiro1_vagueando/pt/aterro.html

PORTUGAL MEMÓRIA (8 de Setembro de 2015), “Alcântara-Mar”. Disponível em URL: <http://portugalmemoria.blogspot.pt/2015/09/alcantara-mar.html?view=snapshot>

RESTOS DE COLECÇÃO (11 de Janeiro de 2011), “Estaleiros Navais H. Parry & Son”. Disponível em URL: <http://restosdecoleccion.blogspot.be/2011/01/estaleiros-h-parry-son-lda.html>

THE CREATOR’S PROJECT (6 de Julho de 2015), “(Summer Break of the Future) The Pool That’s Also an Abstract Painting”. Disponível em URL: http://thecreatorsproject.vice.com/blog/summer-break-of-the-future-the-pool-thats-also-an-abstract-painting?utm_source=tcpfbus

THE GUARDIAN (18 de Fevereiro de 2015) “Defensive Architecture keeps poverty undeem and makes us more hostile”. Disponível em URL: <http://www.theguardian.com/society/2015/feb/18/defensive-architecture-keeps-poverty-undeem-and-makes-us-more-hostile>

THE NEW ENGLISH LANDSCAPE (23 de Maio de 2014) “Camera Lucida by Roland Barthes”. Disponível em URL: <https://thenewenglishlandscape.wordpress.com/tag/camera-lucida-by-roland-barthes/>

TREEHUGGER (28 de Abril de 2014) “A Moveable Feast: The Bowery Project is an instante prefab demountable urban farm “. Disponível em URL: <http://www.treehugger.com/green-food/bowery-project-instant-farm.html>

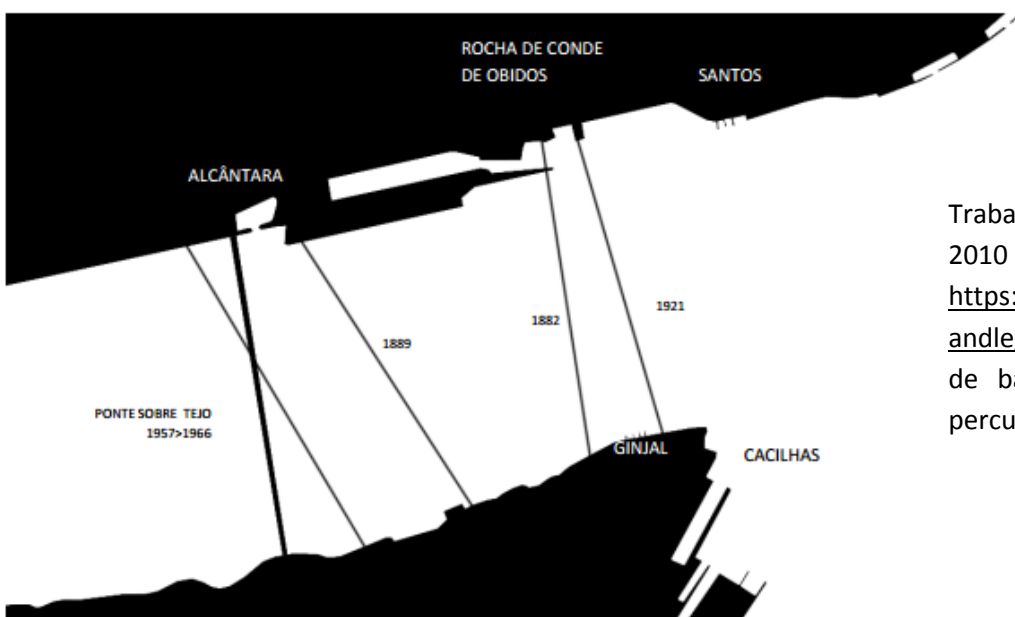
NL ARCHITECTS (2010), “Power Flowers”. Disponível em URL: <http://www.nlarchitects.nl/slideshow/71/>

OASRS (2007) “Vazios Urbanos”. Disponível em URL: http://oasrs.org:8080/documents/11013/14748/dossiers_10_vazios_urbanos.pdf/ac103975-bd78-430f-98dc-991df32859de

ANEXOS



Proposta de intervenção montada sobre o ortofotomapa onde são visíveis: o percurso dos barcos a manter e os percursos a serem reativados.



Trabalho elaborado por Ana Gil, 2010 disponível no URL: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2892> , que serviu de base para a proposta dos percursos dos barcos

Figura 9: Travessia dos Cacilheiros, desde 1882.

Cartografia e documentação, utilizadas para análise e elaboração da proposta, consultadas na Faculdade de Arquitectura de Lisboa e na Biblioteca Nacional.



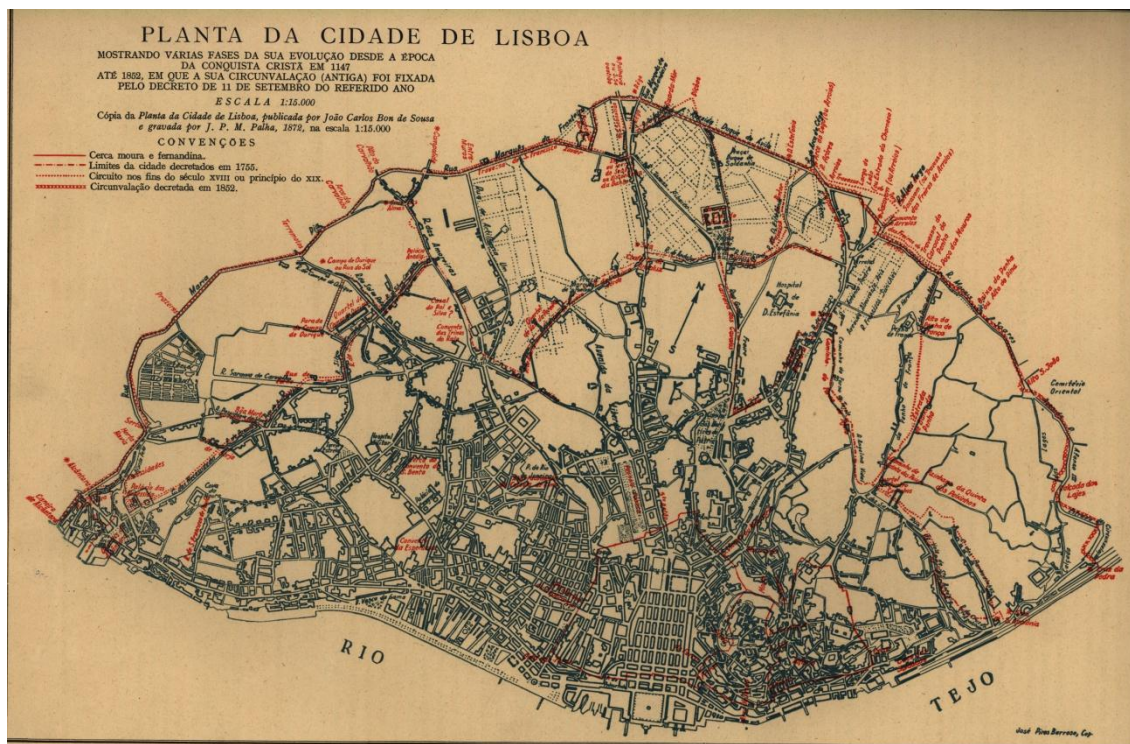
Plano Geral da Cidade de Lisboa em 1812



Plano da Cidade de Lisboa - Belém



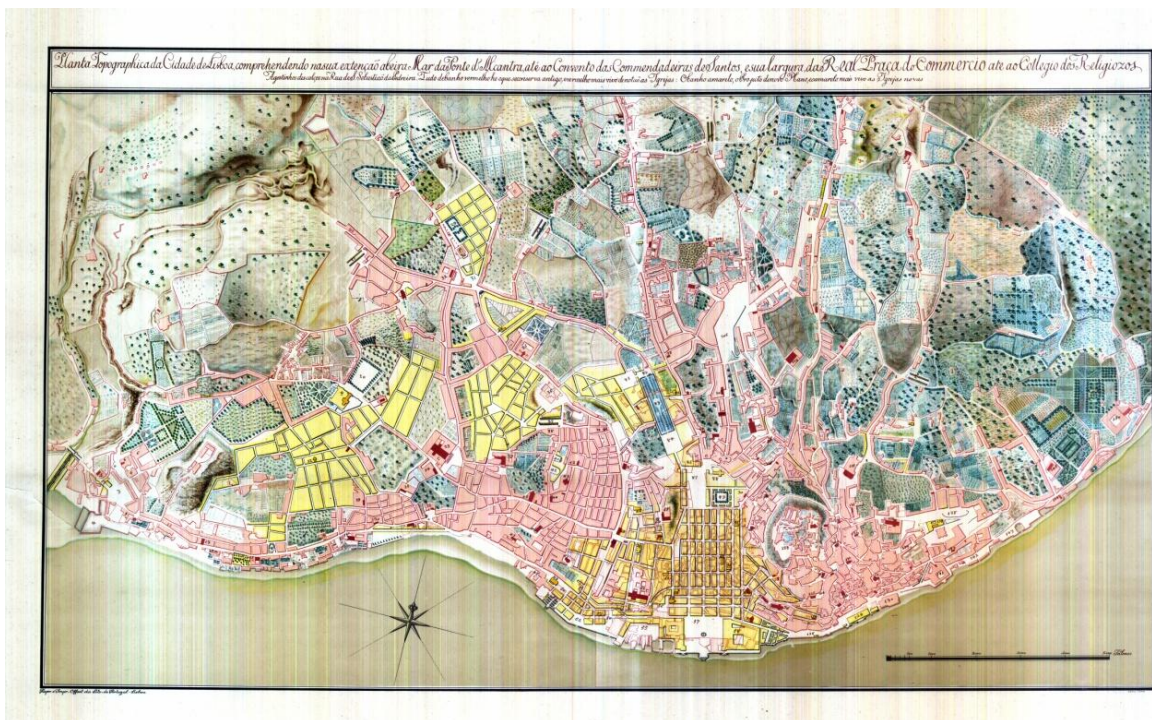
Planta de Lisboa de 1844



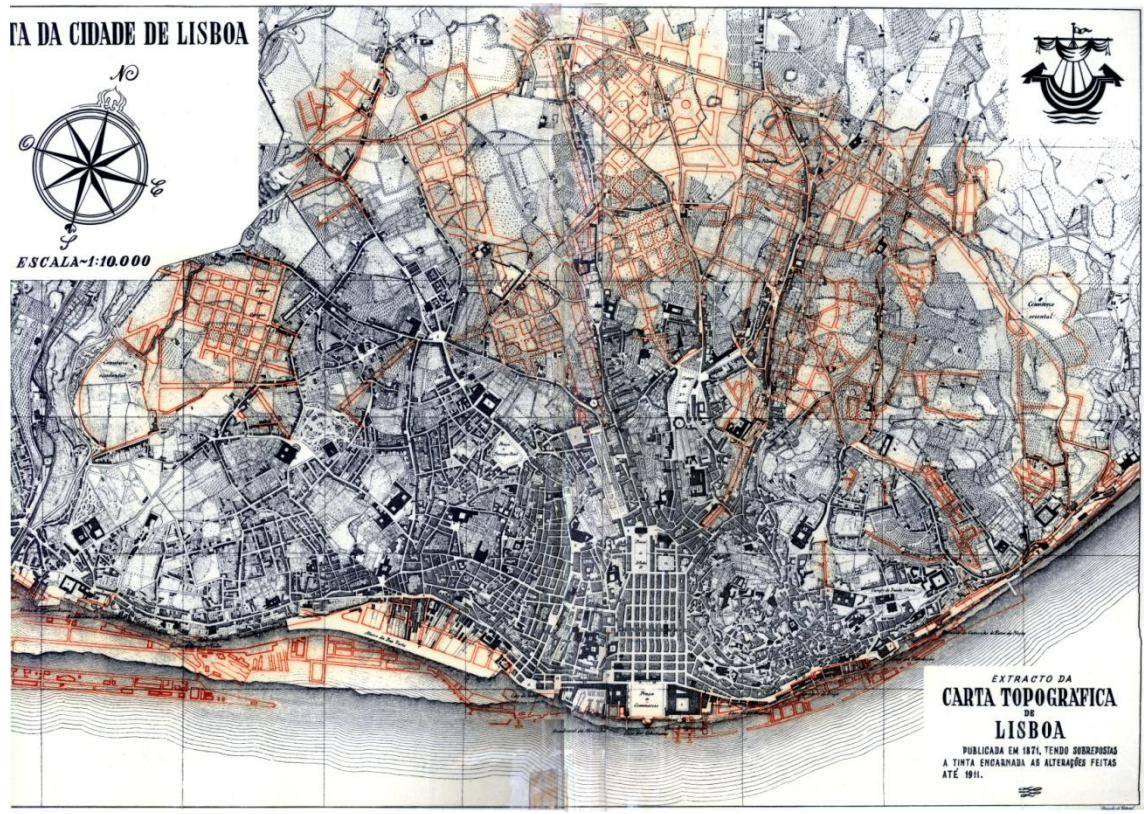
Planta com a evolução da cidade de Lisboa e dos seus limites



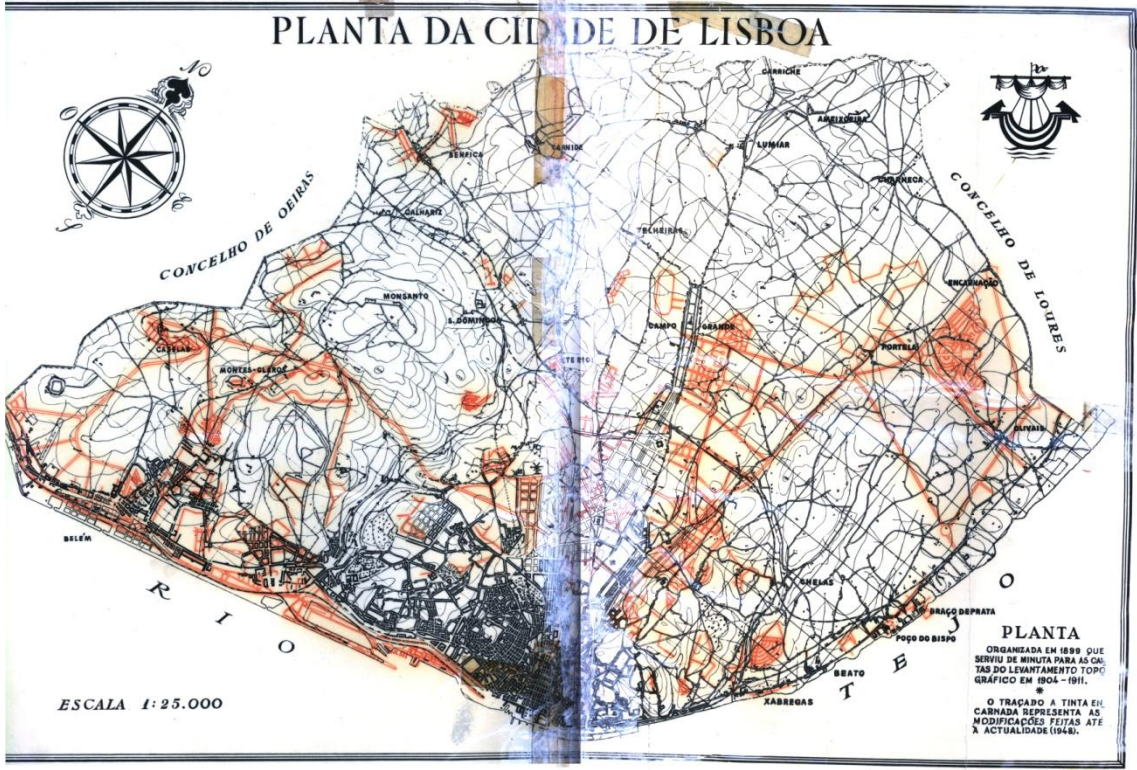
Planta da cidade de Lisboa em 1834



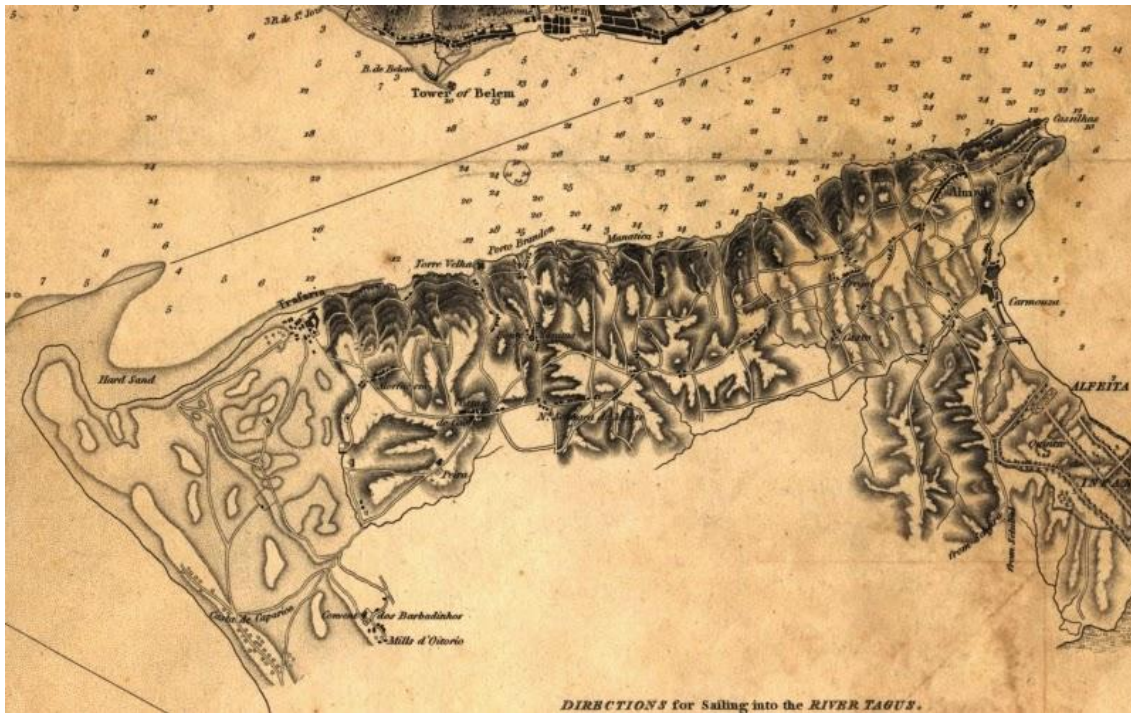
Planta da cidade de Lisboa 1948



Carta topográfica de Lisboa de 1871 com as alterações feitas, a tinta encarnada, até 1911.



Planta da cidade de Lisboa com as alterações feitas, a tinta encarnada, até 1948.



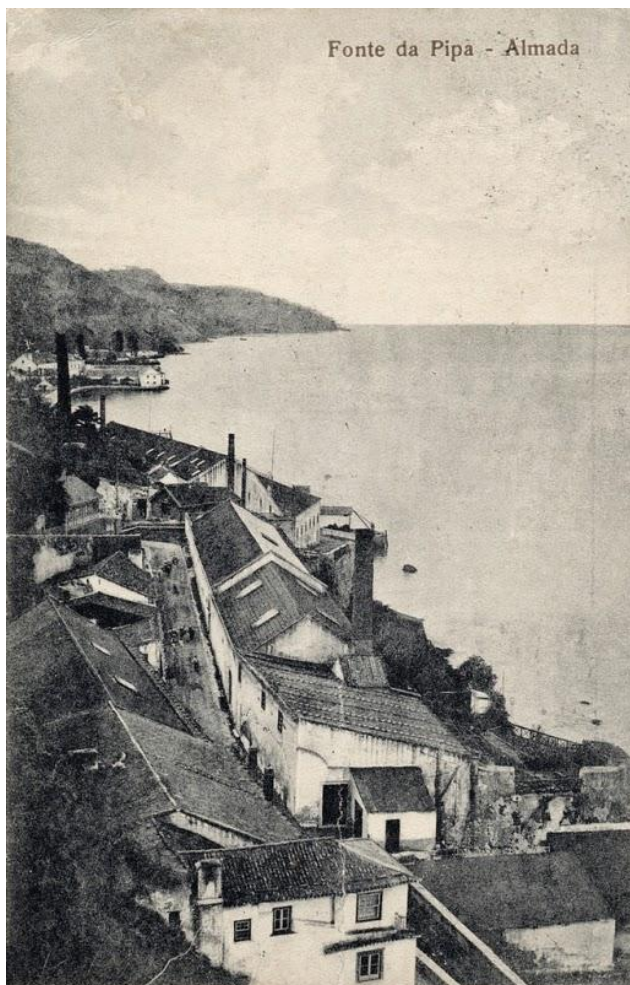
Carta topográfica de 1806 da entrada feita pelo rio Tejo de W. Chapman



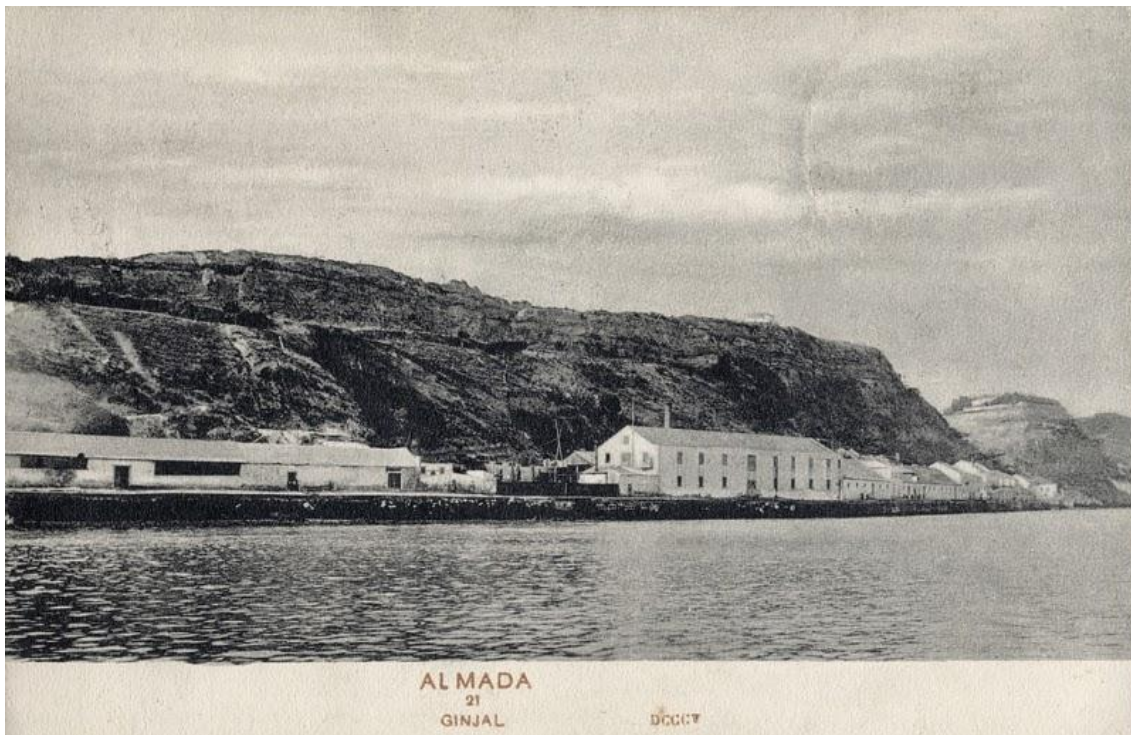
Planta de 1833



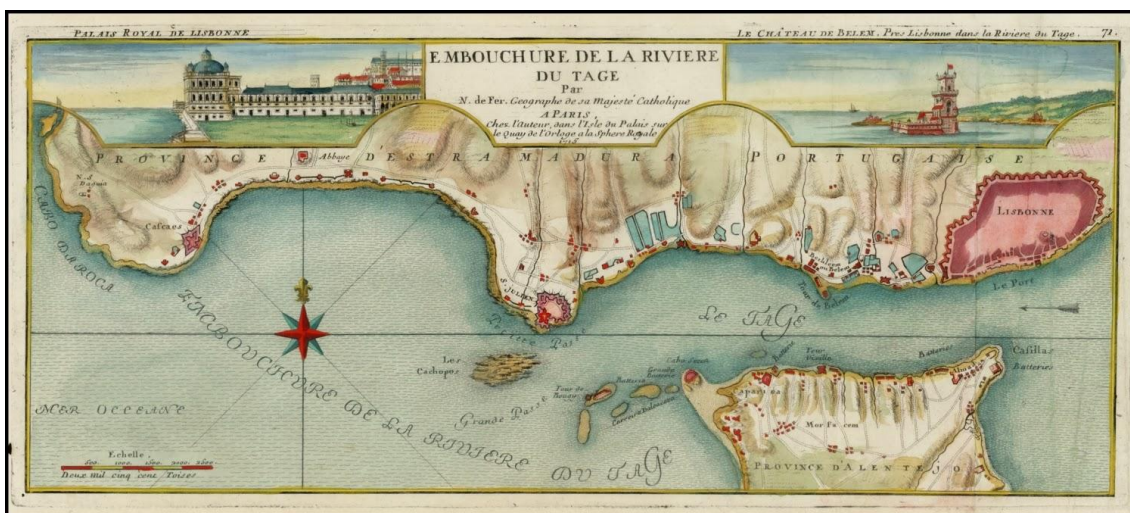
Mapa Lisboa Almada 1902



Almada, Olho-de-Boi, Fonte da Pipa, 1900 disponível em URL: <http://almada-virtual-museum.blogspot.pt/2014/06/fo-nte-da-pipa-e-seu-caminho.html>



Almada, Ginjal. Disponível em URL: <http://almada-virtual-museum.blogspot.pt/2014/06/h-parry-son-estaleiro-no-ginjal.html>



Mapa de 1715 de Nicholas de Fer.

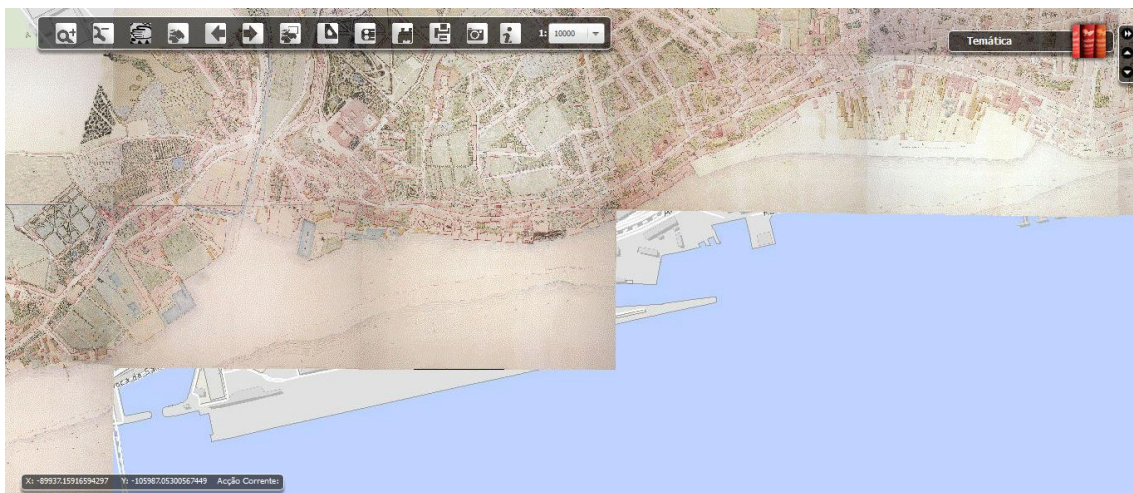
Cartografia usada na elaboração da Fig. 11 disponível em URL: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>



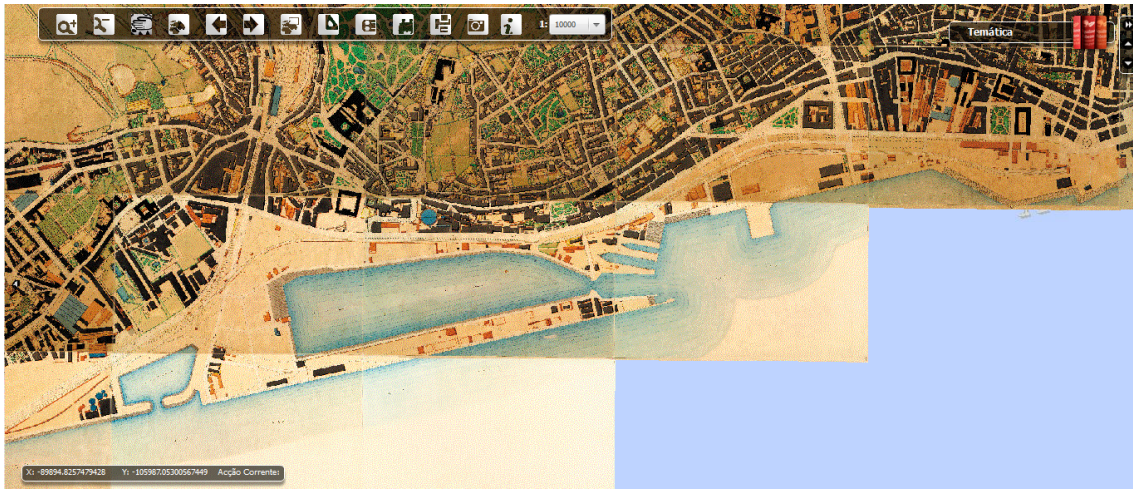
Planta de Duarte Fava de 1807 sobre a planta actual



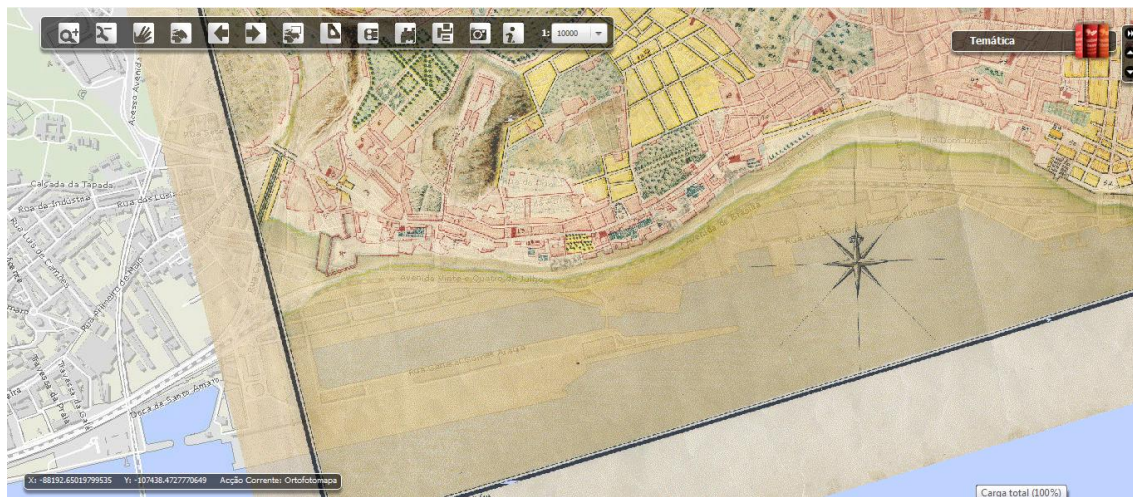
Planta do Duque de Wellington de 1812



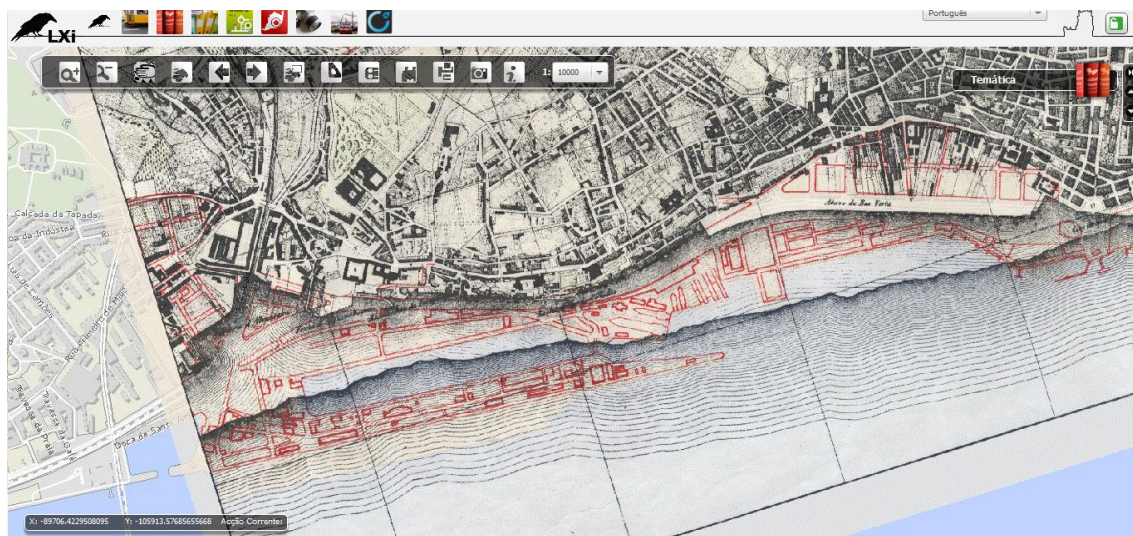
Planta de 1856-58 de Filipe Folque



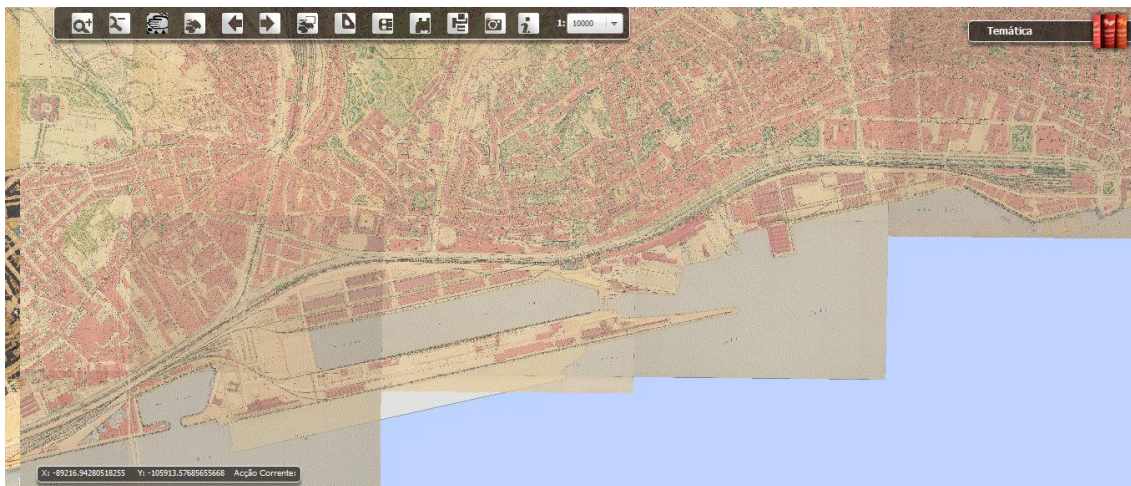
Planta de 1911 de Filipe Pinto



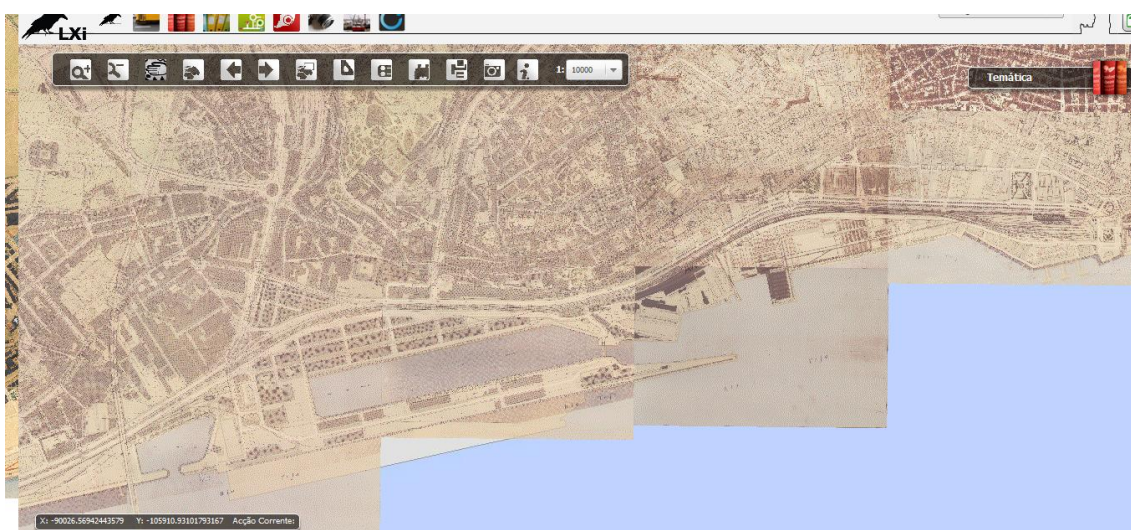
Planta topográfica de Lisboa de 1780 sobre a planta actual



Planta de 1871 da CML



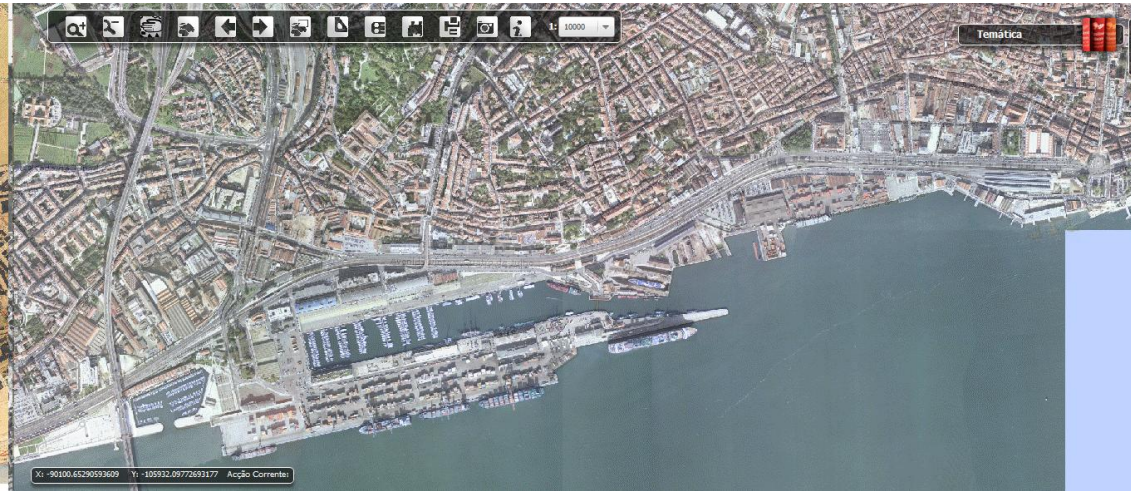
Planta de Lisboa de 1950



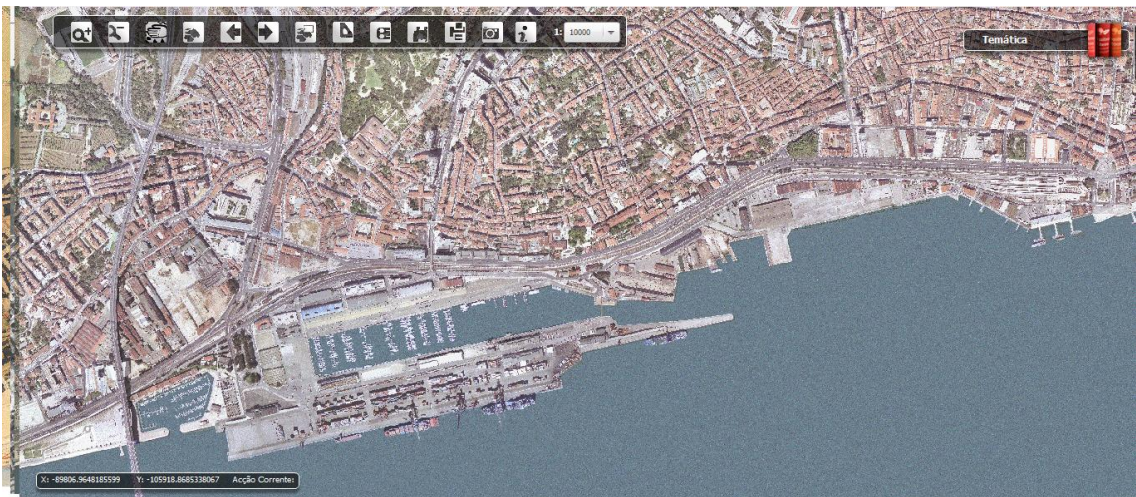
Planta de Lisboa de 1970-83



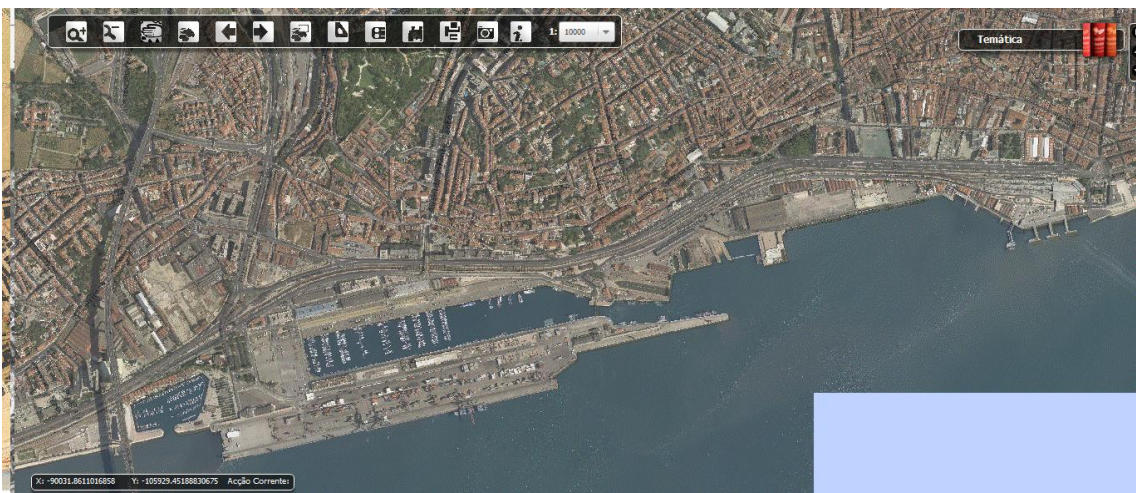
Fotografia aérea de Lisboa de 1958



Ortofotomapa de Lisboa de 2003



Ortofotomapa de Lisboa de 2006



Ortofotomapa de Lisboa de 2011



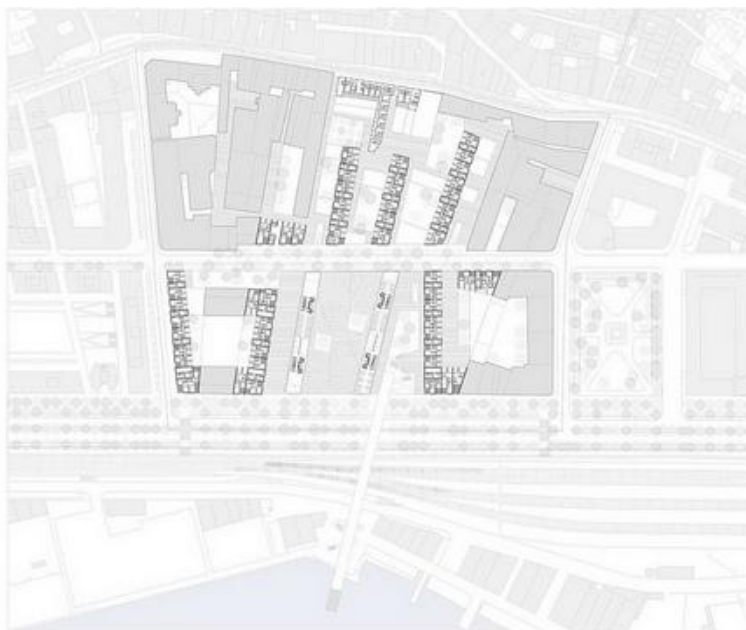
Carta topográfica da cidade de Lisboa de 1856-1858



Fotografia aérea do início do século XX do Aterro da Boavista disponível em URL:
<https://www.flickr.com/photos/oasrs/5160980903>



Planta do Aterro da Boavista em 1908 disponível em URL:
<https://www.flickr.com/photos/oasrs/5161584048/in/photostream/>



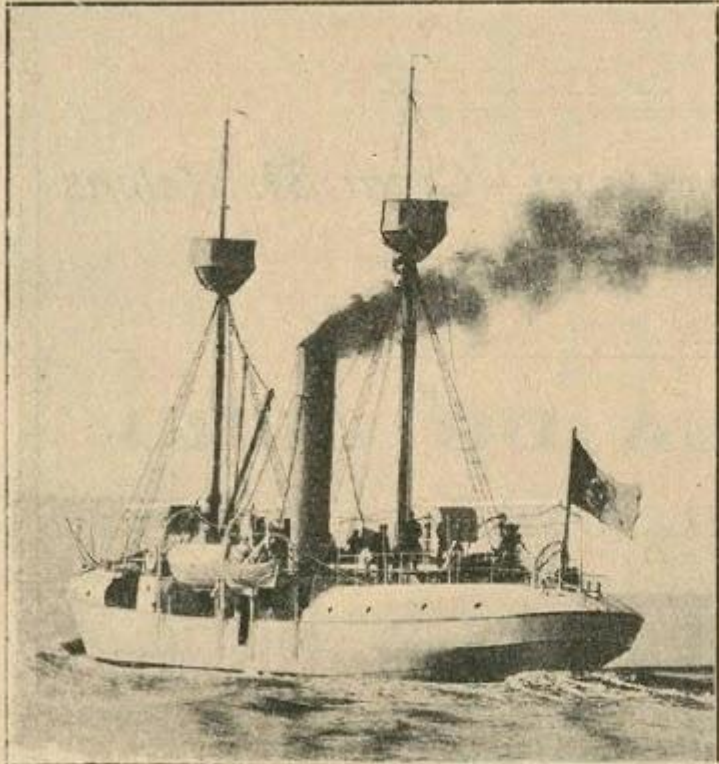
Projeto para da nova sede da EDP disponível em URL:
<https://www.flickr.com/photos/oasrs/5160979999/in/photostream/>



Refinaria Colonial em Alcântara (Disponível em URL: <http://www.sidul.pt/empresa/historia/>)

H. PARRY & SON

Engenheiros



Construção de navios
de ferro

CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
PARA TERRA E MAR

FUNDIÇÃO DE FERRO
E METAES

6-A Rua Vinte e **6-B**
Quatro de Julho
Lisboa

Telephone: 689 Endereço telegraphico:
NAVIOS

**Docas de reparação
em Cacilhas**

ESTALEIRO NO GINJAL

A canhoneira - Chalmite - construída no nosso estaleiro

Cartaz dos Estaleiros Parry & Son evidenciando a ligação entre as duas margens, com instalações em Lisboa (Rua Vinte e Quatro de Julho) e em Almada (Gingal). Disponível em URL: <http://almada-virtual-museum.blogspot.pt/2014/06/h-parry-son-estaleiro-no-ginjal.html>